HARLEQUIN

RAINHAS DO ROMANCE



Da mesma autora de
*Encontro de almas*

# ENCONTRO DE CORAÇÕES

Sarah Morgan

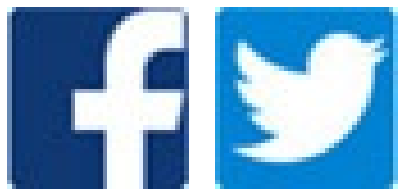
Autora Bestseller do *USA TODAY*

EDIÇÃO 102

**Um bebê na porta do pediatra.**

Alex Westerling é um médico brilhante. Além de comprometimento e dedicação, ele possui um toque mágico com seus pacientes. Como se isso não bastasse, Alex é uma celebridade. Mas não por seus dotes profissionais, e sim por ser um grande conquistador. Até a bela enfermeira Jenny Phillips bater à sua porta afirmando que ele tivera um filho com sua falecida irmã. Alex tem certeza de que nunca vira aquelas mulheres na vida. Entretanto, Jenny está convicta de que ele é o pai do bebê...



SARAH

MORGAN

# ENCONTRO DE CORAÇÕES

Tradução
*Gracinda Vasconcelos*




2015

# *Capítulo 1*

– CHEGAMOS, QUERIDA. – Jenny desligou o motor com a boca seca e o coração batendo tão acelerado de encontro às costelas que se sentiu tonta. – Prepare-se para conhecer o seu pai.

Fechou os olhos por um breve instante e, em seguida, virou-se para olhar o bebê, atado com segurança a um assento infantil ao lado do seu.

Estaria fazendo a coisa certa?

Sofrera meses para tomar aquela decisão e, agora que chegara o momento, sua mente estava repleta de dúvidas.

Alex Westerling seria de fato o pai certo para um bebê inocente?

A resposta devia ser não.

Contudo que escolha tinha?

Ela afagou a bochecha do bebê com um dedo.

– Sabe que eu não queria fazer isso, não é? Ele pode ser um médico, mas tem uma péssima reputação com as mulheres e jamais assumiu um compromisso com ninguém na vida. A última coisa que gostaria de fazer era apresentá-lo a *você*. – Pausou e mordeu o lábio, a preocupação vincando-lhe a testa. – Mas simplesmente não consigo ver outra saída. Precisamos de ajuda. Não podemos mais seguir por contra própria. E você precisa conhecer o seu pai. É hora de Alex Westerling arcar com suas responsabilidades.

O bebê balbuciou feliz e chutou com as perninhas.

Jenny deu um breve sorriso.

– Daisy Phillips, você é uma linda menina. Vamos apenas torcer para que ele também pense assim.

No entanto, não estava tão otimista. Pelo que lera e ouvira falar sobre Alex Westerling, bebês, mesmo bonitos, não lhe interessavam. Seu interesse se focava nas mulheres maiores de idade.

De acordo com as fofocas, era um playboy rico que gostava de aproveitar a vida, deixando um rastro de corações partidos, e Jenny não tinha dúvida de que a recepção que a aguardava seria decididamente fria.

Retardando o momento de deixar o carro, virou-se para olhar através da janela, para as águas do oceano que cintilavam à luz do sol. O dia estava lindo. E ela nunca se sentira mais nervosa em toda sua vida.

Detestava confrontos e não precisava ser um gênio para saber que estava prestes a vivenciar um, e dos grandes.

Alex Westerling *não* ficaria satisfeito ao vê-la.

– Bem, vamos acabar logo com isso. – Cerrou os dentes e olhou para a fileira de cabanas de pescadores que se estendiam nas dunas de areia. – Pelo menos o homem tem bom gosto. Vive em um lugar agradável. Junto à praia. Você vai gostar quando for um pouco mais velha.

Jenny abriu a porta, saiu e contornou o veículo. Daisy ainda estava soltando bolinhas de saliva enquanto ela desafivelava as correias e erguia o bebê com cuidado para fora do assento.

Em seguida, respirou fundo, trancou o carro e parou no topo do caminho.

– Prepare-se, Alex Westerling. – murmurou, com a mão tremendo ligeiramente enquanto acariciava as costas do bebê. – O passado está prestes a ajustar contas com você.

A TRÊS quilômetros de distância, no setor de emergência de um hospital, Alex Westerling terminou de examinar uma paciente e se endireitou.

– E então? Estou acabada, doutor? – A idosa deitada na maca fez uma careta, mas a ansiedade em seus olhos era visível.

– Não está acabada, Mavis – respondeu Alex suavemente, cobrindo-a com o cobertor e erguendo as laterais da maca. Mas não poderá dançar por algumas semanas. Você quebrou o tornozelo.

– Quebrei meu… – A velha senhora parou e franziu a testa. – Bobagem. Está apenas torcido.

– Está quebrado.

– Você não pode ter certeza. Sequer me pediu um raio-X.

– Farei isso agora – respondeu ele, estendendo a mão para pegar o formulário apropriado. – Mas já sei que está quebrado.

– Como? Por acaso é o Super-Homem? Os médicos já nascem equipados com visão de raio-X nos dias de hoje?

Alex entregou o formulário à enfermeira mais próxima.

– Mavis, você não poderá sobrecarregar o tornozelo e também tem de tomar cuidado com o maléolo medial, que é este osso aqui… – Ele ergueu a perna da própria calça para lhe mostrar e a mulher deu uma piscadela marota.

– Lindas pernas.

Alex riu e baixou a perna da calça.

– Que bom que você pensa assim.

– Então, se é tão inteligente, para que se incomodar com um raio-X?

– Porque quero examinar melhor a fratura – respondeu ele em um tom paciente. – Verificar se não há algo mais que eu deva saber. Quer que eu lhe explique em linguagem científica? Posso lhe dizer exatamente o que estou procurando se achar melhor. Deslocamento talar ou…

– Tudo bem, tudo bem, já entendi. Eu farei o raio-X. – Mavis estudou-o com atenção. – Eu o conheço. Sua foto está sempre nas revistas femininas. Nada em dinheiro. É filho do senhor e senhora alguma coisa. Eles vivem em um solar. Vi as fotos da residência em uma revista. O jardim é maior do que um parque.

A enfermeira congelou e o fitou apreensiva. Alex Westerling era notoriamente reticente quanto à sua vida pessoal e, com certeza, ninguém que trabalhava com ele jamais ousava tocar no assunto.

Um tenso momento de silêncio se abateu na sala e, por fim, Alex sacudiu a cabeça e começou a rir.

– Sabe mais alguma coisa sobre mim, Mavis?

– Apenas que é um destruidor de corações se as informações forem fidedignas.

– Não são – Alex disse seco e seus olhos brilharam.

– Fui atendida por você no inverno passado, não foi? Quando quebrei o quadril. Nunca me esqueço de um rosto. Especialmente quando é tão bonito quanto o seu.

– E eu nunca esqueço um quadril. Suponho que você estava fugindo de um homem, na ocasião – murmurou ele. – Talvez seja melhor apenas ficar parada e deixar que eles a peguem. Dessa forma, vai parar de quebrar seus ossos.

– Bem, se fosse você que estivesse me perseguindo, sem dúvida era o que eu faria – retrucou a velha senhora. – Você é um demônio bonitão. E já estou achando que vale a pena quebrar alguma coisa apenas para esbarrar com você de novo.

Alex parecia visivelmente divertido com a paciente e a enfermeira relaxou.

– Faça-me um favor, Mavis. Da próxima vez que quiser a minha companhia, basta me ligar e vamos nos encontrar para uma xícara de chá ou algo assim. É muito mais simples do que quebrar ossos.

– Você, seu atrevido! Eu tenho 86 anos! Está me convidando para sair?

– Talvez. – Os olhos azuis brilharam. – Mas acho correto avisar que não sou afeito a compromissos.

Mavis riu com prazer.

– Na minha idade, quem se importa? Só quero um pouco de diversão.

Alex sorriu.

– Você é o meu tipo, Mavis. – Ele piscou para a enfermeira que ainda estava por perto. – Pode mandar alguém levá-la ao setor de raio-X, por favor. Assim que obtiver as radiografias, me chame. Não a quero rodando por aí.

– Oh, você não vai me deixar esperando por 24 horas em um corredor frio, né? Já deve ter ouvido falar sobre os terríveis acidentes que ocorrem nos dias de hoje – disse Mavis, e Alex enfiou a caneta de volta no bolso.

– Não no meu departamento. Eu a vejo mais tarde. Tente não chocar ninguém no setor de raios-X ou sofrer mais acidentes no meio do caminho. – Ele saiu da sala e esbarrou em uma das enfermeiras da emergência, que carregava uma pilha de raios-X. – Algum desses é para mim?

Tina negou com a cabeça.

– Acho que não. Passou a maior parte do dia ocupado com aquele caso de ATR, outros tiveram de fazer seu trabalho.

Alex ergueu uma sobrancelha.

– Então, se tive um dia tão folgado, como é que me sinto tão exausto?

Tina torceu o nariz.

– Porque ficou acordado a noite toda e só dormiu duas horas esta manhã, debruçado em sua mesa?

Ele revirou os olhos.

– É… pode ser. Precisamos de mais pessoal ou de menos pacientes. Com certeza há um desequilíbrio em algum setor.

– Então você vai para casa agora?

– Assim que verificar os raios-X de Mavis Belling.

– Oh, não! – Tina parecia desanimada. – A pobrezinha voltou? O que é desta vez?

– Tornozelo. – Alex esfregou o queixo e notou que precisava fazer a barba. – Não é nada tão grave quanto da última vez. Mas quero examiná-la pessoalmente.

Os olhos da enfermeira suavizaram.

– Alguém já lhe disse que é um bom homem, Alex Westerling?

– Curiosamente, não – respondeu Alex. – Na verdade, costumo ouvir o contrário.

– Bem, talvez eu devesse ter dito que você é um bom profissional. Na vida pessoal com certeza não é tão bom. – Os olhos de Tina brilharam alegres. – É muito descuidado com os corações femininos.

Alex bocejou.

– Ora, não comece. Acabei de ouvir Mavis falando sobre as notícias que saem a meu respeito nas revistas.

– Bem, há muitas – retrucou a mulher.

Ele deu de ombros.

– Tenho culpa se o pessoal da imprensa não tem nada melhor para fazer do que ficar me seguindo? Agora, dá um tempo, Tina. Passei a maior parte das últimas 36 horas acordado com aquele caso de ART. Não preciso de um sermão.

Alex caminhou até seu consultório para despachar alguns documentos e permaneceu lá, tentando não adormecer em sua mesa, até que uma das enfermeiras ligou, informando-o que Mavis estava de volta.

Após retirar os raios-X do envelope, os examinou um por um.

– Bem, podia ter sido pior. Está vendo isto? – Ele bateu no raio-X com a caneta. – Você tem uma fratura do maléolo lateral, mas felizmente não é deslocada.

– Por que felizmente?

– Porque não vai precisar de cirurgia. – Alex desligou o negatoscópio. – Você vai precisar de uma bota de gesso, alguns analgésicos e manter a perna elevada. Vou encaminhá-la aos cirurgiões ortopédicos para que eles cuidem do seu caso. Vai gostar deles. São um bando de bonitões. Seja gentil com eles.

Mavis sorriu.

– E vou vê-lo de novo?

– Não, a menos que sofra outra fratura – disse Alex, escrevendo uma carta de encaminhamento enquanto falava. – Agora, como você vai se virar em casa com essa perna engessada?

– Está se oferecendo para me dar banho?

Alex riu.

– Você não é fácil, Mavis. O que eu tinha em mente era algo um pouco mais convencional, como uma enfermeira distrital ou, talvez, um serviço de assistência por um curto período de tempo, até você ficar totalmente recuperada.

Mavis fez uma careta.

– Muito chato.

– Mas prático. Vou escrever uma carta ao seu clínico geral. Ele precisa verificar os seus ossos se ainda não o fez.

Após tomar as providências necessárias, Alex pegou as chaves do carro, o casaco e caminhou em direção ao seu carro.

Os últimos dez dias haviam sido longos e cansativos e estava começando a sentir a tensão.

Por sorte, faltava apenas um dia para o final da semana. Passaria a maior parte do tempo dormindo e surfando.

Sem nenhuma responsabilidade.

ELE NÃO estava em casa.

Jenny tocou a campainha mais uma vez, recuou um passo e olhou para a casa. Não era o que ela esperava. Sabia que Alex Westerling era mais rico do que ela ousaria imaginar, logo era de se esperar que sua casa refletisse seu estilo de vida chamativo. Mas não parecia. Do lado de fora aparentava uma simples cabana de pescador.

Estava tentando descobrir o que isso dizia sobre ele, quando ouviu o poderoso ronco de um motor se aproximando.

Cada músculo em seu corpo ficou tenso, e o coração decolou em um ritmo indecente.

Todos os seus instintos a alertavam de que era *ele* e no minuto que o carro esportivo preto entrou no seu raio de visão, soube que estava certa.

Se a casa fora uma surpresa, o carro era tudo o que ela esperava e muito mais. Uma manifestação sofisticada e reluzente da vaidade masculina que refletia tudo o que ela ouvira falar sobre seus gostos de playboy. Só alguém tão superficial quanto aquele homem gastaria uma fortuna em um pedaço de metal, pensou enquanto ele entrava no caminho que levava à garagem e parava de modo suave.

Jenny levou um pouco de ar aos pulmões e apertou Daisy contra o peito, tranquilizando-se com o calor do seu corpinho.

Agora que o momento finalmente chegara, sentia-se ofegante e em pânico.

Que diabos lhe ocorrera para vir ali? Que loucura a fez pensar que confrontar Alex Westerling era uma boa ideia?

De repente, sentiu vontade de fugir, mas suas pernas estavam tão bambas que não poderia ter fugido mesmo que houvesse um lugar para onde correr. E não havia. Ele estava bloqueando a única passagem.

Movendo-se em um ritmo que serviu para intensificar a sua ansiedade, o motorista saiu do carro e tirou os óculos de sol. E, pela primeira vez em sua vida, Jenny pôs os olhos em Alex Westerling.

Permaneceu imóvel, fitando-o como uma tonta. Tinha visto fotos, é claro. Ele era um dos trigêmeos dos Westerling, e suas fotos estavam em todos os lugares, juntamente com as das duas irmãs, e porque vira suas fotos tantas vezes, pensava que sabia exatamente como ele era. Mas percebia agora que, de alguma forma, conseguira mesclar as fotos com seu desprezo pelo homem e no processo havia distorcido a verdade.

E a verdade era que o homem de pé, à sua frente, era a personificação das mais extremas fantasias femininas.

O súbito aumento da sua frequência cardíaca surpreendeu-a como um choque desagradável.

A palavra "bonito" sequer dava para começar a descrevê-lo. Conhecera homens bonitos antes e nenhum deles causava o impacto físico de Alex Westerling. Tudo nele era exagerada perfeição, os ombros largos, os olhos de um azul surpreendente e a estrutura óssea mais impressionante do que qualquer outra em que ela pusera os olhos.

Era dolorosa e espetacularmente belo para quem gostava de homens arrogantes e poderosos, que se julgavam donos do mundo, Jenny lembrou a si mesma depressa, tentando controlar sua reação.

Alex podia ter boa aparência, mas era o sujeito sem coração que havia arruinado a vida da irmã dela.

E, pela primeira vez, começava a entender como as coisas deviam ter acontecido. Como sua irmã fora levada a se comportar de maneira tão arbitrária e impulsiva. Não era apenas a imensa fortuna e as origens aristocráticas que o diferenciavam dos outros homens, era sua masculinidade, quase indomável, que o envolvia como um manto, uma aura de poder, forte o suficiente para fazer a mais experiente das mulheres agir de modo irracional, e Chloe, por certo, não era experiente.

Alex trancou o carro com um movimento do pulso e caminhou em direção a ela, com o casaco pendurado de modo casual sobre um dos ombros.

Seus olhos azuis brilhantes se fixaram nela, sem uma centelha de interesse, como se estivesse totalmente acostumado a ter mulheres estranhas, com bebês no colo, o esperando na porta.

Jenny sentiu os joelhos tremerem. Costumava ficar completamente apática diante de homens como ele. Não sabia o que dizer e não tinha a menor noção de como agir. Alex Westerling convivia com modelos e atrizes e, é claro, não desperdiçaria um segundo olhar a uma pobre coitada como ela.

Alex parou na sua frente, quase 1,90m de pura masculinidade.

– Com certeza, está perdida – disse ele, seu tom de voz irritantemente indiferente. – Deve ter seguido em frente até o fim da estrada. É um beco sem saída. Não leva a lugar algum.

Jenny se forçou a encará-lo, lembrando-se de que estava ali por Daisy, não por ela.

Sua voz entoou clara e firme.

– Leva a você, dr. Westerling.

O silêncio que se seguiu pulsava com tensão, e o olhar dele endureceu.

– Nesse caso, talvez eu deva lembrá-la de que esta é a minha casa e é o único lugar no mundo em que não tolero ser incomodado por repórteres.

A tremedeira nos joelhos de Jenny se intensificou, e ela sentiu a coragem começar a abandoná-la.

Não podia fazer aquilo. Simplesmente não podia.

Alex Westerling tinha um ar autoconfiante e demonstrava uma frieza inabalável, completamente intimidante. Se ela fosse uma repórter já estaria a milhas de distância. Nenhuma matéria valeria o olhar frio e desdenhoso que ele estava lhe lançando.

Todavia não era uma repórter e, como que para lembrá-la do motivo de sua presença ali, o bebê ergueu a mão gordinha e acariciou-lhe a bochecha.

Daisy.

Era por isso que estava ali diante daquele homem. O toque inocente lhe deu a coragem que ela precisava. Erguendo o queixo, forçou-se a enfrentar o olhar gelado de Alex.

– Não sou uma repórter.

Ele a fitou com desdém.

– Não durmo há quase 36 horas e não estou muito bem humorado – advertiu em voz baixa. – Talvez você pudesse apenas me dizer o que quer para depois cada um seguir seu caminho. Seu bebê parece cansado.

– O bebê não é meu, dr. Westerling. – Jenny praguejou, desejando saber como era possível tremer tanto no auge do verão. – O bebê é *seu*. Você é o pai dela.

# *Capítulo 2*

DURANTE ALGUNS instantes, reinou o mais absoluto silêncio.

Alex olhou para a jovem de cabelos escuros à sua frente e desejou ter podido dormir um pouco mais no hospital. Sua mente, geralmente sagaz, parecia ter parado de funcionar.

Ela pigarreou novamente e seus olhos seguiram a direção do som, notando a pulsação na garganta dela, era evidente que estava nervosa.

Na verdade, parecia aterrorizada.

De alguma forma, era um detalhe reconfortante, pensou.

Se ela estava nervosa, então devia haver uma razão, e a razão mais óbvia era que estava mentindo. Tinha de estar mentindo. Para começar, ela não fazia o seu gênero. Era morena e ele sabia que jamais tivera um relacionamento com uma morena. As irmãs gostavam de provocá-lo com o fato de ele sempre ter uma loira pendurada em seu braço. E além do mais, havia o modo como aquela garota se comportava. Todas as mulheres com quem costumava sair eram seguras e sedutoras. Aquela estava, obviamente, lançando mão de uma férrea determinação para não sair correndo dali.

A convicção de que os dois jamais tiveram um relacionamento lhe proporcionou certo conforto.

– Talvez devêssemos entrar e conversar sobre isso – sugeriu ela, e ele fez que não com a cabeça.

No que lhe dizia respeito, o único lugar para onde ela iria era de volta ao lugar de onde viera.

– O que há para falar?

Jenny se irritou, e Alex viu seus olhos escuros faiscarem enquanto ela aconchegava o bebê ao peito com mais força.

Talvez não fosse tão calma e gentil quanto aparentava à primeira vista, pensou ele, escondendo a perplexidade.

– É exatamente o tipo de comentário que eu esperava de um homem como você.

– Um homem como eu? – Ele arqueou uma sobrancelha. – E você, é claro, me conhece intimamente.

Alex tinha certeza de que não, e o fato de ela ter corado com tamanha intensidade apenas veio a confirmar sua convicção.

Jenny mordeu o lábio.

– Bem, não, mas…

– Nós não nos conhecemos intimamente? – A voz grave soou carregada de cinismo. – E ainda assim está afirmando que dormimos juntos. Talvez a sua definição de intimidade seja diferente da minha.

Jenny afastou os cabelos escuros do rosto com a mão trêmula.

– Não dormimos juntos. – Ela proferiu as palavras de modo hesitante como se se sentisse desconfortável em dizê-las. – E para sua informação, você é o último homem na Terra com quem eu dormiria!

– E você é a última mulher com quem eu iria para a cama – Alex retrucou, fervendo de irritação. – O que torna a sua alegação de que sou o pai da sua filha ridícula e totalmente infundada. E, assunto esclarecido, acho que está na hora de você voltar para o lugar de onde você veio.

– Eu n-não disse que você é pai da minha filha – gaguejou Jenny, e ele a fitou com uma crescente exasperação. – Daisy é filha da minha irmã. Você dormiu com a minha *irmã*, dr. Westerling. Dormiu com ela e depois a deixou sozinha para lidar com as consequências.

– Sua *irmã*?

Seguiu-se outro silêncio prolongado, quebrado apenas pelo som distante das ondas estourando na praia e o grito ocasional de uma gaivota.

Seu primeiro impulso foi perguntar se a irmã dela era loira, mas suprimiu a pergunta e olhou para ela, tendo o cuidado de esconder as emoções.

– E onde está sua irmã agora?

– Está morta.

Alex viu a angustia nos olhos escuros antes de a jovem rapidamente disfarça-la. De repente, o bebê começou a chorar, quase como se tivesse entendido que algo terrível havia acontecido.

Aceitando com relutância que o problema não seria resolvido de uma hora para outra, acenou com a cabeça em direção a casa.

– É melhor você entrar.

Alex prometeu a si mesmo, que, daquele momento em diante, levaria uma vida celibatária. Cerrando os dentes, abriu a porta da frente e entrou na casa.

Um suspiro de surpresa foi exalado atrás dele. A garota estacou, segurando a criança que ainda soluçava.

Impaciente, Alex jogou o casaco sobre o sofá mais próximo e olhou para ela.

– O que foi?

– É que eu não… – Ela olhou ao redor incapaz de disfarçar a surpresa. – Pensei que você vivesse em uma cabana.

– É uma cabana. Bem, na verdade, são quatro cabanas transformadas em uma.

Ela olhou ao redor.

– É… eu não esperava…

Alex a fitou com uma irritação indisfarçável e depois voltou seu olhar para o bebê, que continuava chorando.

– Pode fazer algo para parar com esse barulho? Será que isso não precisa mudar a fralda ou algo assim?

Jenny desviou os olhos das caixas de som assentadas uma em cada canto da enorme sala de estar e lançou-lhe um olhar recriminador.

– O bebê não é "isso", dr. Westerling – disse com firmeza, embalando a criança no colo na tentativa de acalmá-la. – É uma menina, seu nome é Daisy e é sua filha.

– E você continua afirmando a mesma coisa. – Alex cerrou os dentes enquanto afrouxava a gravata. Não discutiria com ela com todo aquele barulho de fundo. – Pelo amor de Deus, me dê ela aqui. – Sem esperar por resposta, estendeu a mão e tirou a criança do colo dela, recostando-a ao ombro, com calma e segurança, e amparando-lhe as costas com uma das mãos. Sem olhar para trás, caminhou em direção às enormes janelas de vidro que se estendiam por sua imensa sala e olhou para o mar. A vista costumava acalmá-lo, mas com o bebê berrando daquela maneira, sua cabeça estava começando a latejar.

– Ela pode estar com fome… – sugeriu a jovem em um tom tímido, e ele fitou-a com um olhar impaciente.

– Então, alimente-a. Por certo, deve ter trazido um pouco de comida.

Ela assentiu com um movimento de cabeça.

– Terei de ir até o carro e pegar minhas malas.

Pegar suas *malas*? *Que malas*?

Alex a viu desaparecer rumo ao pequeno carro vermelho, que só agora ele notara, estacionado na extremidade da calçada que levava à sua garagem. Como não reparara no veículo antes? Fechou os olhos por alguns instantes e sentiu um irresistível impulso de dormir. Não ter visto o carro dela não o surpreendia. Estava tão cansado que teria passado por uma manada de elefantes sem lhes dispensar um segundo olhar.

De repente, ocorreu-lhe que o barulho terrível havia cessado e que o bebê o fitava fixamente.

Observou a criança, à procura de algo familiar, alguma parte de si mesmo que sugerisse que ela fosse de fato sua filha.

A menina possuía olhos azuis, era verdade, mas muitas crianças possuíam, logo esse detalhe não queria dizer nada, e Daisy ainda não exibia muito em termos de cabelo, então também não podia considerar isso um indicador.

Sem aviso, a boca do bebê se abriu em um lindo sorriso e ele se viu sorrindo de volta.

– Então você acha que pode me enfeitiçar, não é, olhos azuis? – murmurou baixinho, erguendo um dedo e afagando-lhe o rosto com ternura. – Devo avisá-la que não me deixo enganar por um sorriso feminino há muito tempo. Sou imune.

Daisy balbuciou feliz, e ele continuou falando baixinho com o bebê até ouvir passos e se virar para encontrar a jovem parada em sua porta, carregando várias malas.

Seu sorriso desapareceu.

– Com certeza, você vai encontrar a comida afinal?

Jenny corou e remexeu em uma das malas, retirando uma bolsa térmica, babadores e vários potinhos.

– Onde fica a sua cozinha?

Alex ergueu uma sobrancelha.

– Quer fazer um tour pela minha casa?

Ela mordeu o lábio.

– Não, não quero fazer um tour pela sua casa, mas a menos que queira purê de cenoura espalhado nesses sofás brancos imaculados, dr. Westerling, sugiro que a alimentemos na cozinha.

O bebê balbuciava feliz, sugando os punhos, e Alex aceitou o inevitável.

– Vamos alimentá-la – disse com os dentes cerrados. – E depois conversamos. Deixe as malas na porta. Vai poupá-la de ter de carregá-las por mais tempo, quando tiver de levá-

las de volta para o carro.

– Não vou voltar ao carro, mas me recuso a discutir esse assunto com você na frente de D-Daisy – gaguejou ela, seguindo-o pelo chão de madeira brilhante em direção à cozinha. – Os bebês são como barômetros. Ela está captando a atmosfera.

– Então, ela é uma garota inteligente. – Alex entrou em sua moderna cozinha e acenou com um braço. – Sirva-se. De que você precisa? – Água quente e acesso a um micro-ondas para esquentar a comida.

Alex estendeu a mão morena e esguia.

– Passe-me o jarro… eu esquento.

– Isto não é um jarro. Eu mesma preparo toda a comida dela.

A jovem entregou-lhe um pote de plástico. Ele raspou o conteúdo pastoso, colocou em uma tigela e enfiou-o no micro-ondas com uma expressão de nojo.

– Isso parece horrível.

– É nutritivo, e ela adora.

Alex não discutiu. Em vez disso, abriu um armário e puxou uma cadeira alta, ignorando o olhar de espanto de Jenny.

– Tenho sobrinhos e sobrinhas – disse sucinto, se perguntando por que estava lhe dando explicações. – Mas como você parece pensar que sabe tudo sobre mim, provavelmente já sabe disso.

– Quantos anos eles têm?

– Não é da sua conta. Não costumo comentar sobre minha família com estranhos, e você… – disse ele em um tom frio – … é uma completa estranha.

Ela corou de leve e sentou o bebê no colo.

Alex notou que ela estava evitando fitá-lo nos olhos e interpretou isso como mais um sinal de sua consciência pesada.

Aquela mulher *tinha* de estar mentindo.

*Tinha* de estar mentindo, caso contrário…

Contraindo a mandíbula, ele removeu a comida do micro-ondas e a colocou sobre a mesa, mas os olhos da jovem estavam fixos em Daisy enquanto a amamentava com uma mamadeira.

– Tenho de oferecer-lhe um pouco de leite primeiro ou ela ficará com muita fome para se concentrar na comida – murmurou ela, e Alex revirou os olhos.

– Poupe-me dos detalhes.

– Vai precisar saber dos detalhes, dr. Westerling. Não tenho mais condições de assumir a responsabilidade sozinha pela sua filha. Preciso de ajuda. – Ainda sem encará-lo, ela

sorriu para a criança que sugava a mamadeira com avidez.

O sorriso alterou completamente sua aparência, atraindo o olhar de Alex. Ela possuía feições quase tão delicadas quanto às de um elfo. Olhos escuros, orlados por longos cílios ainda mais escuros, que faziam suas bochechas aparentar mais claras. Os cabelos escuros estavam penteados para trás, presos em um rabo de cavalo e não parecia estar usando um pingo de maquiagem.

Alex a estudou fascinado. Não estava acostumado com mulheres sem maquiagem.

Todas as mulheres que ele conhecia usavam maquiagem. Mesmo as adeptas do tipo "natural" passavam pelo menos meia hora em frente ao espelho antes de sair do banheiro.

Aquela moça não. Pelo menos era o que parecia.

Apesar do fato de ser agosto e o tempo estar quente, usava uma blusa abotoada até o pescoço e uma saia até os tornozelos. Fitava-o de vez em quando com reprovação e certa desconfiança visível em seus enormes olhos escuros. Parecia pura, inocente e muito, muito jovem.

Era evidente que temia que ele a arrastasse para o quarto e a levasse para a cama, refletiu irônico. Ela o abominava, e esse desprezo flagrante o deixou vagamente irritado e mais do que um pouco desconfortável.

A garota o fazia lembrar de Chapeuzinho Vermelho e o estava fazendo se sentir um lobo muito, *muito* mau.

Convencendo a si mesmo de que talvez ela não fosse tão inocente, Alex se virou e praguejou baixinho.

Tinha juízo o suficiente para não se deixar enganar por um par de olhos arregalados e uma expressão inocente. Aquela jovem significava problemas. Era bem provável que soubesse que o bebê não era dele, mas o escolhera como uma fonte ilimitada de dinheiro.

Graças à ampla cobertura da imprensa, ele se tornara um alvo constante de mulheres em busca de uma forma fácil de complementar a renda e aquela garota não era exceção. Apesar da expressão inocente, estava tentando enganá-lo.

Alex caminhou de um lado para o outro na cozinha, com o temperamento por um fio, enquanto ela terminava de alimentar o bebê.

Por fim, a criança parecia sonolenta.

A garota olhou para o relógio.

– São 18 horas. Ela costuma tomar banho a essa hora e depois dormir. Você tem um berço portátil?

– Sim, mas lembre-se de que só vai deixá-la lá temporariamente enquanto discutimos o que precisa ser discutido. Assim que terminarmos, você vai voltar para sua casa.

– Ela não tem mais mãe – disse a jovem, a voz soando trêmula enquanto erguia o bebê da cadeira infantil. – Não é justo negar-lhe um pai também. Pelo que sei, a casa dela é aqui até descobrirmos o que fazer.

Alex fechou os olhos e amaldiçoou baixinho todas as mulheres; em seguida, saiu da cozinha e subiu a escada que levava aos quartos, ciente de que ela estava se esforçando para acompanhar o ritmo dele.

Segundos depois, abriu uma porta e ela ofegou em delírio.

– Que quarto perfeito!

Ele lançou-lhe um olhar gelado.

– Bem, não fique muito acostumada a isso. Ela só vai ficar nele por uma hora.

– Não, não ficará. – Jenny colocou a criança no chão e pegou a bolsa que carregara lá para cima. – Preciso trocá-la. Eu o encontro lá embaixo quando terminar.

Desacostumado a receber ordens, especialmente em sua própria casa, Alex se viu sem palavras. Ao voltar ao andar térreo, serviu-se de um generoso copo de uísque.

JENNY DEU um último olhar ao bebê adormecido, retardando o momento final quando teria de enfrentar Alex.

Tinha de admitir que o achava monumentalmente intimidante. Ele possuía um físico poderoso, é claro, mas não era só isso. Havia algo nele, um ar autoconfiante que talvez tivesse herdado das muitas e muitas gerações dos Westerling.

Esperara deixá-lo chocado com o anúncio de que Daisy era sua filha, mas ele mal piscara uma pálpebra. Sentiu uma pontada de curiosidade para saber o que seria necessário para abalar aquela frieza lendária.

Lembrando seus comentários cáusticos, Jenny estremeceu.

Alex era tudo o que ela esperava. Estupendamente belo, arrogante e repleto de autoconfiança. E, é claro, seria necessária alguma persuasão para convencê-lo de que Daisy era sua filha.

Ao chegar ao fundo da escada, ela fez uma pausa. Ele havia aberto as portas de vidro e estava de pé no deque de madeira, do lado de fora, olhando além das dunas de areia, em direção ao mar.

Respirando fundo, Jenny caminhou até ele com as unhas cravadas nas palmas das mãos.

Alex devia ter ouvido seus passos, porque se virou de imediato, com um copo na mão, os olhos azuis surpreendentes frios e desanimadores.

Havia retirado a gravata e desabotoado os primeiros botões da camisa. Com os cabelos desalinhados e a barba por fazer, aparentava ser perigoso, devasso e nada parecido com um médico.

Jenny desejou saber se ele se barbeava antes de examinar os pacientes.

– O bebê dormiu?

Ela assentiu.

– Sim. Deixei a porta aberta para que possamos ouvi-la se ela acordar.

– Tudo bem. Vamos conversar. Rápido. Quero aproveitar a minha noite de sono.

Jenny respirou fundo várias vezes. Ele com certeza não estava facilitando as coisas. Mas afinal o que esperava? Que ele aceitasse Daisy de braços abertos? É claro que não!

Alex exalou um suspiro e passou a mão pelo rosto como se estivesse tentando se manter acordado. De repente, ela se lembrou de seu comentário sobre não dormir há quase 36 horas e contraiu os lábios. Era óbvio que aquele homem fazia jus à sua reputação de festeiro.

Ele suprimiu um bocejo.

– Talvez seja melhor você começar me dizendo quem era a sua irmã.

– O nome dela era Chloe. – Ela quase sufocou ao dizer o nome da irmã. – Chloe Phillips.

Ele não hesitou.

– Jamais conheci alguém com esse nome.

A negação imediata intensificou o nó na garganta de Jenny. Como ele poderia ter esquecido Chloe tão depressa? É claro que tudo que ouvira falar sobre ele era verdade. Que trocava de mulher, sem formar qualquer tipo de vínculo.

Ela mordeu o lábio.

– Eu realmente não esperava que alguém com a sua reputação se lembrasse de uma noite em particular. Já namorou tantas mulheres que deve ser impossível manter o controle.

Seguiu-se uma breve pausa e então Alex jogou a cabeça para trás e riu.

– Você realmente tem uma péssima impressão a meu respeito, não é?

Jenny disfarçou sua surpresa. Esperava que ele ficasse com raiva ou envergonhado com aquelas acusações em vez de parecer se divertir. Com exceção do mero piscar de uma pálpebra, ele não dava a menor indicação de que suas palavras contundentes

haviam lhe causado qualquer impacto. Era evidente que sua reputação terrível não o preocupava nem um pouco.

Alex fitou-a com intensidade.

– Como sua irmã morreu?

A voz entoou surpreendentemente suave e Jenny engoliu em seco.

– Teve uma embolia pulmonar após o parto. Foi tudo muito repentino. Eu… eu nem sabia que ela ia ter um bebê. – Ela ofegou, incapaz de continuar, e de repente sentiu a mão dele em seu ombro, conduzindo-a para uma das cadeiras de madeira viradas de frente para o mar.

– Sente-se. Vou pegar uma bebida.

Jenny lutou para conter as lágrimas, furiosa consigo mesma. Chorara tantas lágrimas por Chloe que supôs não restar mais nenhuma dentro de si. E não queria chorar na frente de Alex Westerling. Ele era a última pessoa em quem gostaria de despertar compaixão.

Em parte, era culpado por toda aquela situação.

Alex colocou um copo em suas mãos, e ela sorveu a bebida, sufocando um pouco quando o líquido inflamável escorreu pela sua garganta.

– Ugh! Isso é nojento.

– É uísque – disse ele com uma pitada de diversão nos olhos azuis. – Com certeza não é nojento.

Jenny franziu o rosto, mas se obrigou a tomar outro gole da bebida.

– Estou bem agora. – Ela ergueu o queixo. – Desculpe-me. É só que ainda não consigo acreditar que ela está… – Fez uma pausa e engoliu em seco. – Ela era mais nova que eu, você entende.

Os olhos de Alex se estreitaram.

– Mais nova?

– Ela estava com 20 anos quando teve Daisy. E morreu poucos dias depois.

Alex puxou uma cadeira e se sentou ao lado dela.

– Olhe, sinto muito pela sua irmã e posso ver que ela a deixou com um inferno de um problema, mas…

– Daisy não é um *problema*, dr. Westerling – disse Jenny em um tom acalorado, a mão tremendo tanto que derramou um pouco do conteúdo do copo sobre os dedos. – Daisy é maravilhosa e sem ela não sei o que seria…

– Tudo bem, acalme-se. – Alex estendeu a mão e tirou-lhe o copo. – Vou pegar isto, antes que derrame mais. – Ele colocou o copo sobre a mesa e suspirou. – Sinto muito.

Esta não é a coisa mais sensível para se dizer, mas estou sem dúvida precisando dormir e dizer a coisa certa é difícil quando você parece tão cansada quanto eu.

Jenny olhou para ele assustada com o pedido de desculpas. Não o imaginava o tipo de homem que pediria desculpas facilmente.

– Talvez se você não passasse tanto tempo nas farras, não estivesse tão cansado.

No momento em que as palavras deixaram sua boca, ela mordeu o lábio, desejando não tê-las proferido.

– Desculpe-me – murmurou, as bochechas corando. – Isso foi muito rude da minha parte.

Alex riu.

– Você parecia muito feliz ao aparecer na minha porta me fazendo violentas acusações, por que está se desculpando por ser rude?

– Não são violentas acusações – Jenny gaguejou, seu rosto ficando ainda mais vermelho. – E só porque temos um problema, não é desculpa para eu esquecer minhas boas maneiras.

Os lábios de Alex se abriram em um sorriso irônico.

– Acho que nós já esquecemos ligeiramente as boas maneiras, não é? E agora você precisa me ouvir. – Seu sorriso desapareceu e a voz se tornou firme. – Não me lembro da sua irmã, mas sei que não durmo com crianças e sua irmã parece se enquadrar nessa categoria. Não sei o que ela lhe disse, mas não há nenhuma possibilidade de eu ser o pai desse bebê.

– Ela passou a noite com você.

A crescente tensão de Alex era quase palpável.

– Você pode provar?

Jenny assentiu e pegou a bolsa, com as mãos trêmulas.

– Vocês estavam na mesma festa e… – Hesitou um pouco e depois clareou a garganta. – Ela estava bêbada. Você a levou para casa.

Após retirar um envelope da bolsa, entregou-o a Alex.

Os olhos azuis se prenderam aos dela por um longo momento. Então, ele baixou o olhar para o envelope, o abriu e folheou o conteúdo em silêncio, com a expressão fechada.

– Estas fotos…

– Foram tiradas por uma das revistas. Mas eles mostram claramente que você estava dançando com ela. "Alex Westerling dançando com uma amiga", dizia o subtítulo. Bem, sua *amiga* era minha irmã. Chloe. Então, como pode ver, dr. Westerling, você a conhecia.

Alex fez uma pausa para ler a carta e folheou as fotos restantes, seu belo rosto inescrutável.

Jenny decidiu que ele era um homem muito difícil de ser decifrado. Parecia possuir um invejável controle sobre suas reações.

– Posso ter dançado com ela, mas não passado a noite com ela em meu apartamento.

– Ela disse que você passou.

Ele bocejou.

– Então, ela estava mentindo. – Jogando o envelope sobre a mesa, balançou a cabeça. – É só isso?

*Só isso*? Como ele podia ser tão irritantemente frio sobre toda aquela situação? Jenny mordeu o lábio.

– Ela chegou em casa muito nervosa depois daquela noite. Não queria falar sobre o assunto, mas quando as fotografias foram publicadas na semana seguinte, acabou contando tudo.

Os olhos de Alex se estreitaram.

– E você não achou isso estranho?

Jenny olhou para ele, sem entender.

– Estranho por quê? Ela não quis me contar, mas quando vi as fotos, tornou-se óbvio.

– O que se tornou óbvio?

– Que vocês tinham um relacionamento.

– Estávamos dançando. O que dificilmente constitui um relacionamento. Costumo dançar com muitas mulheres.

– E dormir também – disse ela, sem pensar, e depois ofegou ao perceber o que havia dito.

Alex riu.

– Você parece ter estudado o meu estilo de vida nos mínimos detalhes – ele falou com a voz arrastada, totalmente máscula e mais do que um pouco perturbadora. – Por que esse interesse em mim, eu me pergunto?

O coração de Jenny acelerou de repente.

– Não estou interessada em você, dr. Westerling. Exceto quando seu estilo de vida impensado afeta a minha família. E não vai fugir disso. Não pense que pode fugir às suas responsabilidades desta vez.

Os olhos azuis de Alex de repente se tornaram frios.

– Jamais fujo das minhas responsabilidades, mas não dormi com sua irmã – afirmou com secura. – E um simples teste de DNA pode provar isso.

Jenny o fitou horrorizada.

– Não! Não quero ninguém espetando agulhas em Daisy a menos que seja absolutamente necessário.

– Se está me acusando de ser o pai da criança, então é absolutamente necessário a meu ver – retrucou Alex e Jenny negou com a cabeça.

– Não. Já sei que você é o pai dela. E não preciso de provas.

– Bem, receio que eu precise. – Ele se ergueu com um movimento fluido. – E pretendo resolver isso o mais rápido possível.

– Como?

– Se você não concorda com um exame de sangue, a primeira coisa que farei amanhã de manhã será entrar em contato com meus advogados. – Alex suprimiu outro bocejo. – Assim que eles provarem, sem sombra de dúvida, que não passei a noite com sua irmã, você pode procurar em outro lugar o suporte financeiro que está tentando conseguir, é obvio.

Jenny o fitou, impotente.

Ele não havia entendido nada, mas também alguém tão rico quanto Alex Westerling era obrigado a pensar que tudo na vida girava em torno de dinheiro.

– Não vim em busca de suporte financeiro – disse, com a voz serena. – Não estou interessada em seu dinheiro. Só preciso de ajuda com Daisy e quero que a menina conheça o pai. Ela não pode crescer sem conhecer nenhum dos pais. Não seria justo.

Alex fechou os olhos por alguns instantes.

– Eu não sou o *papai* dela. Qual é o seu nome?

Jenny o encarou.

– O quê?

– Perguntei qual é o seu nome – disse ele, cansado. – Se vamos discutir geralmente é útil saber o nome um do outro.

– Jenny. – Sua voz não soou tão firme quanto ela gostaria. – Jenny Phillips.

O leve sorriso nos lábios dele a afetou mais do que ela gostaria de admitir.

– Bem, Jenny Phillips, pode levar Daisy para onde pretende ficar e assim que eu tiver uma resposta dos meus advogados, entrarei em contato.

Jenny não se mexeu.

– Estou pretendendo ficar aqui.

Um silêncio sinistro se abateu entre os dois.

– Repita isso.

Jenny engoliu em seco, desejando saber por que estava achando aquilo tão difícil. Tudo parecia maravilhosamente simples quando traçara o seu plano.

Contudo então conhecera o verdadeiro Alex Westerling, e todas as fantasias do mundo não a haviam preparado para a realidade.

– Daisy e eu vamos ficar com você, dr. Westerling. Faz sentido. Você pode conhecê-la e ajudar com seus cuidados.

– Ficar comigo? – Seus olhos azuis brilharam perigosamente e a voz soou suave. – Considerando suas opiniões sinceras sobre a minha reputação, estou surpreso que esteja preparada para se arriscar, senhorita Phillips. Certamente há uma forte probabilidade de não escapar ilesa.

O tom de voz aveludado fez o pulso de Jenny bater duas vezes mais rápido, mas ela se forçou a não reagir a seu sarcasmo.

– Nós dois sabemos que mulheres de cabelos escuros não fazem seu tipo – respondeu ela, com a voz notavelmente estável, considerando o estado perturbado de suas emoções. – E como não o acho nem um pouco atraente, tenho certeza de que posso me conter.

Era mentira, é claro. Como poderia qualquer mulher não o achar atraente? Era incrivelmente belo, e aquela total indiferença à sua boa aparência só intensificava seu charme.

No entanto ela não estava interessada em um homem sem moral, não importava o quanto fosse bonito. E Alex Westerling não tinha moral.

Seguiu-se um breve silêncio e, por fim, ele jogou a cabeça para trás e riu alto.

– Ai, meu Deus. Bem, isso me coloca no meu lugar. Tudo bem, pode ficar se quer se arriscar. Francamente, estou cansado demais para discutir com você. Mas o que vai fazer quando eu provar que a criança não é minha filha?

Notando o desafio masculino em seus olhos, o coração de Jenny bateu um pouco mais rápido. Ergueu o queixo, determinada a não demonstrar o desconforto que ele a fazia sentir.

– Isso não vai acontecer, dr. Westerling.

– Isso é exatamente o que vai acontecer, *senhorita Phillips* – Alex replicou sem rodeios, imitando a sua formalidade. – Mas se quer mesmo correr o risco de ficar aqui comigo, problema seu. Vou me recolher e, francamente, não dou a mínima para onde vai dormir, contanto que nem você nem o bebê me acordem.

E com isso ele esvaziou o copo, colocou-o sobre a mesa e se afastou.

# *Capítulo 3*

ALEX ACORDOU com o delicioso aroma de bolinhos assados e café forte.

Recordando os acontecimentos da noite anterior, soltou um gemido de descrença e cobriu os olhos com o antebraço, tentando bloquear a realidade.

As pessoas sempre o alertaram de que seus pecados um dia viriam para assombrá-lo e agora descobrira que elas estavam certas.

Naquele exato momento, havia um bando de problemas esperando por ele lá embaixo, em sua cozinha.

Um bebê, que ele tinha quase certeza que não era seu, com uma tia coruja que, óbvio, o considerava um perverso sedutor de mulheres inocentes.

Olhou para o relógio e percebeu que eram quase 7 horas da manhã. O que significava que ele já devia estar no trabalho há uma hora.

Prometendo a si mesmo um descanso demasiado longo no fim de semana, se forçou a deixar a cama e entrar no chuveiro, antes de fazer a ligação que precisava ser feita.

No momento em que desceu para o andar térreo, já se sentia melhor. As palavras do advogado foram reconfortantes e estava confiante de que a situação se resolveria o mais rápido possível.

Aos poucos havia recuperado o controle e não estava nem um pouco preparado para a cena de domesticidade em sua geralmente intocada, limpa e decorada cozinha.

Nos cinco anos em que vivia naquela casa, jamais trouxera uma mulher ali. Aquele era o seu território.

O ambiente de um solteiro.

Mas não mais.

Bolinhos com uma coloração castanho-clara esfriavam em um tabuleiro, e um bule de café fumegante se encontrava no centro da mesa.

Daisy estava segura na cadeira alta, contente, roendo um pedaço de bolinho, enquanto Jenny conversava com a menina, enfiando colheradas de cereal com leite em sua boquinha. Ao vê-lo, ela parou e corou.

Alex se deu conta de que ela corava mais do que qualquer mulher que ele já conhecera.

– Oh… Bom dia. Fizemos café. Espero que você não se importe.

Se não estivesse tão atordoado, Alex teria rido. Jenny havia invadido a sua casa e agora perguntava se ele não se importava por ela estar utilizando as instalações? Era como uma criança em uma festa, desesperada por se comportar da melhor maneira possível.

– Você, com certeza, não é uma sem-teto muito experiente – observou ele em um tom seco. – Não deveria pedir desculpas por ficar à vontade na casa.

– Não sou uma sem-teto. – Ergueu o queixo pequeno, e seu tom de voz soou incrivelmente digno. – Mas sei que não sou sua hóspede também. Estou ciente de que estou aqui sob condescendência.

– Você está aqui porque, sinceramente, eu estava muito cansado para jogá-la no olho da rua na noite passada – disse-lhe Alex sem rodeios, olhando para os bolinhos e se perguntando por que, de repente, sentira uma imensa vontade de sentar e tomar café. Nunca fazia a refeição matinal. – Você os fez esta manhã?

Jenny assentiu.

– Daisy acordou cedo. Ela sempre acorda. Não queríamos acordá-lo, por isso descemos. Sirva-se.

– Não tomo café da manhã. – Com o aroma dos bolinhos recém-assados penetrando em suas narinas, ele cerrou os dentes.

– O desjejum é a refeição mais importante do dia. Você deveria comer.

– Quando quiser um conselho sobre meus hábitos alimentares, eu peço – rosnou ele, forçando-se a ignorar o cheiro delicioso e se concentrar nas questões a resolver. – Acabei de falar com o meu advogado.

Jenny enrijeceu, parando a colher no meio do caminho da boca da menina.

– Os advogados sempre começam a trabalhar tão cedo?

– Se você lhes pagar o suficiente, sim – retrucou Alex, pegando uma caneca e servindo-se de um pouco de café. – Ele está confiante de que pode descobrir com quem sua irmã estava naquela noite.

Jenny introduziu a colher na boca de Daisy.

– Ela estava com você.

– E você continua afirmando isso. Eu discordo. – Ele tomou um gole de café e quase gemeu de prazer. Estava uma delícia. Não sabia que possuía um café tão bom em casa. Onde diabos ela o encontrara?

– Dr. Westerling… – Ela pousou a colher na tigela e fitou-o nos olhos. – Eu sei que você dormiu com a minha irmã, portanto toda essa negação é inútil. Tenho certeza de que seu advogado irá confirmar a verdade em breve.

– Estou apostando que sim – disse ele em voz baixa. – Só espero que você não acabe descobrindo algo sobre a sua irmã que preferisse não descobrir.

Ela ficou tensa.

– O que quer dizer exatamente com isso?

– Apenas que estou quase totalmente certo de que jamais dormi com Chloe, o que significa que alguém dormiu.

Jenny contraiu os lábios e pegou a colher outra vez.

– Quase totalmente certo. O que significa que não tem absoluta certeza. Alguém já lhe disse que sua moral é extremamente questionável?

– Tenho 34 anos e minha moral só diz respeito a mim e a mais ninguém – disse Alex, se perguntando por que as palavras dela o irritavam tanto. Em geral, era totalmente indiferente à opinião das pessoas. – Tenho certeza de que nunca tive qualquer tipo de relação com a sua irmã, mas isso aconteceu 15 meses atrás!

Jenny o fitou inabalável.

– E você não faz nenhuma ideia de com quem dormiu 15 meses atrás, não é? Precisa contratar alguém para descobrir.

O tom de voz calmo soou carregado de acusação e Alex passou a mão na nuca, sentindo-se mais desconfortável do que gostaria de admitir. A verdade era que ela estava certa. De alguma forma. Ele não sabia exatamente com quem estava dormindo 15 meses atrás e não precisava que ela o lembrasse que o seu histórico de relacionamentos de longo prazo era terrível.

Não era algo sobre o qual gostava de falar.

– Sua irmã disse que eu era o pai?

– Sim. – Ela remexeu a comida ligeiramente para esfriá-la.

Alex cerrou os dentes, perguntando se ela costumava acreditar em tudo que lhe diziam sem duvidar. Estava tão certo quanto possível que o bebê não era seu, mas só o tempo poderia provar.

Nesse meio tempo tinha um trabalho a fazer.

– Tenho de sair para trabalhar. – Ele esvaziou a caneca e colocou-a sobre a mesa. – Você pode ficar aqui hoje.

Com sorte, até o final do dia seu advogado teria resolvido o problema e poderia colocá-la porta afora.

Jenny o fitou com aquele seu jeito calmo e estável que ele estava começando a reconhecer como prelúdio para um dos seus comentários ferinos sobre seu comportamento vergonhoso. Ele se preparou.

– Se está pensando em nos deixar para trás, dr. Westerling, ficará seriamente desapontado. – Jenny desatou o babador, limpou a boca de Daisy com cuidado e a retirou da cadeira infantil. – Nós vamos com você. Começo a trabalhar hoje. Consegui um emprego no seu setor, e Daisy ficará na creche do hospital.

Alex olhou para ela, sentindo-se manipulado pela primeira vez na vida.

*Ela conseguira um emprego no setor dele?*

– Que diabos você está falando? Que emprego?

– Sou enfermeira, dr. Westerling – respondeu ela, segurando Daisy com uma das mãos e limpando a mesa com eficiência e rapidez com a outra. – Trabalhei no setor de emergência durante dois anos, desde que me graduei, mas tive de fazer uma pausa quando Chloe morreu. Porém, tenho de trabalhar agora. Precisamos de dinheiro. Gastei todas as minhas economias.

Alex não tinha o menor interesse nas economias dela. Estava lutando mentalmente com a notícia de que ela não apenas planejava ficar no seu pé em casa, como no trabalho também.

– Como descobriu onde eu trabalhava?

– Não foi difícil. Cada detalhe de sua vida é espalhado nas colunas de fofocas. – Ela pegou um pano e em poucos minutos a cozinha estava totalmente impecável. – Eu queria que fôssemos uma família, por isso era importante que trabalhássemos no mesmo hospital se possível. Fiquei muito feliz quando me ofereceram uma vaga no seu setor.

*Queria que eles fossem uma família?*

Alex abriu a boca e fechou-a novamente. Não podia sequer pensar em retaliação, porque nem o pessoal da enfermagem nem o departamento de Recursos Humanos faziam a menor ideia do problema que estavam introduzindo no seu, geralmente bem organizado, estilo de vida de solteiro, empregando Jenny Phillips.

Por fim, ele recuperou a voz.

– Olhe, sinto muito por sua irma, mas precisamos esclarecer algumas coisas – rosnou. – Não somos uma "família". Nunca seremos uma "família". Você pode ficar aqui apenas pelo tempo que o meu advogado levar para provar que eu não sou o pai do bebê, e depois seguirá o seu caminho.

Jenny parecia totalmente indiferente a suas ameaças.

– E se ele provar que você é o pai de Daisy?

Alex ficou tenso. Recusava-se a sequer cogitar essa possibilidade.

– Então, cuidaremos desse assunto – disse em um tom brusco. – Mas por ora, você não é nada além de uma hóspede para mim. E uma hóspede bastante indesejável, fique sabendo.

– É SIMPLESMENTE maravilhoso contarmos com mais funcionários – disse Tina a Jenny enquanto lhe mostrava as instalações do hospital. – Ficamos tão ocupados ontem que um dos nossos especialistas trabalhou quase 36 horas ininterruptas, tirando apenas um rápido cochilo em sua mesa.

*Estou sem dormir há quase 36 horas.*

Os olhos de Jenny se arregalaram.

– Alex Westerling?

– Você o conhece?

Jenny negou com a cabeça depressa.

– Bem, não, não exatamente, mas…

– Não precisa dizer. Você já leu sobre ele nos jornais. Nosso Alex não é muito bom em se manter no anonimato. Bem, é melhor eu avisá-la que não deve acreditar em tudo que lê. O que quer que ele faça no seu tempo livre não o impede de ser um médico fantástico.

Jenny disfarçou sua surpresa. Ele era? Era forçada a admitir que não pensara em suas habilidades como médico. Na verdade, não podia sequer imaginá-lo como médico. Quando olhava para Alex, tudo que via era o homem. Se tivesse que escolher uma carreira adequada para ele, seria pirata ou assaltante de estrada!

Fechou os olhos e afastou o pensamento, lidando com a súbita percepção de que fora o excesso de trabalho que contribuíra para o cansaço visível nos olhos dele na noite anterior.

Essa percepção a fez se sentir surpreendentemente desconfortável.

Quando Alex mencionara que havia passado a noite toda acordado, supôs que ele estivesse fazendo jus à sua fama de farrista. Que a Medicina fosse a última em sua lista de

prioridades.

Tina continuou falando.

– Ele é quem garante que o trabalho no setor transcorra da melhor maneira possível, até mesmo quando estamos desesperados, necessitando de pessoal. E, claro, agosto é sempre um mês difícil, porque temos uma abundância de novos médicos que não conhecem o sistema.

Jenny sacudiu a cabeça, tentando mudar de assunto.

– Então, onde quer que eu fique esta manhã?

– Pensei em começarmos com o mais difícil. Tina sorriu. – Você pode trabalhar na área principal comigo.

Ela mal terminou a frase quando um telefone tocou.

– É o ramal do setor de ambulâncias – disse Tina, correndo para atender. – Mais problemas a caminho, com certeza.

Jenny ficou ao lado dela, ouvindo, tentando captar pistas sobre o que viria para o setor. Tudo o que conseguiu depreender foi que o paciente estava sentindo uma dor intensa.

Tina desligou o telefone.

– Qual a sua experiência com emergências relacionadas a mergulho?

Jenny meneou a cabeça pesarosa.

– Eu trabalhava em Londres. Jamais assisti a uma.

– Então este é o seu dia de sorte – murmurou a enfermeira da unidade pegando o telefone e discando um número. – Alex? Lembra que você disse que queria uma desculpa para não comparecer àquela reunião… – Ela parou por um segundo e ouviu. – Sim, estão trazendo um mergulhador, parece que se trata de algum problema de descompressão. Certo, vejo você em um minuto.

Tina desligou o telefone e correu para a emergência levando Jenny com ela.

– Por estarmos próximos à costa, recebemos mergulhadores aqui periodicamente. Se estiverem muito mal, nós os transferimos para a Unidade de Medicina de Mergulho. Alex vai decidir.

Jenny ficou um pouco tensa. Tudo em que podia pensar era no tratamento descuidado de Alex com a irmã dela.

– E os outros médicos? Não há mais ninguém que possa cuidar disso?

– Se for necessário, eles cuidam, é claro. – Tina pegou um pacote de uma prateleira e colocou-o em um carrinho. – Mas, na verdade, essa é a especialidade de Alex. Ele

também mergulha e passou algum tempo na Unidade de Medicina de Mergulho, portanto sabe o que está fazendo.

Quando ela terminou de falar, as portas se abriram e os socorristas entraram apressados, acompanhados por Alex.

– O que aconteceu?

Os socorristas colocaram o paciente em uma maca.

– Este é Pete Warwick. Estava na praia esta tarde e caiu reclamando de dormência nas pernas. Os amigos nos chamaram.

Alex assentiu com a cabeça e voltou sua atenção ao paciente.

– Como está se sentindo no momento, Pete?

O homem gemeu.

– Péssimo. Tudo dói. – Ele estremeceu um pouco. – Principalmente meus ombros e cotovelos.

Alex olhou para Jenny que estava preparada na extremidade da maca, nada em seu olhar revelava que ela era algo além de mais um membro da equipe de emergência.

– Vamos utilizar a oxigenioterapia de alto fluxo e coletar algumas informações. Quero fazer um exame de sangue.

Jenny colocou a máscara sobre a boca e o nariz do paciente e ajustou o fluxo de oxigênio com cuidado. Alex ainda estava examinando o paciente.

– A dor piora se eu mover seus braços?

O homem suspirou e anuiu com a cabeça, a dor estampada em seu rosto.

– Não há sensibilidade localizada, mas há edema, e você está apresentando erupções cutâneas. – Alex passou a mão sobre a pele do paciente. – Quando foi seu último mergulho?

O homem fechou os olhos e Jenny moveu a máscara um pouco para que ele pudesse responder.

– Ontem. Minhas pernas estão dormentes e minhas costas doem.

– Fez vários mergulhos?

Pete hesitou e depois assentiu.

– Sim. Sei que não é aconselhável, mas estava tão bom lá embaixo que pensei que não haveria problema.

Alex continuou a conversar com o homem, questionando-o sobre seu método de cálculo do tempo de descida e subida, perguntando sobre paralisações e condições na água, sobre a duração de tempo entre o mergulho e o início dos sintomas.

Durante todo esse tempo, manteve-se totalmente alheio a Jenny. Ela trabalhara no setor de emergência por quase dois anos, mas nunca presenciara um caso como aquele. Que importância tinha se a água estava fria e a direção das correntes marinhas? É claro que as perguntas realizadas deviam conter algum significado ou certamente Alex não as faria. Estava fascinada e morrendo de vontade de aprender mais, mas não o questionaria enquanto o paciente estivesse ouvindo.

Além do mais, os dois ainda não haviam estabelecido qualquer tipo de relação profissional. Não se sentia confortável em lhe fazer perguntas.

Ela conseguira separar o médico do sedutor perverso.

E Alex estava utilizando técnicas padrão para verificar se o paciente estava orientado, disse a si mesma, entregando o cateter venoso periférico ao residente que tentava encontrar uma veia no paciente.

Não havia nada de incomum nas medidas que ele estava tomando, apenas as razões ocultas por trás delas.

– Após colher o sangue, pegue um frasco de soro fisiológico – instruiu Alex enquanto continuava sua análise. – Pete, você fez múltiplos mergulhos e emergiu muito rápido. Está sofrendo de algo chamado de mal da descompressão.

Jenny ouviu fascinada e resolveu criar coragem para lhe perguntar sobre isso mais tarde.

Ele ergueu a cabeça e fitou-a nos olhos.

– Ligue para a Unidade de Medicina de Mergulho, por favor. Acho que precisamos transferi-lo.

Tina virou a cabeça em direção ao telefone.

– O número está colado à parede.

Jenny ligou e se viu falando com o médico do centro de mergulho.

Alex se aproximou e arrancou-lhe o telefone da mão.

– Chris? Como vai? Tenho um paciente para você… – Ele rapidamente resumiu as condições do paciente e deu detalhes sobre o mergulho e a história, antes de ouvir o colega.

Por fim, desligou o telefone e caminhou de volta até seu paciente.

– Vamos transferi-lo para o centro médico de mergulho. Tina, dê-lhe uma aspirina, por favor, e peça uma ambulância.

Considerando a intensidade da dor que o homem parecia estar sentindo, Jenny ficou surpresa por Alex medicar Pete apenas com uma aspirina.

Seu olhar atraiu o dele.

– Descompressão severa pode causar obstrução dos vasos sanguíneos. – Ele apressou-se em esclarecer como se pudesse ler seus pensamentos. – E é a única analgesia que posso arriscar. Analgésicos fortes podem mascarar respostas à recompressão.

Jenny assentiu, grata pela explicação, desejando ser um pouco mais experiente no assunto para o primeiro encontro de trabalho dos dois.

Prepararam o paciente para transferi-lo e dentro de alguns segundos a ambulância chegou para pegá-lo.

Alex fez uma transferência rápida para o médico residente que acompanharia o paciente e depois seguiu a equipe para ajudar a colocá-lo na ambulância.

Jenny começou a repor o material na Sala de Reanimação junto com Tina.

– Nunca cuidei de qualquer pessoa com mal de descompressão antes. E me senti completamente perdida – confessou.

Tina riu.

– Você se saiu muito bem.

– Como é que ele só começou a apresentar sintomas hoje se o mergulho foi ontem?

Tina franziu a testa.

– Para ser franca, não sei. Terá de perguntar a Alex. Ele entende tudo sobre isso.

Por coincidência, Alex retornou à sala naquele momento.

– O que que entendo?

– Jenny estava me perguntando por que o mergulhador demorou tanto tempo para apresentar sintomas.

Jenny corou ligeiramente. Preferia não ter chamado atenção para si mesma e ainda estava tendo problemas em enxergá-lo pelo ângulo profissional.

Doutor, lembrou-se com firmeza, concentrando-se no estetoscópio pendurado de modo casual em torno do pescoço dele. Ali, ele era médico. Doutor. Doutor.

– Os sintomas podem se manifestar alguns minutos depois ou até 48 horas após o mergulho – explicou Alex, nem por um momento deixando transparecer o fato de que estavam em conflito. – O mal da descompressão é o resultado de bolhas de gás que viajam para várias partes do corpo.

– E é por esse motivo que ele sente dores nas articulações?

Alex assentiu.

– Isso é conhecido como paralisia dos mergulhadores. Ele não respeitou as especificações preestabelecidas de mergulho. Passou muito tempo submerso e emergiu rápido demais. Poderia ter sido pior. Ele ficará bem assim que cuidarem dele na Unidade de Medicina de Mergulho.

Tina sorriu.

– Com toda essa correria e pânico, sequer tive a oportunidade de lhe apresentar a nova enfermeira da equipe. Esta é Jenny. Jenny Phillips.

Os olhos azuis de Alex exibiram um brilho frio ao olhar na direção dela.

– Nós já nos conhecemos – disse sucinto, virou-se e saiu da sala sem mais palavras.

Tina o observou se afastar visivelmente chocada.

– Qual é o problema dele?

Jenny abriu um pacote de equipamentos e os deixou preparados para que pudessem ser acoplados a uma bolsa de soro fisiológico rapidamente, caso o próximo paciente necessitasse. Não tinha nenhuma intenção de confessar, mas sabia exatamente qual era o problema de Alex Westerling.

*Ela.*

JENNY APRECIOU seu primeiro dia no hospital mais do que havia imaginado. O fato de ter se mantido incrivelmente ocupada ajudou-a, impedindo-a de pensar em seus problemas com Alex.

Contudo, trabalhar tão próximos era sem dúvida uma situação inquietante, já que tentava conciliar o médico que via em ação com suas opiniões preconcebidas sobre o homem.

Sua cabeça zumbia com sinais contraditórios.

Considerava-o um homem negligente e superficial, mas como médico era, com certeza, extremamente talentoso e bem conceituado.

A equipe inteira parecia adorá-lo.

Como reagiriam se soubessem quem ele era na realidade?, perguntou-se enquanto pegava uma Daisy feliz, mas cansada, na creche do hospital e deixava o centro da cidade rumo à casa de Alex. O que diriam se soubessem como ele tratara Chloe? Eles só conheciam o médico, capaz e autoconfiante, e, por certo, Alex se comportava de uma forma adequada e responsável no trabalho. Não sabiam que ele era um homem com poucos escrúpulos, capaz de engravidar uma jovem e abandoná-la à própria sorte.

Jenny contraiu a mandíbula enquanto estacionava o carro em frente à cabana e retirava o bebê do assento infantil.

Pelo que Alex dissera, parecia que ele ia fazer o possível para se esquivar de suas responsabilidades para com Daisy.

De certa forma, ficara feliz por ele ter entrado em contato com o advogado. Tinha certeza de que o homem produziria provas concretas para convencer Alex Westerling de

que Daisy era sua filha.

E então, certamente, ele não se recusaria a fazer parte da vida da criança.

ALEX ENTROU em casa, deixou a maleta no chão polido e jogou o paletó sobre a cadeira mais próxima.

Estava com calor, cansado e irritado após outra discussão infrutífera com o pessoal da gestão hospitalar a respeito da escassez de pessoal no setor de emergência.

Era alto verão, a região estava inundada de turistas e todos no hospital estavam cumprindo uma extenuante jornada de trabalho.

Na teoria, teria o fim de semana de folga, o primeiro em um mês, mas sabia que havia uma grande possibilidade de ser chamado para ajudar se as coisas se complicassem para a sua equipe.

E se isso acontecesse, tinha toda a intenção de ligar para o diretor-executivo do hospital. Se ele podia perder seu precioso fim de semana de folga, o diretor também podia perder o dele.

Talvez se o cara vivenciasse a realidade em primeira mão se tornasse mais receptivo aos pedidos para contratarem mais funcionários.

Alex flexionou os ombros doloridos e olhou para fora das enormes janelas. Normalmente, a tensão o abandonava tão logo chegasse em casa, mas não mais.

Sua casa de repente se tornara uma fonte de tensão também.

Passara pelo carro de Jenny ao entrar e sabia que ela estava ali.

Com o bebê.

*O bebê que não era dele*.

Qualquer esperança que alimentara de ter aquele assunto esclarecido rapidamente se dissipara após uma breve conversa que tivera com seu advogado, antes de deixar o hospital. Parecia que o caso demandaria algum tempo e a ajuda de um detetive particular para produzir a prova de que ele precisava.

O que significava que, por enquanto, ela continuaria na casa com a criança. A não ser que as expulsasse dali.

Lembranças perturbadoras do bebê sorrindo para ele e os olhos de Jenny marejados de lágrimas, ao lhe contar sobre a morte de Chloe, inundaram-lhe o cérebro.

Alex cerrou os dentes, sabendo que não poderia expulsá-las. Não até ter conseguido algumas respostas.

Amaldiçoando-se por ser tão tolo, decidiu que o que ele precisava era de um pouco de exercício. Algo para banir da mente as frustrações do dia.

Podia correr ou nadar.

O mar cintilava tentador e ele optou por nadar. Apesar de estar quase anoitecendo, a temperatura continuava surpreendentemente quente e, com um pouco de sorte, a água fria lhe clarearia as ideias.

Subiu a escada de dois em dois degraus e estacou ao ouvir o riso vindo de um dos banheiros.

Dera uma chave a Jenny para que ela pudesse entrar, sabendo que se não o fizesse, ela seria mais do que capaz de forçar um confronto no setor de emergência, na frente de seus colegas, e isso era algo que ele fazia questão de evitar.

Por enquanto, não queria que ninguém soubesse que ela estava vivendo na casa dele.

Ouvindo mais risadas, abriu a porta do banheiro e parou, sua atenção atraída pelas brincadeiras da menina. Daisy ria com prazer, espirrando água em si mesma, totalmente confiante e feliz.

Jenny estava encharcada, e os olhos de Alex desceram para a elevação de seus pequenos seios sob o tecido úmido.

Sem perceber a sua presença, ela se inclinou para beijar o bebê.

– Oh! – Estremeceu quando Daisy fechou a mãozinha em torno do rabo de cavalo dela e puxou-o. – Olha o que você fez, sua atrevida.

Os cabelos escuros se soltaram, caindo-lhe ao redor dos ombros, mas ela os ignorou, tirou a menina da banheira e colocou-a cuidadosamente na toalha que havia preparado.

Alex observava, curioso. Fossem quais fossem as circunstâncias da concepção do bebê, não havia dúvida de que Jenny adorava a sobrinha.

– Então, gostou, meu anjo? – Ela secou a criança com cuidado, pegou uma fralda e, nesse momento, viu Alex parado junto à porta. Seu sorriso desapareceu. Fitou-o com cautela, ajustando a camiseta de modo consciente. – Oh. Olá. Nós não o ouvimos.

– É óbvio.

Com os cabelos sedosos soltos ao redor dos ombros e sem sutiã, Jenny parecia completamente diferente da jovem formal que ele encontrara no café da manhã ou da enfermeira profissional com quem trabalhara o dia todo.

Ela aparentava…

*Ela aparentava…*

Droga! Que diabos estava havendo com ele?

Aquela mulher entrara em sua vida com o único propósito de lhe causar problemas e ali estava ele recostado à porta, observando todos os tipos de coisas que não deveria.

Sem dúvida, estava precisando de um mergulho na água fria.

– Vou dar um mergulho – disse sucinto.

Jenny aparentou surpresa.

– Oh. Mas você acabou de chegar.

Alex contraiu a mandíbula. Era por isso que nunca quis viver com uma mulher. Elas queriam explicação para tudo.

– E estou saindo outra vez.

– Certo. – Ela afastou os cabelos dos olhos. – É que eu pensei que talvez quisesse passar algum tempo com Daisy antes de eu colocá-la na cama para dormir.

– Bem, você pensou errado.

Daisy escolheu aquele momento especial para sorrir para ele, e Alex sentiu os músculos dos ombros ficarem ainda mais tensos. Não precisava disso.

– Ouça… – O tom de voz soando áspero. – Não curto essa história de família, entendeu? Nunca curti e quanto mais cedo você perceber isso, melhor para nós dois. Vivo sozinho e é desse jeito que gosto de viver. Se eu quiser nadar, nado. Não devo explicações a ninguém e não tenho nenhum desejo de abraçar uma criança que não é minha.

Jenny o fitou com um olhar firme.

– Mas ela é sua, dr. Westerling. Pode não ser capaz de lembrar os nomes de suas namoradas, mas minha irmã era diferente. Ela não tinha… Bem, ela não tinha muita experiência. – Suas bochechas coraram. – Se ela disse que você era o pai, então é o suficiente para mim.

– Mas não é o suficiente para *mim*. Estamos na Inglaterra. Sou inocente até que provem o contrário e, pelo amor de Deus, pare de me chamar de dr. Westerling. Se tem intenção de viver em minha casa e arruinar a minha vida, deveria me chamar pelo primeiro nome – disse ele, irritado, lançando um olhar impaciente na sua direção antes de rumar para o próprio quarto e pegar o que precisava para o mergulho.

JENNY VESTIU Daisy e sentou-a no chão.

– Seu pai se comporta como um menino – disse ela cansada. – Acha que o mundo gira em torno dele, não dá a mínima para os outros. Vem de uma família muito rica, você sabe. Com certeza foi criado por babás e, na verdade, não sabe como é viver em família. Teremos de ensiná-lo.

Daisy balbuciou e sugou os punhos.

Jenny colocou alguns suprimentos dentro de uma sacola e pegou o bebê no colo.

– Vamos começar escondendo esta garrafa de uísque e acostuma-lo a fazer uma refeição matinal. Que tal jantar na praia? Podemos vê-lo nadar.

Estava determinada a não permitir que Alex as evitasse.

Daisy era filha dele e quanto mais cedo ele começasse a aceitá-la como parte de sua vida, melhor.

Carregando a criança para a cozinha, preparou uma mamadeira e depois se dirigiu à praia, fechando a porta com cuidado após sair.

Havia algumas outras pessoas na areia e ela estreitou os olhos, esquadrinhando a distância, tentando identificar Alex.

Ao avistar um nadador solitário deslocando-se, de modo suave, através das ondas, decidiu que devia ser ele.

Poucos metros à frente, encontrou uma toalha e sapatos abandonados a uma distância segura da beirada da água, e supôs que deviam pertencer a Alex.

– Vamos sentar aqui e esperar por ele – disse ela à menina, deixando cair uma pequena esteira que encontrara em um dos armários da cozinha e se acomodando confortavelmente. Desejou poder relaxar, mas a tensão estava de fato começando a dominá-la. Seu coração batia acelerado e se sentia demasiado nervosa.

Não precisava ser um gênio para saber que ele ficaria irritado ao vê-la ali.

Mas o que mais poderia fazer?

Se Alex continuasse a ignorar Daisy, cabia a ela tentar unir os dois.

– Você merece conhecer seu pai, meu anjo – murmurou ao colocar Daisy no colo e oferecer-lhe a mamadeira.

O bebê sugou o leite com avidez, e, enquanto a alimentava, Jenny olhou para o nadador no mar, observando a elevação e a queda constante de seus braços cortando a água. Quem quer que fosse, nadava muito bem e ela estava certa de que só podia ser Alex.

Alimentou a menina, totalmente incapaz de relaxar, sabendo que no momento em que ele a visse haveria problemas.

Quando Alex finalmente emergiu do mar, Jenny ficou tensa, preparando-se para o inevitável confronto.

Contudo, assim que ele se aproximou, todos os pensamentos sobre confronto desapareceram de sua mente.

Alex usava uma diminuta sunga que parecia realçar a perfeição do seu corpo musculoso. De repente, ela percebeu que não conseguia respirar.

Desviou o rosto depressa, olhando para o mar, para a areia, para qualquer lugar, desde que não fosse para ele.

No entanto era tarde demais. Um vislumbre fora suficiente. Com a precisão de uma câmera, seus olhos registraram a visão de Alex e a armazenaram com uma clareza terrível em seu cérebro confuso.

– Você está me perseguindo? – Ele estendeu a mão e pegou a toalha, tinha os cílios escuros úmidos e gotículas de água reluzindo nas maçãs do rosto rígidas.

– Não. – Jenny se endireitou, desesperada, tentando não olhar na direção dele. – Mas não vou permitir que você evite Daisy. Ela é parte da sua vida, quer você goste ou não.

– Não é, conforme meu advogado conseguirá provar – retrucou ele irritado, enxugando o rosto e os cabelos e, por fim, colocando a toalha ao redor dos ombros largos. – Pensei que já havia deixado bem claro para você que valorizo a minha independência. Não gosto de ser seguido.

Alex secava os ombros agora, e os olhos de Jenny, contra a sua vontade, seguiram os contornos dos músculos bem definidos, que mostravam o grau de exigências físicas a que ele se submetia.

Ao contrário de muitos médicos que ela conhecera, Alex Westerling tinha o porte de um atleta, um físico que, sem dúvida, daria inveja à maioria dos homens.

Desviou os olhos depressa, horrorizada com a direção que seus pensamentos haviam tomado.

Que importava que tipo de corpo ele tinha?

Não queria reparar no físico dele. Não queria se importar com o físico dele. Não era uma mulher superficial.

Aparência não era importante.

Havia outras coisas bem mais importantes, como se comportar de forma honrosa, algo que Alex, é claro, sabia muito pouco a respeito.

Seus ombros magros cederam ligeiramente.

Talvez toda aquela ideia tivesse sido um erro.

Tudo bem querer que Daisy conhecesse o pai, mas se seu pai não valesse a pena conhecer? E se fosse o tipo de homem que jamais enfrentava suas responsabilidades?

Jenny estava prestes a falar quando ouviu um grito estridente.

Alex parou de se enxugar e olhou na direção do som.

– O que houve?

Uma mulher estava correndo na direção deles carregando uma garotinha que chorava alto.

– Ajudem-me!

Alex largou a toalha e correu ao seu encontro, enquanto Jenny recolhia a esteira e Daisy, antes de correr para alcançá-lo.

– O que aconteceu?

– Ela pisou em uma água-viva e ainda há um pouco preso em seu pé – disse a mãe da criança e começou a chorar histericamente.

Alex se virou para Jenny, a mensagem era clara em seu olhar.

A mãe estava fazendo uma tempestade em copo d'água.

Jenny de imediato segurou o braço da mulher.

– Tente não entrar em pânico. A maioria das águas-vivas nesta região é inofensiva. – Jogou a esteira no chão e sentou Daisy, grata pela menina ainda ser jovem demais para se mover. – Deixe-me segurar sua filha para que o dr. Westerling possa examiná-la.

A mulher soltou a criança sem protestar.

– Você é médico? – perguntou, olhando para Alex como se ele fosse um oásis em um deserto. – Oh, graças a Deus! Estava tão preocupada, estamos tão longe da civilização e você lê essas coisas terríveis.

Estavam em uma praia na Cornualha, não tão longe da civilização!

Achando que a mulher estava exagerando, Jenny olhou para Alex, esperando que ele fizesse um comentário cáustico, mas ele não o fez. Em vez disso, se inclinou para examinar o pé da criança.

– Está inchado e, é claro, deve estar doendo – disse ele, por fim, olhando à sua volta com uma expressão séria. – Precisamos de um pouco de água do mar.

– Deixamos a pá e o baldinho lá. – A mulher fez um gesto vago em direção à água. – Mas não quero me afastar dela.

Alex sorriu, os olhos azuis tranquilizadores.

– Ela ficará bem aqui e preciso da água do mar. Você se importaria?

Olhando fixamente em seu rosto bonito, a mulher de repente parou de chorar e exibiu um sorriso constrangido.

– Eu… Se é isso que você quer, vou buscar o balde.

– Ótimo – disse Alex e Jenny resistiu à tentação de revirar os olhos.

O que havia de errado com o seu sexo que as fazia se comportarem como idiotas na presença de um homem bonito?

Jenny viu quando a mulher saiu correndo pela areia e, em seguida, percebeu que Alex voltara sua atenção para a menina que ainda chorava baixinho.

– Qual é o seu nome, querida?

A criança engoliu em seco.

– Amy. Você é médico de verdade?

Alex sorriu.

– Sou médico de verdade, Amy. Não pareço com um médico?

A menina parou de chorar e arregalou os olhos.

– Você não usa as roupas que a maioria dos médicos usa. Meu médico usa gravata em casa.

Alex riu.

– Eu uso roupas de médico quando estou no trabalho, mas no momento não estou trabalhando. Estou usando minhas roupas de praia. Assim como você. E usar gravata com sunga é ridículo, concorda?

Amy deu uma risadinha, mas Jenny sentiu um rubor no rosto com mais aquele lembrete de seu estado de nudez perturbador.

Alex parecia indiferente ao fato de estar vestindo praticamente nada.

– Bem, Amy… – Ele deu à menina mais um daqueles sorrisos que pareciam deixar as mulheres tontas. – … assim que sua mamãe voltar, vamos lavar esse pezinho. – Ele olhou para Jenny. – Precisamos de um pouco de vinagre.

– Vou buscar em casa – disse ela depressa, então hesitou e olhou para Daisy.

Alex interceptou seu olhar.

– Ficarei de olho nela. Mas não interprete qualquer coisa nisso.

Jenny correu até a casa, abriu os armários da cozinha, um por um, até encontrar o vinagre.

Num impulso, subiu a escada, abriu a porta do quarto de Alex e pegou uma camisa que vira sobre a cama.

Ao retornar, encontrou-o banhando o pé da menina na água do mar enquanto a mãe o observava com uma admiração mal disfarçada.

Rangendo os dentes, Jenny empurrou a camisa na direção dele.

– Pensei que você gostaria de vestir isto.

– Obrigado. – Ele pegou a camisa sem mais comentários, mas algo brilhou em seus olhos azuis, e ela corou ligeiramente.

Aborrecimento.

Esperava que ele não percebesse o quanto vê-lo naqueles trajes sumários a fazia se sentir desconfortável.

Ciente de que não havia mais tentáculos presos ao pezinho da menina, Alex pegou o vinagre.

– Isto deve ajudar. Você tem xarope de paracetamol em casa?

– Estamos de férias – disse a mãe da menina, fitando-o de forma significativa. – Hospedadas no Cliffside Hotel.

Alex calmamente ignorou o convite flagrante.

– Bem, o hotel fica perto de uma farmácia, você poderá comprar. As farmácias costumam ficar abertas até tarde nesta época do ano.

Por fim, satisfeito, calçou o pé da criança e ergueu-a nos braços.

– Sente-se melhor agora?

A menina fez que sim com a cabeça.

– Ainda dói um pouco.

Alex assentiu pesaroso.

– Mas em breve vai se sentir melhor. – Entregou-a de volta à mãe com um sorriso nos lábios. – Qualquer problema, leve-a ao hospital, mas acho que não será necessário. E da próxima vez precisa prestar mais atenção onde está pisando, mocinha.

A criança anuiu com a cabeça e enfiou o dedo na boca. A mãe lançou um último longo olhar de desejo a Alex, antes de pegar o baldinho e voltar ao local onde deixara o restante de seus pertences.

Alex permaneceu onde estava observando-as, e Jenny desejou saber se ele não se dera conta de que ainda estava seminu. Não parecia. Será que não percebia o efeito que causava nas pessoas? Tudo bem, ele vestira a camisa, mas não se preocupou em abotoá-la, e ela continuava tendo aquele vislumbre, completamente perturbador, do peito musculoso recoberto de pelos escuros. Contra sua vontade, seus olhos vagaram ao longo da trilha de pelos que desaparecia sob o cós da sunga e sentiu a boca secar.

– Bem, isso acrescentou um pouco de emoção ao meu mergulho vespertino – disse Alex em um tom casual, abafando um bocejo e estendendo a mão para pegar a toalha que havia jogado sobre a esteira.

– Fiquei surpresa por você não ter aceitado o convite dela – murmurou Jenny.

Um sorriso frio se estampou no rosto de Alex.

– Talvez eu ainda aceite – retrucou indiferente, mas ela suspeitou que ele estivesse apenas zombando dela e, em silêncio, o observou colocar a toalha em torno do pescoço e passar os dedos pelos cabelos úmidos para ajeitá-los.

Subitamente consciente de que da sua posição na esteira tinha os olhos no mesmo nível das poderosas coxas de Alex, Jenny se ergueu com o rosto corado. De repente, tudo em que podia pensar era no volume exacerbado que vira sob a sunga dele.

O que estava acontecendo com ela? *Nunca* pensara em coisas desse tipo.

– Você não é muito romântico, não é?

Alex deu uma risada suave.

– Posso ser muito romântico quando o desejo surge.

– Está querendo dizer quando quer convencer alguém a dormir com você? – balbuciou ela, incapaz de esconder seu desgosto. – Não posso acreditar que as mulheres caiam na sua conversa.

Os olhos de Alex brilharam. Ele se moveu na direção dela com a discrição graciosa de um gato selvagem.

– Isso é um desafio, senhorita Phillips?

Jenny se afastou tão rápido que quase tropeçou, terrivelmente consciente de cada centímetro daquele corpo musculoso.

– Não. É claro que não. Ao contrário da maioria das mulheres com quem você costuma se envolver, sei exatamente que tipo de homem você é, Alex Westerling.

*Perigoso.*

– Continua insistindo nisso. Mas posso apostar que me acha irresistível.

Ela o fitou boquiaberta.

– Não é de admirar que precise de quatro cabanas para viver! Seu ego jamais caberia apenas em uma. Para sua informação, não sinto nenhuma atração por você.

– Não. – Ele parecia calmo e descontraído e havia uma pontada de divertimento em seus sagazes olhos azuis. – Então por que me trouxe a camisa, querida? Vá em frente, admita. A visão do meu corpo a estava de fato incomodando.

Jenny sentiu o coração disparar de encontro às costelas e o fitou com a boca seca.

– Você é o sujeito mais arrogante, mais detestável…

A voz dela falhou e Alex desatou a rir.

– Jenny, você me trouxe a camisa – A voz soou aveludada. – Queria me cobrir.

Com as bochechas fervendo de raiva e outra emoção que ela não conseguia identificar, Jenny pegou Daisy no colo e começou a pelejar para erguer a esteira.

– Deixe que eu pego isso. – Com a voz ainda divertida, Alex tomou-lhe a esteira das mãos e colocou-a sobre o braço, antes de caminhar de volta, pela areia, para pegar os chinelos.

Jenny lutou contra o impulso de lhe atirar algo e seguiu-o de volta para a casa, olhando para as suas costas largas. Ainda estava fervendo de raiva, quando ele deixou cair a esteira do lado de dentro da porta, serviu-se de uma bebida e desapareceu escada acima em direção ao seu quarto sem olhar para trás.

Franzindo a testa, totalmente frustrada, Jenny também subiu para o andar de cima e preparou Daisy para dormir.

Seu coração batia acelerado, e o corpo parecia estar todo em brasa.

– Seu pai é um verdadeiro pesadelo – murmurou quando, por fim, colocou a menina no berço. – E não faço ideia de como vamos convencê-lo a tomar conhecimento de você. Talvez depois que o advogado confirmar a verdade, ele comece a agir de uma forma mais responsável.

Erguendo a mão, acariciou as costas do bebê e sorriu ao ver os olhos de Daisy se fecharem. Só de estar com a menina se sentia mais calma; e suspirou desejando não ter reagido de forma tão exacerbada às provocações de Alex. Agora tinha certeza de que ele a provocara.

– Acho que ele pensa que, agindo dessa forma, nos fará partir – falou baixinho, sabendo que o bebê não se importava com o que ela estava dizendo contanto que a voz soasse relaxante. – Mas não vamos partir, não é? Ele é seu pai e terá de conhecê-la.

Mas não permitiria que Alex a descontrolasse novamente.

Ciente de que Daisy estava dormindo, voltou ao andar de baixo, bastante tensa ao chegar à sala de estar. Não havia nenhum sinal de Alex, e ela supôs que ele estivesse no quarto, trocando de roupa depois do mergulho.

Entrou na cozinha e reuniu os ingredientes que havia comprado.

Mesmo cansado e irritado, em algum momento, com certeza, ele teria de comer.

E se os dois jantassem juntos talvez pudessem estabelecer pelo menos algum tipo de relacionamento. Seria essencial, caso ele viesse a fazer parte da vida de Daisy.

Seria muito mais fácil se os dois não fossem tão diferentes, refletiu, impotente, procurando ao redor da cozinha os utensílios necessários.

Aquecendo um pouco de óleo em uma enorme *wok* que encontrara em um dos armários, jogou um pouco de alho fresco, gengibre e adicionou cebolinha. Com sorte, talvez o cheiro o atraísse.

No momento que Alex surgiu à porta da cozinha, ela estava acrescentando tiras de frango e legumes. O aroma que inundava a cozinha era tentador.

– Que diabos pensa que está fazendo? – exigiu ele.

O tom grave a fez ofegar, mas Jenny procurou não exteriorizar seu nervosismo, concentrando-se na tarefa de escorrer o macarrão e colocá-lo na *wok*.

– Preparando o jantar.

– Oh, que mulher prendada! – ironizou ele. – Eu não sabia que nosso pequeno acordo incluía fornecimento de comida. O que mais você tem a oferecer, eu me pergunto?

Jenny desejou saber se ele estava tentando chocá-la de propósito.

Determinada a não reagir, ignorou a insinuação e respirou fundo.

– Dr. Westerling… Alex, você não tomou café da manhã e, pelo que sei, trabalhou durante a hora do almoço. Como parece não ter planejado algo para o jantar também, achei melhor preparar alguma coisa.

– O que a faz pensar que não planejei algo para o jantar?

– O conteúdo de sua geladeira. – Ela sacudiu a *wok* e arriscou um olhar na direção dele. – Está cheia de cerveja.

Alex arqueou uma sobrancelha com um flagrante ar zombeteiro.

– O que há de errado nisso?

Jenny manteve o tom leve.

– O conteúdo da geladeira pode revelar bastante sobre uma pessoa.

– É mesmo? – Ele estava encostado ao batente da porta, os olhos azuis brilhando perigosamente. – E o que a minha geladeira diz sobre mim?

– Que você não se cuida – respondeu ela sem rodeios, mexendo o conteúdo da *wok* com uma espátula de metal de cabo longo, que havia encontrado em uma das gavetas. – Bebe demais e não se alimenta corretamente.

Um silêncio sinistro se abateu sobre a cozinha.

– Mais alguma coisa?

Jenny ignorou o tom sarcástico e despejou o conteúdo da *wok* em dois pratos.

*Sim*, pensou. *Ele tinha uma péssima reputação com as mulheres.*

Entretanto não tocaria naquele assunto agora, lembrou a si mesma com firmeza. O ambiente já estava tenso o suficiente. Se queria que ele fosse um pai para Daisy, teria de construir algum tipo de relacionamento com aquele homem, e não conseguiria se estivesse constantemente lembrando-o de que desaprovava sua moral.

Em vez disso, entregou-lhe um prato com um sorriso sereno nos lábios.

– Espero que goste de comida chinesa. Eu não lhe perguntei.

Os olhos azuis confrontaram os dela e, em seguida, recaíram sobre o prato.

Por um momento, Jenny pensou que Alex fosse se recusar a comer, mas em vez disso ele estreitou o olhar, e os cantos de sua boca firme se ergueram.

– Então, você quer jantar comigo. Quanta intimidade!

A voz dele soou aveludada, fazendo-a lembrar-se de um predador letal, atraindo uma presa para o covil.

Sua respiração ficou presa na garganta.

– Não tenho nenhum desejo particular de jantar com você, dr. Westerling – retrucou, lutando para manter o tom firme. – Mas tendo em vista que ambos precisamos comer,

pensei que poderia muito bem cozinhar para nós dois.

– Vamos comer lá fora.

Após proferir essas palavras, Alex virou-se e atravessou a sala de estar, claramente esperando que ela o seguisse.

Jenny o fez em um ritmo mais lento, se perguntando se seria de fato capaz de comer alguma coisa. Suas entranhas estavam tão agitadas que tinha a sensação de que a comida ficaria parada em sua garganta.

Sentou-se perto da porta, e os olhos dele piscaram ao ver a babá eletrônica que ela colocou ao seu lado.

– O que é isso?

– É para que eu possa ouvir Daisy. – Ela ergueu o garfo, cortou um pedaço de brócolis e tentou entabular uma conversa civilizada. – É muito bonito aqui. Você nada todas as noites?

– Sim.

A resposta concisa a fez desistir da conversa, preferindo se manter calma e se concentrar na refeição.

Era certo querer que Alex conhecesse Daisy, mas sabia que isso implicaria em ele conhecê-la também. E pelo comportamento dele, era óbvio que ela seria a última pessoa com quem ele gostaria de passar o tempo. Se ela não estivesse ali naquela casa, sem dúvida ele estaria fazendo algo muito mais excitante do que se sentar no deque e comer macarrão.

Ambos comeram sob um tenso silêncio por alguns minutos mais e, em seguida, ela fez outra tentativa.

– Este lugar é fantástico.

– Eu o escolhi para ter privacidade.

O significado da resposta de Alex era claro como cristal, e Jenny suspirou imaginando como poderia construir qualquer tipo de relacionamento com ele.

A verdade era que simplesmente não estava acostumada a lidar com homens iguais a ele. Alex não fazia parte do seu mundo, e o fato de estar apenas a um metro dele a deixava nervosa. Se não fosse por Daisy, teria fugido no momento em que ele saíra do seu chamativo carro esportivo.

– Que molho é esse?

Jenny estremeceu, assustada, por ele ter falado com ela.

– O quê?

– Gostei do molho. – Alex enfiou outra garfada na boca e assentiu com a cabeça em aprovação. – É delicioso.

*Ele estava gostando da comida dela?*

Jenny disfarçou sua perplexidade.

– Eu… eu que fiz. É uma mistura de ingredientes.

– Bem, isso é bom. – Ele se recostou na cadeira com um copo na mão. – Você é muito prendada, não é? Bolinhos caseiros no café da manhã, comida para bebês, jantar à noite…

Jenny corou, sentindo que ele estava zombando dela novamente.

– Amo cozinhar.

– Uma esposa perfeita.

Ela estremeceu com o comentário ácido.

– Não estou tentando ser uma esposa, dr. Westerling. – A voz entoou estável. – Mas nós dois precisamos comer, logo me pareceu sensato eu cozinhar. Pode achar difícil de acreditar, mas não tenho nenhum plano em relação a você.

Alex terminou de comer e recostou-se na cadeira.

– Acho realmente difícil de acreditar – retrucou. – As mulheres já lançaram mão de todos os tipos de artifícios no passado para tentar me convencer a me casar, mas você é a primeira que chegou ao ponto de utilizar um bebê. Perdoe-me se sou um pouco cético com respeito aos seus motivos.

*Casamento?*

Ela o fitou boquiaberta.

– É isso que está pensando? Que quero você casado comigo?

Alex deu de ombros.

– Por que outro motivo se mudaria para cá e começaria a me preparar jantares?

*Casar* com Alex Westerling? Isso significaria sentenciar-se a uma vida de tortura. Nunca, jamais se sentiria confortável ao lado dele. Alex era muito… muito… viril.

– Mudei-me para cá porque quero que você comece a conhecer Daisy – respondeu totalmente chocada com a sua arrogância. – E preparei o jantar porque nós dois precisamos comer. Creia-me, se tivesse escolha, o último lugar que eu gostaria de viver era aqui e não me casaria com você nem que me pagassem.

Ele bocejou.

– É mesmo?

Alex não acreditava nela. Jenny o fitou admirada.

– Francamente, não consigo entender por que tantas mulheres ficam desesperadas para casar com você. – Ela cortou um pedaço de frango. – Só podem ser loucas.

O último comentário foi proferido em voz baixa, mas ele a ouviu e lançou-lhe um olhar que ela não foi capaz de interpretar.

– Você não quer mesmo se casar comigo?

Havia um brilho estranho nos olhos dele. Jenny o fitou e fez que não com a cabeça, a timidez esquecida por alguns instantes.

– Claro que não. Você leva um estilo de vida egoísta, é insuportavelmente arrogante e, com certeza, deve fazer o que quer desde o dia em que nasceu. Como marido seria um pesadelo.

Um incômodo silêncio pairou entre eles. Em seguida, Alex jogou a cabeça para trás e riu com uma diversão genuína.

– Oh Jenny, Jenny. – Ainda estava rindo quando estendeu a mão para pegar a bebida. – Você não se preocupa com o meu pobre ego?

Ela lhe lançou um olhar de desprezo.

– Seu ego é tão inflado que eu poderia martelá-lo durante semanas que não causaria qualquer efeito.

Os olhos dele ainda estavam repletos de humor.

– Estou começando a pensar que você pode ser o meu tipo, afinal. Onde esteve durante todo esse tempo?

Jenny sentia-se cada vez mais instável. Por que as reações de Alex nunca correspondiam às suas expectativas?

Por certo, devia se sentir ofendido por ela não querer se casar com ele, e não achar graça das suas palavras.

– Evitando homens como você.

Ele esfregou o queixo, e ela reparou na forma como os cantos da sua boca firme vincavam quando ele sorria.

– O que eu quero saber… – disse ele com aquela voz pausada, sem dúvida, produto de uma educação refinada. – … é por que, se você acha o meu estilo de vida tão desagradável, quer que eu seja o pai de Daisy. Não se preocupa com a minha influência perniciosa?

– Não *quero* que você seja o pai de Daisy – ela replicou em um tom frio, desistindo do jantar e pousando o garfo com cuidado sobre o prato. – Não escolhi você, mas, pelo visto, minha irmã o fez e temos de conviver com esse fato.

Os olhos de Alex se estreitaram.

– Acredita mesmo que sou o pai da criança, não é?

Jenny olhou para ele, achando a pergunta estranha.

– Com toda a certeza. Por que mais eu estaria aqui? – Ela sustentou seu olhar. – Por que minha irmã mentiria?

– Não faço a mínima ideia – respondeu, pensativo. – Mas tenho toda a intenção de descobrir.

Com essas palavras, ele se ergueu e se afastou, deixando claro que a conversa estava encerrada.

Alex era como um tigre, refletiu Jenny, observando-o voltar à sua enorme sala de estar e mexer no aparelho de som. Um macho solitário vivendo por conta própria, tomando o cuidado de nunca se envolver com alguém. A despeito de sua curta convivência com aquele homem, podia perceber que ele jamais permitia que as pessoas se aproximassem dele.

Quem ou o que o fizera ser daquele jeito?

Até onde sabia, sua família era estável o suficiente. O pai era um dos homens mais ricos do país e o próprio Alex herdara uma enorme fortuna. Por certo, não tinha preocupações com dinheiro.

Na verdade, a julgar pela maneira descontraída como descansava no sofá, de olhos fechados, um braço sobre a testa, enquanto ouvia a música, não parecia ter quaisquer preocupações.

Jenny o fitou com uma enorme frustração. Alex estava obviamente decidido a ignorar o fato de que Daisy era sua filha.

Como poderia incentivá-lo a construir um relacionamento com a criança?

# *Capítulo 4*

Foi o choro que o acordou.

Despertado de um sono profundo pelo pranto estridente, Alex se sentou na cama e esperou que os berros cessassem.

Nada aconteceu.

Soltando um palavrão, pulou da cama e caminhou, com os pés descalços, na direção do quarto que havia decorado para as sobrinhas.

A criança chorava no berço, e Alex franziu a testa, olhando para trás, esperando que Jenny viesse correndo acudi-la.

No entanto não havia nenhum sinal de Jenny. Xingando mais uma vez, entrou no quarto, pegou a criança no colo e sentiu a umidade encharcando a roupinha de algodão. Revirou os olhos, desgostoso.

– Não é de admirar que você esteja chorando – murmurou, encostando o bebê ao ombro. – Precisa trocar essa fralda. Precisa da sua mãe. – Ao proferir as palavras, calou-se, lembrando que a menina não tinha mais mãe.

Mas tinha Jenny.

Onde diabos ela estaria?

Olhou impaciente para a porta novamente, mas o corredor continuava escuro e não havia sinal de movimentação no outro quarto.

O bebê havia parado de chorar e soluçava suavemente contra seu pescoço, mas ele sabia que no momento em que a deitasse, ela começaria a chorar outra vez. E com razão. Estava encharcada.

Resmungando baixinho, olhou ao redor do quarto. Havia uma pilha de fraldas ao lado de uma cômoda, juntamente com lenços umedecidos e tudo mais que ele talvez precisasse.

Não havia nenhuma razão para não trocar a menina sozinho.

Só que simplesmente aquilo não era o tipo de coisa que costumava fazer.

Até mesmo com os filhos das irmãs, ele evitava trocar fraldas.

Impaciente, olhou para a porta mais uma vez, mas ainda não havia nenhum sinal de Jenny.

Por um momento, sentiu-se tentado a acordá-la. Então, o bebê sorriu para ele e, pela primeira vez em toda sua vida, Alex Westerling se viu completamente cativado por uma representante do sexo feminino.

O suave sorriso infantil aqueceu algo em seu interior, alcançando uma parte de si que ele não sabia que existia.

Olhando fixamente nos lindos olhos azuis do bebê, decidiu que talvez não precisasse da ajuda de Jenny.

Lidava com situações de risco de morte quase todos os dias.

Poderia muito bem lidar com uma fralda molhada.

– Certo, mocinha, teremos de fazer isso sozinhos, mas você deverá ser paciente. Esse negócio de trocar fralda é novo para mim. Sempre que minhas irmãs vêm me visitar com os filhos, evito essa parte. – Colocou a criança gentilmente sobre um colchonete impermeável no chão e retirou o macacão ensopado. – Ugh. Isso é repugnante! Não é à toa que esteja chorando.

Alex jogou o macacão molhado no chão com uma exclamação de desgosto e olhou na direção do banheiro.

– Eu volto já. Não se mova. – Erguendo-se, foi até o banheiro e umedeceu uma toalhinha.

Ao voltar, o bebê havia rolado para fora do colchonete e estava chutando as perninhas alegremente sobre o carpete.

Alex riu baixinho.

– Acho que você é inteligente, não é? Secando-se no meu carpete. – Ajoelhou-se, trouxe a menina de volta para o colchonete impermeável e gentilmente limpou-a enquanto ela balbuciava e tentava agarrar o rosto dele com suas pequenas mãos. – Fique quieta. Você está lidando com um completo amador.

Por fim, convencido de que o bebê estava seco, pegou uma fralda, abriu-a e estudou-a com ar de dúvida.

– Qual será o lado certo? Você tem alguma ideia? – Ele fez uma careta para o bebê, que riu e bateu palmas. – Pare de rir. As fitas adesivas são para frente ou para trás?

Alex resolveu experimentar um dos lados e, em seguida, tentou ajustá-lo ao bumbum de Daisy, mas a menina decidiu que aquilo se tratava de uma grande brincadeira e passou a se contorcer, até ele grunhir frustrado.

– Pelo amor de Deus, criança! – rosnou, estremecendo quando as fitas adesivas colaram em seus braços pela terceira vez. – Aiii! Isso é pior do que emplastros pegajosos. Ainda bem que as minhas irmãs, Katy e Libby, não podem me ver agora. Jamais me interessei por isto. Fique quietinha, está bem? Não sabe reconhecer um amador quando vê um?

Por fim, conseguiu prender a fralda e vestir o bebê com um macacão limpo.

– Pronto. Está seca agora. – Ergueu-a nos braços e a menina se aconchegou ao peito dele, fechando os olhinhos de imediato.

Alex olhou para ela e respirou fundo. Parecia totalmente indefesa.

– Pobrezinha. Perdeu sua mãe e parece que ninguém sabe quem é o seu pai – murmurou, acariciando-lhe a cabeça com ternura. – Para ser franco, não acho que seja eu, mas estamos tentando descobrir a verdade, e se for… Bem, acho que poderemos entrar em um acordo. Tente não se preocupar. Pelo menos você tem a sua tia Jenny, e ela parece muito prendada. Prepara a sua comidinha e tenho certeza de que é muito saudável, mesmo que tenha uma aparência nojenta.

Alex desejou saber por que Jenny não acordara. Talvez estivesse exausta. Sua vida não devia ter sido fácil nos últimos seis meses, com a perda da irmã e um bebê que não era dela para cuidar.

Não era de admirar que estivesse à procura de ajuda.

Após colocar a criança no berço, observou-a dormir, com uma expressão pensativa. Sempre imaginara que ter um bebê seria a pior coisa do mundo, mas de repente não tinha mais tanta certeza.

Não havia nada de horripilante em Daisy. Ela era incrivelmente doce.

Chocado com os próprios pensamentos, praguejou baixinho e passou os longos dedos através dos cabelos escuros.

Que diabos estava acontecendo com ele? Bebês não eram doces. Bebês punham fim a uma existência de solteiro e era o começo de uma vida inteira de autossacrifício.

Uma rota que não pretendia tomar.

JENNY PERMANECEU imóvel, mal ousando respirar. Acordara ao primeiro choro da criança, mas depois lhe ocorreu que aquela seria uma oportunidade de ouro para forçar Alex a se aproximar de Daisy. Certamente, ele não seria capaz de ignorar o choro do bebê.

E não foi.

Suprimindo a necessidade natural de correr até o quarto da criança, roeu as unhas até ouvir os passos pesados no corredor e a voz grave de Alex falando com Daisy.

Não tinha a mínima ideia do que ele fizera, mas a menina parara de chorar, então fosse o que fosse, com certeza funcionou.

E ele continuava lá dentro do quarto.

Sem saber se era certo ou não, Jenny voltou para a cama.

Com sorte, deixar o bebê aos cuidados de Alex melhoraria o relacionamento dos dois. Por outro lado, era uma estratégia arriscada que poderia surtir um resultado totalmente indesejado.

Alex era um solteirão que valorizava sua independência acima de tudo. Passar muito tempo com Daisy poderia apenas reforçar seus preconceitos sobre os efeitos de bebês em seu estilo de vida. Poderia decidir que não queria a menina. E então o que ela faria?

JENNY ESTAVA no andar de baixo dando o desjejum à criança, na manhã seguinte, quando Alex entrou na cozinha todo decidido.

– Pegue os pertences de Daisy. Vamos fazer compras.

Ela fez uma pausa com a colher a meio do caminho da boca do bebê.

– O quê?

– Vamos fazer compras. – Ele olhou ao redor da cozinha com expectativa. – Tem um pouco daquele delicioso café?

Jenny piscou atentando para o fato de que ele achava o seu café delicioso.

– Está ali ao lado – respondeu cautelosa e curiosa para saber o que estava acontecendo. – O que vamos comprar?

– Brinquedos. – Ele se serviu do café e olhou para o lote de bolinhos fresquinhos em um tabuleiro no centro da mesa. – Estes estão sobrando? – Seu tom soou casual e ela disfarçou o riso.

– Sirva-se.

Jenny sentiu um arrepio de satisfação por tê-lo finalmente persuadido a fazer a refeição matinal.

– Por que vamos comprar brinquedos?

– Porque Daisy não tem nenhum.

Ela o fitou, incapaz de esconder sua perplexidade.

– Quer comprar alguns brinquedos para Daisy?

Alex não olhou para ela, em vez disso pegou um bolinho e o cobriu com manteiga e mel.

– Toda criança precisa de brinquedos. Conheço uma excelente loja de brinquedos. É onde costumo levar minhas sobrinhas e sobrinhos. Vamos até lá comprar algo para Daisy.

Ainda surpresa, Jenny hesitou. Devia lembrá-lo que com seis meses um bebê não precisava de muitos brinquedos? Não. Todo o interesse por parte dele devia ser incentivado.

– Mas por quê? – Ela mordeu o lábio incapaz de compreender seu súbito interesse no bebê. – Você acha que Daisy não é sua filha.

– Tenho certeza de que não é. – Ele se serviu de um pouco mais de café. – Mas isso não significa que não posso lhe comprar brinquedos. A menina tem passado por uma situação difícil.

*Uma situação difícil?*

Jenny o fitou curiosa, consideravelmente emocionada pelo fato de que Alex, pelo menos, parecia comovido com a situação de Daisy.

Isso era bom. O deixaria mais propenso a ajudar quando seus advogados comprovassem a paternidade da menina.

– Se é o que você quer – disse ela.

Alex assentiu, abocanhando o bolinho com um gemido de aprovação.

– Você é uma excelente cozinheira.

Não acostumada a receber elogios, Jenny enrubesceu e se concentrou em Daisy.

– Obrigada.

– Muito bem, é isso que vamos fazer. – Ele terminou de comer o bolinho e estendeu a mão para pegar a xícara de café. – Estou vendo que a vida deve ter sido difícil para você ao longo dos últimos seis meses e estou disposto a ajudá-la, até que possamos descobrir quem é o pai de Daisy.

Jenny abriu a boca para dizer que sabia que era *ele,* mas fechou-a de novo. Não estava com vontade de confrontá-lo, e, obviamente, ele tinha tudo planejado.

Haveria tempo suficiente para Alex assumir sua total responsabilidade quando os advogados descobrissem a verdade.

– Você pode ficar aqui até encontrar o pai da criança. Quando encontrarmos o sujeito, vou falar com meus advogados para resolver tudo, de modo que você consiga uma pensão decente para Daisy.

Alex com certeza achava que estava sendo extraordinariamente generoso, e Jenny suspirou.

– Não se trata de conseguir uma pensão, dr. Westerling.

– Alex – corrigiu ele depressa e ela deu um breve sorriso.

– Alex. Não se trata de dinheiro. Acima de tudo, quero que Daisy tenha um pai. É realmente importante para uma menina saber quem é seu pai. Eu tinha um ótimo relacionamento com o meu. Ele era uma parte importante da minha vida. Não quero que isso seja negado a Daisy.

Alex deu uma risada sem graça.

– É melhor descobrir que tipo de pessoa é o pai dela antes de apresentá-la a ele – aconselhou, seu tom soando rígido de repente. – Se o sujeito for parecido com o meu pai, seria melhor que ela não o conhecesse.

Jenny o fitou, sentindo sua repentina tensão.

– Por quê? Como era o seu pai?

O rosto dele adquiriu uma expressão vazia, todas as evidências de emoção se esvaíram.

– Não tenho a menor intenção de discutir esse assunto com você. Só porque estou me dispondo a ajudá-la, não significa que pretendo começar a lhe expor a minha vida. Não é o meu estilo.

– Prefere beber, trabalhar e relaxar com mulheres loiras, cujos nomes você não se lembra – retrucou Jenny e, em seguida, mordeu o lábio. – Desculpe.

Para sua surpresa, Alex riu, um pouco da tensão deixando seus ombros largos.

– Ai. Lá vem você de novo esquecendo suas boas maneiras. Mas para ser franco, você está certa. Vê algum problema nisso?

Com o coração acelerado, Jenny tentou desviar o olhar, mas parecia capturada pelo brilho sagaz nos olhos dele.

– Eu… eu só acho que há me-melhores formas de se relaxar – gaguejou e Alex mostrou-lhe um sorriso que a fez perceber de imediato por que as mulheres se apaixonavam tão facilmente por ele.

– Se você acha… – falou ele baixinho. – Então, com certeza, nunca experimentou uma boa noite de sexo.

Com o rosto pegando fogo, Jenny não conseguiu pensar em uma única réplica adequada.

Alex Westerling estava acostumado a lidar com mulheres sofisticadas, e ela era tudo, menos sofisticada.

Podia imaginar o quanto ele se divertiria se descobrisse que ela jamais tivera um namorado sério. Concentrou-se na alimentação de Daisy esperando que ele esquecesse o assunto.

Mas isso não aconteceu.

– Não consigo entendê-la, Jenny Phillips – disse ele com aquele tom lento e másculo que parecia se conectar com as terminações nervosas dela. – Você é de fato tão inocente quanto parece? Toda vez que menciono a palavra sexo, fica da cor de um carro de bombeiros.

*Oh, Deus me ajude*!

– Minha vida sexual não é da sua conta, dr. Westerling.

Os olhos dele cintilaram.

– Talvez eu esteja apenas sendo justo. Você parece ter um grande interesse em minha vida sexual, então não vejo por que deva escapar ilesa.

– Só estou interessada em seu relacionamento com a minha irmã – revidou Jenny com a voz estrangulada, desejando saber como aquela conversa se iniciara. Não queria falar de sexo com Alex Westerling.

O assunto lhe evocava imagens incrivelmente perturbadoras.

Alex sorriu.

– Tudo bem, Chapeuzinho Vermelho. Vamos parar por aqui por enquanto, mas apenas lembre-se de que se você quer que respeitem a sua privacidade, deve respeitar a dos outros também.

Jurando nunca mais perguntar nada pessoal, Jenny mudou de assunto depressa.

– Por que você me chama de Chapeuzinho Vermelho?

Alex se inclinou para frente, com um leve brilho sarcástico no olhar.

– Porque você chegou à casa de campo da vovó, bateu na porta confiante, com uma cesta de bolinhos recém-assados, e não percebeu o lobo mau – murmurou ele.

Jenny prendeu a respiração ao ver a expressão nos olhos dele. Jamais conhecera um homem com um olhar tão cínico. Pareciam provocar e seduzir ao mesmo tempo.

– Eu… eu… percebi o lobo – gaguejou ela, seus dedos tremendo um pouco enquanto segurava a colher. – Mas sei que ele jamais se interessaria por mim. Nem eu por ele.

Alex fitou-a nos olhos por um longo momento. A seguir, mediu-a de alto a baixo com o olhar, antes de voltar a se focar em seu rosto chocado.

– É mesmo?

Por um excitante e interminável momento de dolorosa intensidade, seus olhares se ligaram. Então, Daisy bateu com a colher na mesa, e Jenny foi trazida de volta à realidade.

O que estava fazendo?

E o que *ele* estava fazendo?

Sabia que não era o tipo de Alex, e ele certamente não era o dela.

Ele estaria apenas tentando deixá-la nervosa?

Se a resposta fosse sim, então, sem dúvida, conseguira.

Completamente perturbada por sentimentos que não conseguia compreender, limpou a boca de Daisy e a ergueu da cadeira infantil.

– Sobre as compras…

Alex ergueu-se com um movimento fluido e pegou as chaves do carro.

– Iremos tão logo você esteja pronta. Vou tirar o assento infantil do seu carro e colocar no meu.

Abstendo-se de perguntar como ele pretendia acomodar uma cadeira de bebê em seu veloz carro esportivo, Jenny se concentrou em Daisy, reunindo uma seleção de coisas que poderiam precisar para a viagem.

Ainda totalmente perturbada com a conversa durante o café da manhã, faria qualquer coisa para evitar um contato mais próximo com Alex, mas como aquela era a primeira vez que ele demonstrava um verdadeiro interesse por Daisy, não queria rejeitar sua oferta.

Seria bom para a criança, disse a si mesma, categórica, enquanto carregava Daisy para o carro.

Os comentários de Alex não continham significado algum.

Ele só queria provocá-la.

Sabia muito bem que não era o tipo dele.

E ele, com certeza, não era o seu.

Não havia nada com que se preocupar.

TRÊS HORAS mais tarde, Alex entregou o cartão de crédito à vendedora com um sorriso satisfeito estampado no rosto.

Pelo menos agora ninguém poderia dizer que Daisy não tinha brinquedos.

– Obrigada, dr. Westerling – disse a mulher em um tom suave, contemplando a enorme nota de compras com a satisfação de alguém que recebia comissão nas vendas. – Deseja mais alguma coisa?

*Mais alguma coisa?*

Alex lançou-lhe um olhar irritado e se absteve de dizer que já havia comprado metade da loja. Guardou o cartão de crédito na carteira e olhou de modo terno para o objeto de sua generosidade.

Daisy dormia profundamente em sua cadeirinha, alheia ao fato de que agora era a orgulhosa proprietária de várias bonecas com diferentes mudas de roupa, brinquedos de pelúcia, chocalhos, alguns brinquedos de encaixar e um ginásio de atividades que garantia transformar qualquer criança em um gênio.

Alex recolheu as sacolas, percebendo que Jenny olhava para os brinquedos, para o chão, para o teto… Na verdade, para todos os lugares, menos para ele.

E a culpa era totalmente sua, é claro.

Desde a conversa que tiveram no café da manhã, quando ele mencionara sua vida sexual, ela vinha evitando fitá-lo.

Cerrou os dentes irritado. Não tivera a menor intenção de constrangê-la, mas, francamente, não conhecia nenhuma moça na idade dela que se envergonhasse ao ouvir falar de sexo. Pareciam discutir o assunto com bastante liberdade.

Mas não Jenny, é óbvio.

*Chapeuzinho Vermelho.*

Soltou um suspiro enquanto caminhavam de volta ao carro, imaginando o que teria de fazer para que ela relaxasse e voltasse a se sentir à vontade com ele. Era evidente que Jenny ouvira dizer que ele era um verdadeiro sedutor de mulheres. Após a maneira como falara com ela no café da manhã, com certeza estava preocupada com sua virtude.

E realmente não era necessário.

Como ela própria havia observado, não fazia o tipo dele.

Ele sempre preferia as loiras.

Lembrando-se desse fato, retirou-lhe Daisy dos braços, mas de repente se viu olhando para ela, percebendo a espessura de seus cílios escuros e a suavidade da pele do seu rosto.

A cor dos cabelos não importava, disse a si mesmo enquanto acomodava a criança no assento infantil. O principal motivo de não se interessar por Jenny era o fato de ela ser obviamente muito diferente do tipo de mulher com quem estava acostumado a sair.

Jenny não fazia sexo casual.

Bastava testemunhar sua reação horrorizada ao estilo de vida que ele levava para saber disso.

Seu modo de ser a chocava, e ele não se envolvia com mulheres que se chocavam com facilidade.

Mantendo os olhos na estrada, esperou que ela ativelasse o cinto de segurança e, em seguida, acelerou.

Aquela situação estava deixando ele estressado e quanto mais cedo seus advogados identificassem o verdadeiro pai de Daisy seria melhor para todos.

JENNY SE sentiu aliviada ao chegar à segunda-feira.

Estava ficando cada vez mais difícil relaxar perto de Alex.

Tudo nele era agressivamente viril, desde o modo como sempre assumia o comando de todas as situações, até a maneira como se deitava no sofá, assistindo a partidas de críquete na TV *widescreen* ou ouvindo música com fones de ouvido.

Antes havia pensado que queria que Alex passasse mais tempo com Daisy, mas o que não havia considerado era que, ele passando mais tempo com a criança, inevitavelmente implicava em ela passar mais tempo com ele. E o fato de ter sido forçada a um contato mais próximo com Alex Westerling na maior parte dos dois últimos dias, sem dúvida a deixara perturbada. Mesmo sabendo que ele não poderia estar interessado nela, não conseguia esquecer seu comentário sobre a caminhada dela até à toca do lobo mau.

Entretanto, pelo menos, Alex começara a demonstrar algum interesse em Daisy.

No dia anterior, insistira para que os três fossem à praia e carregara a criança para o mar, balançando os pezinhos dela na água até lhe arrancar gargalhadas. Ela havia observado calmamente de sua posição na areia, com um nó na garganta, ao vê-lo sorrir indulgente quando a menina chutou as pernas, encharcando-o.

Quando, nervosa, preparou o jantar, ele se omitiu de proferir seus comentários sarcásticos e limitou-se a elogiar-lhe a comida.

Na verdade, mostrou-se uma companhia tão agradável durante o jantar que ela precisou se forçar a lembrar que ele era o mesmo homem que seduziu Chloe e depois a abandonou.

Tudo somado, durante o fim de semana, deixara seus sentimentos cada vez mais confusos e instáveis. Antes de aparecer à porta dele, pensava que sabia exatamente o tipo de homem que Alex Westerling era. Agora não tinha mais tanta certeza.

Por sorte, seus pensamentos foram interrompidos com a chegada de uma ambulância.

– O garotinho tentou correr na frente de um carro – disse o socorrista, enquanto ela empurrava a maca de transporte para a área principal do setor de emergência. – A mãe tentou impedi-lo, ele caiu e bateu com a cabeça na calçada. Vai ficar com um desagradável olho roxo.

Jenny ergueu o olhar ao ver uma jovem mulher correr em direção ao setor, arrastando uma criança atrás dela e carregando um bebê no colo. Aparentava estar incrivelmente nervosa e torturada.

– Não posso acreditar que ele fez isso. – Levou a mão ao peito, sua respiração ofegante. – Em um minuto eu estava no banco descontando um cheque, e no minuto seguinte ele apenas sorriu para mim e correu porta afora, como se tudo fosse uma grande brincadeira. Consegui impedi-lo de atravessar a rua e então surgiu aquele caminhão…

A mulher fechou os olhos com força e Jenny estremeceu, experimentando as mesmas imagens mentais que a mãe da criança.

Se ela não tivesse segurado o menino…

– Tente não pensar no que poderia ter acontecido – disse ela depressa, segurando a mulher pelo braço e conduzindo-a ao setor de emergência. – Tenho certeza de que ele ficará bem. Só vou pegar algumas informações com você e depois pediremos a um médico para examiná-lo.

A mulher estava lutando contra as lágrimas.

– Isso é demais. – Ela fez uma pausa e esfregou o rosto com as mãos. – Ele é muito travesso. Está sempre me causando problemas. Passei a noite toda acordada com o bebê e basta virar as costas um minuto para ele me aprontar uma dessas.

– Algumas crianças são assim mesmo – concordou Jenny, seu tom soando compreensivo. Ela acomodou o menino na maca do hospital e ouviu quando o socorrista lhe passou o restante das informações.

A mãe se aproximou e deu um abraço no filho com o braço livre, as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto.

– Quantas vezes eu lhe disse para não sair de perto da mamãe?

O rosto do menino enrugou, e ele começou a chorar.

Jenny disse um obrigado apressado ao socorrista e tentou acalmar a criança.

– Tudo bem. – Sua voz soava calma e estável e ela sorriu para o menino. – O que você tem feito, travessuras? Quase matou sua mãe de susto.

Após preencher uma ficha com as informações necessárias, ela verificou as observações do socorrista.

– Ele não tem apresentado nenhum sintoma, sra. Newton? Febre ou outra coisa?

– Por favor, me chame de Helen, e, não, ele não tem se sentido mal. – Ela franziu a testa ligeiramente. – Por que está perguntando?

– Porque, quando as crianças caem, precisamos ter certeza de que não há algo mais acontecendo. Às vezes, uma infecção no ouvido pode levá-lo a perder o equilíbrio.

– Ele só tropeçou porque estava fugindo de mim – disse Helen.

Jenny assentiu.

– E tem certeza de que ele não desmaiou?

Helen sacudiu a cabeça.

– Não. Ele chorou imediatamente então percebi que estava consciente.

– Certo. Bem, preciso pedir a um médico para examiná-lo – disse Jenny, fazendo algumas anotações. Ela ergueu o olhar e notou que Helen havia fechado os olhos e respirava lentamente. – Você está bem?

A mulher deu um sorriso amarelo.

– Na verdade não, mas acho que ninguém com três crianças menores de cinco anos e com as horas de sono que eu durmo pode se sentir bem. Não se preocupe. Estou apenas cansada e fora de forma. Fiquei tão exausta depois de correr atrás de Jack, e foram só alguns metros.

Jenny sorriu.

– Não pode estar tão fora de forma cuidando desses três todos os dias.

– Bem, mas estou. – Helen correu até a filha que estava tentando abrir um dos armários do setor de emergência. – Pare com isso, Bella! Venha, sente-se aqui. – Suspirando, lançou um olhar pesaroso a Jenny. – Desculpe. Controlá-los é um pesadelo. Não é de admirar que eu sinta dores no peito.

– Dores no peito? – Jenny franziu a testa, mas antes que pudesse questioná-la ainda mais, Alex entrou na sala, com seus ombros largos, passando uma imagem de segurança inabalável.

Uma súbita percepção a atingiu. Desviou o olhar depressa, chocada com a intensidade de sua própria reação.

O que estava acontecendo com ela nos últimos dias?

Havia perdido o bom senso?

Apesar de tudo que sabia sobre Alex Westerling, ele ainda fazia seu coração acelerar.

O que provava que ela era tão vulnerável a seu charme letal quanto qualquer outro espécime do sexo feminino.

Horrorizada com a constatação de que Alex poderia afetá-la tão fortemente, fitou-o feito uma tonta e ele ergueu uma sobrancelha na sua direção.

– Tina disse que você precisava de um médico aqui.

– Sim. – Jenny proferiu a palavra em voz baixa e acenou com a mão em direção à maca. – Este é Jack. Caiu e bateu a cabeça no meio-fio. Não desmaiou, e a escala de Glasgow é 15.

Alex caminhou até a maca e sorriu para o menino.

– Olá, Jack. Seu olho está lindo.

Helen gemeu.

– Não diga isso, ou ele vai repetir a travessura.

Alex sorriu.

– Ele é um garoto. Ainda vai fazer muitas travessuras, só que da próxima vez, provavelmente, o que causará esse olho roxo será o punho de alguém, em vez do meio-fio. – Ele se virou para a criança. – Preciso examinar a sua cabeça, tudo bem?

Jenny o fitou com uma relutante admiração. Não queria que ele fosse um bom médico. Não queria mesmo. Mas ele era.

E tinha muito jeito com as crianças.

Assistiu-o examinar Jack, conversando com o menino sobre assuntos que ela não esperava que ele soubesse, como Thomas e Seus Amigos e Bob o Construtor.

Bob o Construtor? O que Alex Westerling sabia sobre Bob o Construtor?

Pegando um oftalmoscópio, ele examinou os olhos do garoto, firmando-lhe a cabeça com sua mão forte enquanto definia um ângulo.

– Bem, parece OK. – Alex passou os dedos em torno dos ossos da órbita ocular de Jack verificando se estavam intatos. Em seguida, se virou para Helen. – Não creio que a queda tenha causado danos sérios. A contusão deve melhorar gradualmente. É claro que ele sofreu um trauma na cabeça, logo vai precisar ficar de olho nele durante 24 horas. Qualquer dor de cabeça, qualquer sintoma que a preocupe, traga-o de volta ou ligue para o seu clínico. Jenny vai lhe dar um formulário com todas as explicações.

Alex conversou um pouco mais com a mãe da criança e, em seguida, deixou a sala. Jenny pegou um formulário de traumatismo craniano, observando Helen caminhar para buscar a filha que abria o armário pela segunda vez.

A mulher estava usando um short, e Jenny percebeu que sua perna esquerda parecia inchada.

Estaria imaginando coisas?

Observou mais de perto e decidiu que não. A perna de Helen com certeza estava inchada.

– Helen… – Hesitou sem saber como expressar suas preocupações. – Sua perna parece um pouco inchada. Isso costuma acontecer com frequência?

Helen arrastou a menina para longe do armário, sua expressão atormentada.

– Não, mas está calor e fiquei de pé durante o dia todo.

Jenny mordeu o lábio. Era possível que o calor fosse a causa, mas ainda assim…

– A dor no peito que você mencionou sentir quando correu atrás de Jack… já sentiu antes?

– Nos últimos dias sim. – Helen ergueu a menina no colo e caminhou de volta até a maca, segurando a criança que se contorcia. – Tive um acesso de tosse, acho que foi isso que causou a dor.

– Que tipo de tosse? – Sinos de alarme começaram a tocar na cabeça de Jenny.

– Tosse comum. – Helen deu um sorriso triste. – Sou fumante, provavelmente tem algo a ver com isso.

– Quantos cigarros você fuma?

– Cerca de trinta por dia, mas não conte ao meu marido. – A mulher deu um sorriso cansado. – Você também fumaria se tivesse de tomar conta destes três.

– Não a estou julgando. – Jenny assegurou-lhe depressa. – Só estou preocupada com a sua saúde. Você se importaria se eu examinasse a sua perna?

Helen a fitou assustada.

– Você quer me examinar? Mas foi Jack quem sofreu o acidente.

– Eu sei, mas estou um pouco preocupada com os sintomas que está descrevendo.

– Você acha que não estou bem?

– É possível, mas eu gostaria de ter certeza. – Jenny puxou uma cadeira. – Sente-se ali, por favor.

Helen sentou-se com o bebê no colo, enquanto Jenny lhe examinava a perna.

– Dói quando eu aperto aqui?

A mulher fez uma careta.

– Sim.

– Você está tomando a pílula, Helen?

A mulher assentiu.

– Sim. Por quê? O que isso tem a ver com as minhas pernas e minha tosse?

– Talvez nada, mas vou pedir a um médico para examiná-la de qualquer maneira. Tenho mais uma pergunta. Alguma vez já escarrou sangue?

– Um pouco. – Helen estava começando a aparentar alarmada. – Achei que era por causa da tosse.

– Provavelmente é – Jenny concordou, ergueu-se e caminhou em direção à porta. – Fique aqui, Helen. Estarei de volta em um minuto.

Caminhou a passos largos pelo corredor e procurou Alex. Ele estava examinando um conjunto de raios-X para um residente.

– Você pode ver que aqui existe uma fratura se olhar direito. – Ele colocou outra chapa no negatoscópio. – Você estava olhando pelo lado errado.

– Alex. – O tom soou urgente, e ele inclinou a cabeça em sua direção, com os olhos ainda fixos no raio-X.

– Qual é o problema?

– É Helen. A mãe do menino que você acabou de examinar.

– O que tem ela?

– Estou preocupada. Acho que ela pode ter uma embolia pulmonar. – No momento em que as palavras saíram de sua boca, sentiu-se uma tola. Santo Deus, não era médica. Não devia estar fazendo diagnósticos. Esperou que ele risse ou dissesse algo cortante, mas Alex não o fez.

Em vez disso, abandonou o raio-X e se virou para ela, conferindo-lhe toda a sua atenção.

– Quais são os sintomas?

Grata por ele levá-la a sério, Jenny engoliu em seco e afastou uma mecha de cabelos dos olhos.

– Falta de ar, dor na região do tórax, tosse e expectoração sanguinolenta. Tem um edema na perna direita e no tornozelo e um pouco de sensibilidade na panturrilha direita.

Alex olhou para ela.

– Como diabos você descobriu tudo isso? Ela nem era a paciente.

Jenny corou.

– Ela mencionou sentir falta de ar ao correr atrás de Jack para tentar impedi-lo de atravessar a rua e reparei que uma de suas pernas estava inchada. Se ela não estivesse usando short, acho que eu nem teria notado. Pode não ser nada…

– Para mim os sintomas são bastante significativos. Deixe-me apenas terminar aqui e irei em seguida. – Alex retirou o raio-X do negatoscópio e o entregou ao outro médico, que ainda parecia confuso. – Envie esse cara para o setor de fraturas para colocar uma bota de gesso e depois o encaminhe à ortopedia para acompanhamento. – Ele se virou para Jenny. – Vamos dar uma olhada na sua paciente.

Ela correu para acompanhá-lo enquanto ele caminhava em direção ao setor de emergência.

– Ela é fumante, fuma trinta cigarros por dia, e está fazendo uso de pílula.

Alex se virou para ela com um sorriso irônico, parando com uma das mãos na porta.

– Algo mais que tenha descoberto sobre ela?

Jenny retribuiu o sorriso de modo tímido, pensando que ele não deveria ter permissão para sorrir. Isso o tornava perigosamente atraente.

– Só fiz algumas perguntas…

– Mas todas as perguntas certas – observou ele baixinho, os olhos azuis de repente alertas. – Vamos ver se suas suspeitas têm fundamento.

Alex abriu a porta da sala e caminhou até Helen.

– Soube que não tem se sentido muito bem, sra. Newton.

Helen estava tentando controlar a criança que se contorcia enquanto lia um livro para o outro filho.

– Bem, é verdade, mas devo admitir que pensei que fosse por causa destes três. Eles não dão trégua.

– Posso imaginar.

Alex ergueu a menina nos braços e olhou para Jenny.

– Você pode dar um pulinho na área da pediatria e pegar alguns brinquedos? Estes pequeninos já estão aqui há algumas horas e devem estar entediados. Vamos lhes dar algo para brincar, com exceção dos instrumentos cirúrgicos, é claro.

Jenny sorriu e apressou-se para fazer o que ele sugeriu, pensando que para um homem que não queria filhos, ele era extremamente sensível às necessidades das crianças.

Ao retornar com os brinquedos, encontrou Alex examinando a perna de Helen.

– Isso dói?

A mulher fez uma careta.

– Um pouco. Nada muito forte.

Alex assentiu com a cabeça e seus olhos se viraram para Jenny.

– Preciso de um cateter arterial.

A julgar pela urgência em seu tom de voz, obviamente concordara com o seu diagnóstico, e ela reagiu de imediato, alcançando um cateter e um chumaço de algodão. Alex agachou-se ao lado de Helen, que ainda estava sentada na cadeira, ocupada com a criança.

– Helen, acho muito provável que você tenha desenvolvido um coágulo em uma das veias da perna – disse ele em um tom de voz calmo. – Chamamos isso de TVP. Trombose Venosa Profunda. Também acredito que o coágulo possa ter se movido até seus pulmões, daí a causa da tosse. Quero fazer alguns exames.

A mulher olhou para ele.

– Quer dizer que terei de ficar no hospital?

– Por ora, sim. – Alex tomou o torniquete que Jenny lhe entregou e deslizou sobre o braço de Helen. – Vou inserir um cateter em sua veia para que possamos coletar o sangue e medicá-la se houver necessidade.

Alex desinfetou o dorso da mão dela, em seguida, puncionou uma veia e introduziu o cateter venoso periférico com uma habilidade adquirida pela prática.

– Muito bem. – Ele se endireitou e colocou o material sobre a maca. – Quero uma radiografia de tórax, um ecocardiograma e um ultrassom da perna.

Jenny se apressou para tomar as providências necessárias e Alex ligou para a equipe médica.

– Não posso ficar no hospital – protestou Helen, se abaixando para pegar um brinquedo que a menina havia deixado cair. – Tenho três filhos com menos de cinco anos, um deles com um ferimento na cabeça.

Jenny olhou para Jack, que estava deitado no carrinho, brincando tranquilamente com um carrinho de brinquedo.

– Há alguém para quem possamos telefonar?

Helen suspirou e inclinou a cabeça para trás.

– Meu marido, suponho, mas ele vai ficar bravo.

Alex caminhou de volta até ela.

– Por que ele vai ficar bravo?

– Ele é muito ocupado – Helen murmurou, concentrando-se nas crianças. – Odeia ser incomodado quando está trabalhando.

Jenny olhou para Alex e disfarçou sua surpresa com a expressão óbvia de desaprovação no rosto dele. De alguma forma, esperava que ele fosse solidário com o empresário que não dispunha de tempo para os filhos. No entanto, mais uma vez, parecia que o havia julgado mal.

– Jenny vai ligar para o seu marido – disse Alex com a voz serena. – Ela é ótima em lembrar as pessoas de suas responsabilidades.

Jenny captou o brilho de divertimento em seus olhos azuis e o encarou.

– Ficarei feliz em ligar para ele – replicou com um sorriso doce na direção de Alex. – Tenho certeza de que seu marido ficará muito feliz em vir, ao saber que você está precisando dele.

Helen não parecia convencida, mas, naquele momento, um técnico de radiologia entrou na sala, além de dois técnicos de ECG. Alex fez um rápido gesto de assentimento.

– Ótimo. Vamos colocá-la na maca, Helen, ao lado de Jack. Jenny vai levar os outros dois para um pequeno passeio enquanto fazemos os raios-X.

Percebendo que a pequena Bella estava demonstrando mais do que um interesse passageiro pelo suporte de metal do soro, Jenny assentiu e gentilmente retirou o bebê do colo da mãe.

– Não tenho certeza se ela vai querer ir com você – queixou-se Helen, soltando a criança com relutância. – Ela é terrível com pessoas estranhas.

– A menina ficará bem com Jenny. Ela é ótima com bebês – disse Alex depressa, assinando o formulário que o técnico de radiologia lhe entregou. – Os bebês a amam.

Jenny pestanejou diante do elogio inesperado e pegou a criança no colo. Por sorte, o bebê pareceu amá-la. Ou pelo menos não protestou ao ser abraçada por uma completa estranha.

Assegurando a Helen que traria a menina de volta ao primeiro sinal de aflição, Jenny deixou a sala e caminhou até a pediatria, para encontrar um telefone e se ocupar com mais distrações.

Ainda com o bebê no colo, mostrou a Bella uma caixa de brinquedos e observou com satisfação quando a criança se envolveu com um conjunto de trenzinhos. Em seguida, ligou para o marido de Helen, escolhendo as palavras com cuidado para que ele entendesse a gravidade da situação.

– Quem é esta? – Tina entrou na sala no momento em que ela estava desligando o telefone. – Devo chamar um médico para examiná-la?

Jenny negou com a cabeça.

– Não há nada de errado com o bebê – disse ela, e rapidamente explicou o que havia acontecido.

Os olhos de Tina se arregalaram.

– Você percebeu isso?

Jenny corou.

– Bem, eu estava apenas…

– Sendo rápida e eficiente – interrompeu uma voz máscula atrás delas, e Jenny virou-se para encontrar Alex encostado ao batente da porta.

Sua pulsação acelerou.

– Como ela está?

– Helen tem um quadro de embolia pulmonar e está sendo examinada pela equipe médica neste momento.

– Ah, então era grave… – Ela fez uma pausa e deu um sorriso torto.

– Mais do que *grave*, enfermeira Phillips. Se você não tivesse notado os sintomas, ela poderia muito bem ter morrido.

Inexplicavelmente feliz com o elogio, Jenny aconchegou o bebê mais ao peito.

– Bem, fico contente por ela estar bem.

Alex fez uma careta.

– Ela está se preocupando à toa com as crianças. Você conseguiu falar com o marido dela?

Jenny assentiu.

– Ele virá o mais rápido que puder. Ficou bastante preocupado.

– É mesmo? – Alex riu. – Então você, com certeza, fez um bom trabalho. – Ele olhou para o bebê, que parecia contente aconchegado ao ombro dela. – Talvez seja melhor levar as crianças de volta para a mãe. O especialista deve estar examinando-a agora. Ele vai interná-la para o tratamento com anticoagulantes e observá-la.

– Certo. Bem, o marido dela disse que estaria aqui dentro dos próximos quinze minutos. Pelo menos ele pode levar as crianças embora.

Jenny caminhou com Alex de volta ao setor de emergência e encontrou o especialista tomando as providências para transferir Helen para a enfermaria.

Felizmente, o marido dela não tardou a chegar e pôde ajudar com as crianças.

Alex deixou escapar um longo suspiro quando as portas da sala se fecharam atrás deles.

– Talvez agora possamos tomar uma rápida xícara de café.

Jenny olhou para o relógio e percebeu que haviam perdido tanto o café quanto o almoço, mas, antes que pudesse comentar, as portas se abriram novamente, e Tina se apressou, seguida por uma equipe de socorristas, empurrando uma maca.

Alex olhou para Jenny.

– Já era o café – disse ele em um tom arrastado.

Ela deu-lhe um sorriso de compreensão mútua e correu para ajudar com o homem na maca.

Com certeza, o dia seria difícil.

# *Capítulo 5*

JENNY ESTAVA recolocando a caçarola no forno quando ouviu Alex enfiar a chave na fechadura da porta.

Sua frequência cardíaca acelerou. Respirou fundo, preparando-se para mais confrontos.

Hesitara antes de começar a preparar o jantar, mas por fim decidiu seguir em frente.

Sem dúvida, ele faria algum comentário cáustico sobre o fato de ela ficar se comportando como uma esposa, mas não havia comido o dia todo e sabia que ele também não. Parecia ridículo não jantarem juntos.

Ao olhar para cima, encontrou-o parado junto à porta da cozinha.

– Oi. – Sabia que aparentava estar nervosa e se odiou por isso. – Preparei o jantar porque pensei que você poderia estar com fome, mas não estou tentando bancar uma esposa e se você preferir não…

– Estou morrendo de fome.

– Oh! – Jenny relaxou um pouco e deu-lhe um sorriso hesitante. – Bem, isso é bom. Ficará pronto dentro de meia hora. Já dei banho em Daisy e a coloquei na cama.

– Não precisa se apressar. – Ele ergueu a mão esguia e afrouxou a gravata. – Vou me sentar lá fora no deque.

Bebendo, sem dúvida.

Jenny o fitou com o cenho franzido enquanto ele caminhava para fora da cozinha. Sabia que ele tivera um dia longo e estressante, mas mesmo assim…

Por impulso seguiu-o até a sala e hesitou, observando-o se servir de uma dose de uísque.

Alex havia descartado a gravata e desabotoado a camisa, revelando uma extensão de pele bronzeada, recoberta por pelos crespos e escuros.

Era perturbadoramente atraente e de repente ela sentiu uma estranha sensação.

– Sabe que existem outras maneiras de relaxar além de se afogar na bebida. – No momento em que proferiu as palavras, desejou não tê-las dito, mas era tarde demais.

Alex permaneceu calado por um momento, então se virou lentamente para encará-la.

– O que disse?

– Eu… eu só acho que você bebe demais – gaguejou ela, recuando um passo, ao se tornar o foco de sua atenção. – Não é bom para você.

A atmosfera de repente esfriou.

– E desde quando meus hábitos de consumo são da sua conta?

– Você é o pai de Daisy. Logo, faz com que passem a ser da minha conta.

Ele cerrou os dentes.

– Eu não preciso disso, Jenny. Já tive um dia longo e cansativo. Se eu quiser beber, vou beber.

– Há maneiras melhores de relaxar.

Alex ergueu uma sobrancelha.

– Mas o que exatamente está sugerindo, Chapeuzinho Vermelho? – perguntou ele em um tom lento e suave, dando um passo na direção dela.

– Eu só queria dizer que você podia tomar um banho. – Ela engoliu em seco. – Ou algo assim.

Alex estudou-a em silêncio.

– Um *banho*? Acha que um banho me faria relaxar? – Seus olhos brilharam perigosamente, e Jenny desejou de imediato não ter sugerido o banho. De repente, sua mente fora invadida por todos os tipos de visões perturbadoras de Alex nu.

Desde que o vira com aquela sunga minúscula, a imagem do corpo dele parecia impressa em sua mente e a perturbava de uma forma que não conseguia compreender. Não costumava reparar nos homens daquela forma. E não queria reparar em Alex.

– É o que eu sempre faço quando tenho um dia ruim – disse depressa, dando outro passo atrás. – Acendo velas e tomo um banho…

Alex não tirava os olhos do rosto dela.

– É mesmo? Pensando bem, acho que parece uma grande ideia. – Ele se aproximou um pouco mais. – Vamos.

Jenny prendeu o ar nos pulmões.

– Va-vamos?

– Claro. – Seu sorriso era quase diabólico e ela sentiu um arrepio percorrer-lhe a pele. Alex estava pecaminosamente belo e era impossível desviar o olhar daqueles olhos azuis. Pareciam lhe minar as defesas e deixá-la emocionalmente despida diante dele.

– Dr. Westerling, Alex… – Sua voz soou pouco mais que um coaxar, e os olhos dele passearam por seu corpo com uma meticulosidade que a deixou ofegando.

– Estou mais do que disposto a tentar a sua forma alternativa de relaxamento.

– V-você está sendo ridículo – gaguejou ela. – Sabe muito bem que eu não quis me referir a isso.

– Você estava me tentando.

– Eu… eu não.

– Foi você quem sugeriu o banho – A voz soou suave.

Jenny esfregou as palmas das mãos úmidas nas costuras laterais da calça jeans sabendo que ele estava brincando com ela. Só podia estar brincando.

– Você sabe que não era essa a minha intenção.

Alex ergueu uma sobrancelha e se aproximou mais ainda.

– Como posso saber?

O coração de Jenny batia tão rápido que ela teve a impressão de que explodiria para fora do peito.

– Bem, para começar, porque não sou o seu tipo.

Ele deu de ombros.

– É verdade que geralmente prefiro as loiras, mas você serve. Tem um belo corpo.

Ela corou e desviou o olhar.

– Não é justo zombar de mim dessa maneira.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Zombar de você? – Sua voz continha uma acentuada nota de aspereza, todos os traços de zombaria desaparecendo. – O que a faz pensar que eu estava zombando de você?

Porque Jenny sabia que não tinha um belo corpo.

– Por favor, podemos mudar de assunto? – Estava se contorcendo de vergonha e, como de costume, ele parecia totalmente à vontade.

– Não, não podemos. – Alex franziu o cenho. – Quero saber por que acha que estou zombando de você.

Jenny exalou um suspiro de exasperação.

– Porque tenho seios pequenos e nem mesmo um sutiã com bojo pode resolver o meu problema. Não tenho um corpo bonito para os padrões de ninguém, mas não significa que gosto que caçoem de mim por causa disso.

Por um momento Alex ficou calado e então ela sentiu as mãos dele lhe envolverem o rosto e lhe inclinarem a cabeça até ela se ver forçada a encará-lo.

– Eu não estava zombando de você. Você tem um belo corpo – disse ele em um tom calmo. – Incrivelmente delicado e feminino. O único problema está na sua cabeça. Alguém, por certo, fez você se sentir pouco atraente. Vai me dizer quem foi?

Jenny se afastou, totalmente perturbada. Alex achava o corpo dela bonito? Alex Westerling achava o corpo dela bonito? Ninguém nunca a elogiara antes e não sabia como reagir. Em especial, quando se tratava de um homem que ela deveria desprezar.

– Por favor, vamos esquecer isso.

Outro momento de silêncio se seguiu e então ele deu um sorriso, o escárnio estava de volta.

– Pensei que você quisesse que eu esfregasse suas costas na banheira.

– Não era o que eu estava sugerindo, e você sabe disso – murmurou ela, desejando ser imune ao charme dele. Precisava ser. Oh, realmente queria ser, mas parecia ser tão suscetível àquele sorriso destruidor quanto o restante da população feminina.

Alex cruzou os braços sobre o peito largo e sorriu.

– Você podia me ensinar a relaxar.

Jenny estava completamente perturbada e ele sabia disso.

– Eu não quis dizer…

Ele deu uma risada suave.

– Então, aceite um conselho. Não brinque com fogo. E não tente me mudar.

Com essas palavras, esvaziou o copo de uísque, seus olhos fixos nos dela, desafiando-a a argumentar.

Jenny não o fez.

Estava ocupada demais tentando descobrir por que Alex exercia um efeito tão poderoso sobre ela. Era tudo o que ela evitava em um homem. Mas só de estar na mesma sala que ele, seu pulso acelerava e se sentia dolorosamente ciente de seu físico vigoroso e sua esmagadora masculinidade.

– É melhor eu ir ver Daisy – murmurou ela, por fim, desesperada para se afastar dali.

– Covarde.

A risada suave a seguiu enquanto ela subia a escada e se refugiava no quarto de Daisy.

Jenny apertou a beirada do berço com os dedos e fechou os olhos por alguns instantes. Não sabia como lidar com as provocações de Alex. Não era boa em dar respostas inteligentes e era péssima de flerte. Esse era o forte de Chloe. Ciente de que não poderia se esconder no quarto de Daisy para sempre, foi até o banheiro, ajeitou os cabelos e, em seguida, voltou à cozinha para terminar o jantar.

– Não devia tê-la provocado. Sinto muito. – A voz de Alex soou por trás dela, e ela se virou assustada.

– Está tudo bem.

– Não, não está tudo bem. – Ele deu um sorriso irônico. – A verdade é que não estou acostumado a mulheres como você, Jenny Phillips. Você não flerta, na verdade, não faz qualquer um dos jogos que as mulheres costumam fazer. Sei que a choco e alguma parte perversa de mim parece precisar ver até onde eu poderia ir, antes de você me dar uma bofetada.

– Não corre esse risco. – Ela deu um sorriso hesitante. – Detesto violência.

Ele riu.

– Posso apostar que sim. Você é a pessoa mais serena que já conheci. Nunca se descontrola?

– Não é um dos meus vícios.

– Você tem vícios? – Ele lançou-lhe um olhar incrédulo e ela sorriu.

– É claro que tenho.

– Tudo bem, então diga um. – Alex soava completamente cético.

Jenny retirou a caçarola do forno e colocou-a sobre a mesa.

– Chocolate.

Ele gemeu.

– Claro, não podia ser outro. O que acontece com as mulheres e o chocolate? Minha irmã Libby não pode viver sem chocolate. Chocolate e sapatos.

– Ela parece ser uma pessoa legal. – Jenny colocou os pratos sobre a mesa. – Ela é a que tem filhos? – Ao terminar de falar, corou e mordeu o lábio. – Desculpe, sei que não gosta de falar sobre a sua família…

Alex deu de ombros.

– Isso quando éramos estranhos. – Ele se sentou à mesa e pegou um pedaço de pão. – Não somos mais exatamente dois estranhos, não é?

Jenny serviu o assado querendo saber o que estava acontecendo com suas emoções.

Chegara àquela casa cheia de raiva e odiando-o e, de alguma forma, estavam ali, jantando juntos de maneira relativamente amigável.

Entretanto, se pretendia convencê-lo a se interessar por Daisy, teriam de ser amigos, justificou, entregando-lhe um prato e empurrando uma tigela de legumes, acabados de cozer, na sua direção.

– Libby tem duas meninas, uma de 4 e outra de 2 anos, e minha outra irmã, Katy, tem um casal de gêmeos de 5 anos. Os nascimentos múltiplos costumam acontecer com frequência na família, ao que parece. – Alex colocou alguns vegetais no prato. – Somos trigêmeos, mas acho que já sabe disso pelos jornais. Minhas irmãs costumavam ser alvo dos repórteres até se casarem. Depois, a imprensa pareceu perder o interesse por elas.

– E agora se concentrou toda em você?

– Algo assim. – Ele pegou um pedaço de carne com o garfo e deu um sorriso irônico. – Pelo visto serei objeto de fascinação até me casar.

– Um solteirão – Jenny observou, servindo-se de um copo de água.

– Água? – Alex zombou dela suavemente, um sorriso brincando em torno da boca firme quando foi pegar o vinho que havia aberto. – Você nunca bebe nada mais forte do que água?

Jenny sorriu.

– Claro. Mas, para ser honesta, depois que Daisy nasceu, ando exausta demais para me arriscar a beber. Ela acorda muitas vezes durante a noite, e preciso de todo o sono que posso ter.

Alex franziu o cenho de leve.

– Deve ter sido muito difícil para você. – Sua voz soou rouca. – Fale-me sobre Chloe.

Ela enrijeceu um pouco.

– Por que quer saber sobre Chloe?

– Bem, para começar, porque estou sendo acusado de tê-la corrompido. Creio que, pelo menos, mereço saber algo sobre ela.

– Para falar a verdade, não acho que você a corrompeu. Reconheço que é preciso dois… – Jenny remexeu a comida ao redor do prato e, em seguida, pousou o garfo. – Chloe era muito bonita.

– Descreva-a.

Jenny hesitou.

– Era o tipo de garota que levava os homens a cometer loucuras. – Sorriu embaraçada. – Cabelos longos e loiros como uma sereia, um corpo com mais curvas do que uma estrada rural.

– Ela era a razão de você não se achar atraente?

Jenny o fitou com cautela. Nunca tivera uma conversa assim com ninguém antes. E ali estava, conversando com um homem que ela deveria detestar.

Entretanto a verdade é que não o detestava, e ele era, para sua surpresa, um excelente ouvinte.

– Chloe era tão linda que não era de admirar que os homens não prestassem muita atenção em mim quando ela estava por perto – disse Jenny pegando o copo com água e tomando um gole. – Isso realmente não me incomodava. Eu a amava.

– Como ela era? Meiga como você?

Alex fez a pergunta de forma direta, e ela mordeu o lábio.

– Chloe teve uma vida muito difícil. Quando mamãe morreu, ela era uma menina de apenas 12 anos, e meu pai fez tudo o que podia por ela. Acho que talvez tenha até pecado por excesso de atenções.

– Você quer dizer que ela era mimada demais.

– Não! – Jenny negou depressa e, em seguida, mordeu o lábio. – Bem, talvez, apenas um pouco, mas não era culpa dela. Chloe era muito jovem quando minha mãe morreu.

Alex franziu a testa.

– Você também era jovem, mas seu pai obviamente não a mimou.

– Foi diferente para mim.

– Por quê?

Jenny hesitou.

– Chloe era um pouco… problemática.

– Problemática?

– Sim, um pouco rebelde. Gostava de se envolver com pessoas erradas. Tudo começou depois que mamãe morreu. Papai fez tudo o que pôde, mas não conseguia controlá-la, e o coração dele estava despedaçado, porque ele sentia muita falta da minha mãe. Morreu dois anos depois dela.

Alex fez uma expressão desgostosa.

– Pobrezinha de você.

– Eu tinha 18 anos e já estava estagiando em Enfermagem, mas Chloe estava morando em casa, e tudo isso a afetou demais. – Jenny mordeu o lábio. – Troquei de hospital, para poder viver em casa com ela, mas foi inútil. Ela parou de estudar e se envolveu com um pessoal que não queria nada além de diversão, e, depois disso…

Jenny pausou e ele esperou, com os olhos fixos no rosto dela.

– Depois disso, o quê?

– Ficou fora de controle. Eu nunca sabia onde ela estava ou com quem estava. As vezes, ela passava a noite fora sem ao menos telefonar. Eu ficava acordada, esperando, preocupada. Havia noites em que eu nem ia para a cama.

– Mas você não era mãe dela.

Jenny deu um sorriso triste.

– Era exatamente isso o que Chloe dizia. Depois que nossos pais morreram, fiz o possível para vivermos bem, mas foi em vão. – Sua voz falhou um pouco, e ela limpou a garganta. – Em todo caso, acho que você não quer ouvir tudo isso.

– Quero. É um assunto que me envolve também, lembra?

Foi o mais próximo que Alex chegou de admitir que tivera um relacionamento com a irmã dela.

– Por fim, Chloe começou a ficar irritada comigo. – Ela esboçou um sorriso corajoso. – Dizia que eu não saía do pé dela e acho que era verdade. Então, saiu de casa e foi viver com um grupo de amigos. Passei a vê-la muito pouco depois disso. Toda vez que a procurava ela não estava em casa e não retornava as minhas ligações. Foi por mero acaso que descobri que ela estava grávida.

Alex deu um sorriso irônico.

– E conhecendo-a como a conheço, tenho certeza de que você ficou horrorizada.

– É claro! – Ela o fitou chocada. – Chloe tinha apenas 19 anos e era muito imatura para sua idade. Eu sabia que ela estava assustada, embora não admitisse.

– Ela lhe falou alguma coisa sobre o pai?

Jenny hesitou.

– A princípio, limitou-se a dizer que era alguém famoso. E se gabava de que ia… – Ela parou e fechou os olhos por alguns instantes. Sentia-se desconfortável repetindo as palavras da irmã. – Bem, ela disse que ia…

– Que ia extorquir um bom dinheiro do sujeito – Alex terminou, pegando o copo. – Não tenha vergonha de dizer isso. Quando se tem dinheiro, há sempre alguém correndo atrás dele. É um fato da vida.

Ela fitou-o nos olhos.

– Mas não é por isso que estou aqui. O que quer que Chloe tivesse em mente, não estou interessada em seu dinheiro.

De repente, Jenny se deu conta de que era muito importante para ela conseguir convencê-lo.

Alex a estudou, pensativo.

– Por incrível que pareça, acredito em você. De qualquer forma, continue com a história.

– Bem, isso é tudo. – Jenny soltou um suspiro. – Tentei manter contato, mas ela fazia o máximo possível para me evitar. Eu nem sabia que ela havia tido o bebê, até o hospital me ligar dizendo que ela estava muito mal. Com certeza, havia fornecido o meu nome como parente mais próximo. Corri até lá o mais rápido que pude. Foi um pesadelo.

– E foi quando ela mencionou o meu nome. – Alex recostou-se na cadeira, com o rosto inexpressivo.

– Sim.

– Então, por que você não me procurou de imediato?

Jenny umedeceu os lábios.

– Fiquei totalmente abalada com a morte da minha irmã. Culpei-me por meses. Sabe como é quando alguém morre… sempre vem a culpa. E nesse caso, culpei-me por ter permitido que ela passasse pela gravidez sozinha.

Alex franziu a testa.

– Mas ela a evitava.

– Eu sei, mas a dor não é racional – Jenny murmurou, tomando um gole de água. – Eu achava que devia ter ficado ao lado dela de qualquer maneira, e quanto a procurá-lo… – Ela parou de falar e ele arqueou uma sobrancelha.

– O quê?

– Eu estava com raiva de você. Culpava-o por ter seduzido e abandonado minha irmã. Cada jornal que eu abria, exibia uma foto sua com uma garota diferente.

– A maioria dessas fotos é completamente inocente, mas o público em geral parece ter um excessivo interesse na minha vida amorosa, de modo que a imprensa publica qualquer coisa que tenha em mãos. Isso vende jornal.

Jenny assentiu com um movimento lento de cabeça. Agora que a raiva havia passado um pouco, estava começando a perceber o quanto Alex era perseguido pela imprensa.

– Como é que eles não vêm a sua casa?

Ele deu um sorriso malicioso.

– Porque mudo de tempos em tempos apenas para distraí-los.

– Oh! Que esperteza. – Ela sorriu. – Bem, de qualquer maneira, tentei seguir em frente durante algum tempo, mas a nossa qualidade de vida estava decaindo muito, porque o aluguel é muito caro em Londres.

Alex fez uma careta.

– E sobrevivia apenas do salário de enfermeira?

Jenny sorriu.

– Não era tão ruim, mas decidi que estava prejudicando Daisy. Ela só tinha a mim e merecia mais do que isso. Então resolvi procurá-lo.

Alex a fitou em silêncio e depois mudou de posição na cadeira.

– Tenho quase certeza de que ela não é minha filha – disse com a voz rouca. – Mas de qualquer maneira vou ajudá-la.

Jenny o fitou com cautela.

– Por que faria isso se ela não for sua filha?

– Porque me transformo em um tolo diante de uma mulher em apuros – disse ele em um tom leve, vertendo mais vinho na taça e pousando a garrafa cuidadosamente de volta na mesa. – E você, Jenny Phillips, com certeza, é uma mulher em apuros.

Seus olhares se encontraram e algo no modo como ele a olhava a fez sentir um frio na barriga. Tentou desviar o olhar, mas parecia cativa daqueles olhos azuis.

Poderia ficar ali, olhando-o para sempre se o grito de Daisy não quebrasse a magia.

Despertada de um sonho proibido que a chocou, Jenny se ergueu em um instante, derrubando a cadeira em sua pressa de se afastar da mesa.

– É melhor eu verificar se ela está bem – disse em um tom instável, e Alex deu uma risada suave.

– Salva pelo bebê – murmurou, e, embora ela tivesse o cuidado de não encará-lo, sabia que ele ainda estava olhando para *ela*. Podia sentir *isso*. – É melhor correr, Chapeuzinho Vermelho, antes que o lobo mau a ataque.

Jenny sabia que Alex estava brincando, e seus olhos voaram até ele, esperando encontrar divertimento, mas pela primeira vez sua expressão estava séria e ela engoliu seco antes de deixar a sala. Oh, Deus me ajude.

O que exatamente havia acontecido lá embaixo?

O que ela estava pensando?

Chocada com a intensidade de sua reação diante de um homem que supostamente devia odiar, ergueu a menina com as mãos trêmulas e se perguntou se talvez não estivesse na hora de procurar um pequeno apartamento para ela e Daisy. Viver com Alex estava provando ser mais inquietante do que poderia ter imaginado.

O TRABALHO continuava bastante atribulado no hospital e para piorar a situação, metade da equipe fora acometida por um surto de gripe.

– Isso não pode estar acontecendo. Estamos em pleno verão – resmungou Tina enquanto tentava alocar funcionários para o turno da manhã. – Não devíamos ter surtos

de gripe. Estou sem poder contar com duas de minhas enfermeiras, e a agência está tão desfalcada que não pode mandar nenhuma substituta.

Jenny não estava em condições de se oferecer para trabalhar em turnos extras porque precisava ficar em casa com Daisy, mas sabia que algumas das enfermeiras estavam sendo submetidas a uma grande quantidade de horas extras. Bem como os médicos.

Alex estava tão sobrecarregado de trabalho que, nos quatro dias seguintes, mal parara em casa.

Era forçada a admitir que a sua primeira opinião sobre ele fora terrivelmente distorcida pelos relatos que lia na imprensa.

Podia ser verdade que Alex evitava assumir compromissos como se fosse uma doença fatal, mas não havia como negar que era um médico incrivelmente habilidoso e dedicado, algo que os jornais sempre se abstinham de comentar.

Mesmo quando um dos especialistas estava de plantão, Alex continuava sendo chamado para lidar com os casos mais difíceis. E não havia escassez de casos difíceis.

Como se para confirmar essa observação, o ramal do setor de ambulância tocou, arrancando-a de seus devaneios, e Tina correu para atender ao chamado.

Ao desligar o telefone, Jenny olhou para ela ansiosa.

– Então?

– Mulher de 34 anos de idade, 31 semanas de gestação, dando entrada na emergência. – Tina já estava correndo em direção ao setor de emergência. – Foi encontrada caída no fundo da escada. Vá chamar Alex, está bem? Vou bipar a equipe de obstetrícia.

No momento em que Jenny localizou Alex, a ambulância chegou.

– A pulsação está muito acelerada e não consigo medir a pressão arterial – murmurou o socorrista enquanto transferiam a mulher rapidamente para a maca do hospital. O rapaz entregou a paciente aos cuidados de Alex, e fez um resumo de seu estado físico.

– Dê-lhe uma alta concentração de oxigênio e quero-a deitada de lado. Use um travesseiro ou uma cunha, mas não a quero deitada de costas, porque o peso do bebê pressionará os vasos sanguíneos de grande calibre. – Alex falava enquanto trabalhava, verificando as vias aéreas e a pulsação novamente. – Conecte-a a um monitor e quero dois cateteres, um em cada braço. Lembrem-se de que estamos lidando com dois pacientes aqui. Mexam-se!

Toda a equipe estava ciente da gravidade da situação e trabalharam rapidamente para estabilizar a mulher, mas sua condição piorou.

Alex falava de forma clara e calma com a paciente, mesmo sem nenhuma evidência de que ela estava ciente do que se passava a seu redor.

– Você vai ficar bem, Jilly. Está no hospital agora. Vamos resolver esse problema e nos certificar de que seu bebê está bem. – Ele olhou para um dos outros médicos. – Colete sangue para tipagem sanguínea, ureia e eletrólitos, e, em seguida, dê-lhe Haemaccel. Ela está sangrando em algum lugar e precisamos começar a repor os líquidos. Retirem o restante das roupas dela para avaliarmos corretamente e chamarmos os radiologistas para que possamos fazer alguns raios-X.

Jenny olhou para ele.

– E o bebê?

Alex ergueu os olhos tensos e a fitou.

– Faremos o mínimo de raios-X abdominais e pélvicos e podemos usar um avental de chumbo pumblífero para radiografar o restante do corpo. Não é o ideal, eu sei, mas tenho de descobrir o que está acontecendo. Onde diabos se meteu o pessoal da obstetrícia? Você os chamou, Tina?

– Estão no centro cirúrgico, mas virão o mais rápido que puderem.

– Bem, isso não está sendo rápido o suficiente – rosnou Alex. – Telefone para o setor e peça uma enfermeira obstétrica para cá com uma máquina de cardiotocografia. Quero o bebê monitorado. E alguém apronte os instrumentos para uma cesariana. Caso haja necessidade.

Jenny trocava olhares atônitos com Tina. Será que ele estava realmente pensando em fazer uma cesariana ali, no setor de emergência?

Apesar da tensão, todos trabalharam de forma rápida e com calma, e Alex estava examinando o primeiro conjunto de raios-X quando o médico assistente murmurou:

– O coração está parando.

E Alex em segundos estava junto da paciente.

– Preciso entubá-la.

Jenny calmamente entregou-lhe o laringoscópio e ajustou a luz acima de sua cabeça.

– Tubo ET – disparou ele, mas o tubo já estava em sua mão antes que ele terminasse sua breve ordem, e Jenny se viu prendendo a respiração quando ele tentou entubar a paciente.

Sabia que a inserção de um tubo nos pulmões do paciente era ainda mais difícil quando se tratava de uma grávida, mas, felizmente, Alex concluiu o procedimento sem dificuldade aparente, e começou a ventilar a paciente enquanto o médico assistente realizava uma massagem cardíaca.

– Tom… – Ele se virou para o residente que havia inserido ambos os cateteres. – Preciso que você assuma aqui.

O rapaz fez o que lhe foi instruído, e Alex caminhou até a pia para lavar as mãos.

– Preparem os instrumentos para a cesariana e alguém bipe os obstetras novamente.

Tina o fitou boquiaberta.

– Você vai realizar uma cesariana aqui?

– O bebê se encontra em um ambiente hipóxico – Alex lembrou-a, erguendo os braços para que a água com sabão escorresse na pia. – Precisamos tirá-lo de lá, para lhe dar alguma chance de sobreviver. E a retirada do bebê diminuirá a pressão da veia cava inferior, melhorando o suprimento de sangue da mãe, então isso vai ajudá-la também. Veio alguém com ela?

Tina assentiu.

– O marido está na sala de espera morrendo de preocupação.

– Com uma boa razão. – Os lábios de Alex estavam contraídos em uma linha sombria e ele olhou para cima quando um dos especialistas do setor de emergência entrou.

– Marcos! Preciso submetê-la a uma cesárea de urgência, você pode falar com o marido dela? – Ambos tiveram uma breve conversa, durante a qual Alex enfiou os braços nas mangas do avental que Jenny havia cuidadosamente aberto e em seguida no par de luvas estéreis.

Enquanto isso, uma das enfermeiras do centro de obstetrícia havia entrado na sala, desinfetado as mãos e se preparava para ajudar.

– Faça o que fizer, não pare a reanimação cardiopulmonar – ordenou Alex, acenando com alívio quando o anestesista entrou apressado na sala. – Ótimo. Você pode assumir na extremidade da cabeça. Rápido. Quero começar. Qual é a frequência cardíaca fetal?

A enfermeira obstétrica mediu.

– 105.

– Precisamos retirar o bebê o mais rápido possível. – Alex desinfetou a pele da paciente enquanto a instrumentadora a cobria com um campo cirúrgico. – Estou começando.

O anestesista assentiu para indicar que estava pronto. Alex pegou o bisturi e fez uma incisão, os movimentos seguros e confiantes.

Jenny observava admirada enquanto ele cortava camadas de pele e músculo com tamanha velocidade que ela mal conseguia acompanhar o que estava acontecendo.

Minutos depois, havia retirado o bebê, segurando-o de cabeça para baixo e abaixo do nível do abdômen da mãe.

Em algum momento, ao longo do processo, o pessoal da equipe de pediatria e obstetrícia havia chegado, mas ao ver Alex realizando a cirurgia de emergência com

segurança ninguém interferiu.

Contudo com o bebê fora da barriga da mãe, entraram em ação erguendo a criança para que Alex pudesse clampear e cortar o cordão umbilical.

Os pediatras levaram a criança para ser examinada, e Alex voltou sua atenção à mãe.

A atmosfera estava tensa, e Jenny prendeu a respiração enquanto observava Alex trabalhar.

Ele conseguiria salvar a mulher ou aquele seria outro bebezinho que acabaria perdendo a mãe?

Imagens de Chloe, com seus cabelos loiros, sorrindo, lhe vieram à mente e ela engoliu um nó na garganta.

Chloe não deveria ter morrido. Era tão jovem. A vida era tão injusta.

Alheio à sua aflição, Alex ainda estava concentrado na mãe.

– Eis aqui o problema – disse ele, finalmente, removendo suavemente a placenta do útero. – Sua placenta havia começado a descolar. Precisamos fazer uma transfusão de sangue.

– O laboratório ligou com os resultados dos exames – Jenny disse-lhe rapidamente, afastando as dolorosas memórias. – De modo que já pedi um pouco de sangue do banco. Deve chegar a qualquer momento.

– Certo. – Alex olhou para Hugo, o chefe da obstetrícia.

– Importa-se de fechá-la? Quero examinar o restante do corpo.

Hugo deu um sorriso torto.

– Foi uma cesárea impressionante. Pensei que eu fosse rápido até ver isto. É bom para eu me recordar de nunca viajar em um carro com você se essa é a velocidade que emprega em tudo que faz.

Alex sorriu, mas já estava arrancando as luvas e voltando sua atenção à paciente, seus olhos vasculhando os monitores que lhe forneciam pistas vitais sobre as condições de Jilly.

De repente, ouviu-se um gemido em uma das extremidades da sala e Jenny fez uma oração silenciosa de agradecimento. O bebê estava chorando.

Alex olhou para cima depressa.

– Ele está bem?

O pediatra assentiu.

– Parece que sim. Um pouco abaixo do peso, é claro. Provavelmente precisará de um pouco de ajuda para respirar, mas no geral está bem.

Hugo olhou para cima enquanto fechava o útero da paciente.

– Bom trabalho, Westerling. Mais alguns minutos e o bebê teria morrido. Para um playboy rico você não é nada mau.

Entretanto por baixo do humor havia respeito em seu tom, e Jenny mordeu o lábio, percebendo que Alex havia salvado a vida do bebê.

No entanto, ele não ouvia os elogios que lhe eram endereçados, estava concentrado na paciente, recusando-se a desistir. Após ter salvo o bebê, parecia determinado a salvar a mãe.

– Ela está com o ritmo cardíaco normal. – O anestesista olhou para ele perplexo e sorriu como uma criança.

– Bom trabalho!

Só quando ficou totalmente convencido de que a mulher estava estável, Alex liberou a transferência de Jilly para a unidade de terapia intensiva.

Marcos retornou à sala no instante em que todos se preparavam para a transferência.

– Ela está bem? – Não havia como disfarçar a surpresa em sua voz e Alex fez um breve aceno com a cabeça.

– Por enquanto. Mas vamos ver como ela reage.

Marcos parecia atordoado.

– E o bebê?

– O bebê está na incubadora – disse Tina, aproximando-se para abraçar Alex. – E você é um homem inteligente.

– Um presente de Deus para as mulheres, esse sou eu – murmurou Alex livrando-se suavemente dos braços da mulher. – Em especial para as grávidas.

– Você vai falar com o marido dela?

Ele assentiu.

– Vou fazer isso agora. Não sabemos como ela vai reagir a longo prazo, é claro, mas vou conversar com ele.

Jenny o fitou.

– Quer que eu vá junto?

– Sim. – Ele assentiu com a cabeça e abriu caminho para fora da sala. – É melhor do que eu com a parte emocional. Você está bem? Parece um pouco pálida. – Seus olhos azuis aparentavam perturbadoramente sagazes. – Estava pensando em Chloe?

Para um homem que não se julgava bom com a parte emocional, parecia bastante intuitivo.

– Sim. – Ela esboçou um sorriso corajoso. – A vida é dura, não é?

Alex assentiu com a cabeça e apertou-lhe o ombro.

– Sinto muito pela sua irmã.

Jenny engoliu seco, sentindo a sua força através do fino tecido do uniforme.

– Obrigada. Ah, e por falar nisso, acho que é muito bom com a parte emocional – disse ela, lembrando o quão duro ele trabalhara para salvar a mãe e o bebê. – Exceto quando se trata de você mesmo.

Alex fez uma pausa na porta, um sorriso irônico se desenhando em seus lábios.

– Mais psicologia? Não abuse da sorte, Chapeuzinho Vermelho. – A voz máscula soou suave como seda e ela prendeu a respiração.

– Você sempre consegue se manter a distância.

O sorriso de Alex se alargou e ele lhe virou o rosto com um dedo.

– Posso lhe assegurar que não.

Ela enrubesceu.

– Eu quis dizer emocionalmente. E você está me provocando de novo.

– Eu sei. – Os olhos azuis brilharam. – Mas provocá-la é muito divertido. E está se tornando o meu passatempo favorito.

Sem lhe dar chance de responder, ele abriu a porta e segurou-a para que ela pudesse entrar.

MAIS TARDE naquela noite, ambos relaxaram no deque, comendo uma ceia leve enquanto desfrutavam de um pôr do sol espetacular.

– Já havia feito uma antes? – Jenny não podia esquecer os dramáticos acontecimentos do dia.

– Se eu fiz uma o que antes? – Alex bocejou e enrolou o macarrão em torno do garfo.

– Uma cesariana. – Jenny não estava comendo. Ainda se sentia demasiado tensa. – Você retirou o bebê em pouquíssimos minutos.

Alex deu de ombros.

– Foi uma situação de emergência e, sim, para responder sua pergunta, já havia feito uma antes. Várias, na verdade.

Ela o fitou curiosa.

– Você praticou obstetrícia?

– Por um ano. Por quê?

– Porque simplesmente não parece ser o tipo de homem que se interessa pelo assunto. É uma área que envolve emoção, crianças e você sequer gosta… – Ela pausou e Alex deixou escapar um longo suspiro.

– Eu gosto de crianças, Jenny. Só não quero ter filhos, porque sei que seria um péssimo pai. E de certa forma você está certa. Obstetrícia não me interessa. Pratiquei algum tempo porque pretendia me tornar clínico geral, mas depois descobri que sentia falta da emergência e resolvi voltar ao setor. Mas adquiri algum conhecimento ao longo do caminho.

– Como fazer a cesariana mais rápida já registrada.

Alex deu de ombros.

– Bem, a velocidade nem sempre é o fator mais importante, é claro. Para uma cesárea de rotina é melhor levar mais tempo, mas, no caso de Jilly, era literalmente uma questão de vida ou morte, então você agarra as suas chances e age depressa.

– Uma espécie de versão Ferrari de uma cesariana. – Jenny riu e ele sorriu de volta, os olhos brilhando perigosamente.

– E o que você sabe sobre Ferraris, Chapeuzinho Vermelho?

– Apenas que são velozes. – Seu sorriso desapareceu. – Você acha que a mãe e o bebê ficarão bem?

Alex deu de ombros mais uma vez e empurrou o prato.

– Quem sabe? Fizemos o nosso melhor. Agora temos de esperar para ver. O bebê ainda é pequeno, mas vai ficar bem.

Jenny olhou para ele com um leve rubor.

– Você foi incrível.

Alex arqueou uma sobrancelha de modo irônico.

– Pensei que me considerava um playboy rico com hábitos perversos.

O rubor se aprofundou no rosto dela.

– Você tem hábitos perversos, mas ainda assim foi incrível. É um excelente médico. E não creio que seria um péssimo pai. Acho que seria um bom pai.

Alex se recostou na cadeira, com o rosto inescrutável.

– Isso não é verdade.

– Quem o fez pensar o contrário? – Era quase uma réplica exata da conversa que tiveram sobre a aparência dela, e o sorriso irônico nos lábios dele lhe dizia que Alex estava ciente disso.

– Tentando ficar esperta, Chapeuzinho Vermelho?

– Apenas acho que o problema está na sua cabeça – disse Jenny ousadamente, lembrando-o de suas palavras para ela.

Alex se inclinou para frente e fitou-a fixamente nos olhos.

– O problema… – retrucou com suavidade. – … e que eu gosto do meu egoísmo, da minha vida de solteiro.

– Mas mesmo assim seria um bom pai.

E com essas palavras, Jenny se ergueu e pegou os pratos, apressando-se para fora da sala antes que ele pudesse responder.

# *Capítulo 6*

VINTE E quatro horas após o parto, Jilly estava bem o suficiente para ser transferida para a maternidade, e todos consideravam sua recuperação um milagre.

– Que grande disparate – disse Tina ao se prepararem para mais um dia de muito trabalho. – O único milagre aqui quem fez foi Alex Westerling.

Jenny foi obrigada a concordar.

– Jamais esquecerei a rapidez com que ele retirou o bebê. Eu nem sabia que ele entedia de obstetrícia.

– Alex entende de tudo. É um médico fantástico, mas a imprensa insiste em ignorar esse seu lado. E ele é muito reservado.

E de fato Alex parecia quase constrangido com todo aquele espalhafato. Quando suas habilidades não eram necessárias no setor de emergência, passava a maior parte do dia no consultório, engajado com o projeto sobre contratação de mais pessoal.

Foi no final do dia que Jenny percebeu que ele parecia diferente.

Estava corado, exibindo linhas de cansaço ao redor dos olhos azuis.

Ela entregou-lhe alguns raios-X para serem examinados, com a expressão preocupada.

– Você está bem?

Ele olhou para o raio-X.

– Estou.

Alex não parecia bem. Aparentava estar bem mal, e Jenny desejou saber se ele havia pegado o vírus da gripe.

Esperava que não, porque sem Alex ali, tinha a nítida impressão de que o setor desmoronaria. Ele dedicava uma boa parte do dia àquele hospital.

Ao fitá-lo quando chegaram em casa, constatou que estava certa.

– Acho melhor você ir direto para a cama – disse ela em um tom calmo, e ele lançou-lhe um olhar cínico que deixava claro que não havia perdido nenhuma de suas faculdades.

– Provocando-me novamente, senhorita Phillips?

Jenny sorriu.

– Está muito debilitado para ser uma ameaça à minha virtude, dr. Westerling.

– Não conte com isso, Chapeuzinho Vermelho – disse ele, mas sua voz soou rouca e tinha as bochechas vermelhas.

– Quer jantar?

Alex fez que não com a cabeça e franziu a testa de leve, levando a mão à cabeça, como se parecesse tonto de repente.

– Não. – Sua mandíbula enrijeceu e ela sentiu que, para um homem tão forte e seguro, ficar doente era algo difícil de aceitar. – Estou bem.

Jenny queria que ele parasse de repetir aquelas palavras quando aparentava claramente qualquer coisa, menos bem!

Observou-o subir a escada devagar, em direção ao quarto, e soltou um suspiro. Com certeza ele não estava bem, mas era óbvio que não queria deixar transparecer nada para ela.

Resolvendo ir vê-lo mais tarde, entrou na cozinha, comeu uma salada e, em seguida, aninhou-se em um dos sofás com um livro.

A atmosfera era maravilhosa e tranquila após o ritmo frenético do dia, e logo se viu absorvida pela história, parando apenas para saborear o café que havia preparado para si mesma.

Leu até suas pálpebras começarem a doer. Em seguida, fechou o livro e se dirigiu aos seus aposentos, verificando Daisy no caminho. O bebê estava dormindo.

Jenny usou o banheiro, vestiu a camiseta que usava para dormir e foi ver Alex.

Por certo, ele estaria dormindo, mas mesmo assim...

Caminhou ao longo do corredor e abriu a porta do quarto devagar, franzindo a testa ao vê-lo deitado sobre a cama, ainda totalmente vestido.

Estava corado e inquieto. Jenny percebeu de imediato que sua temperatura devia estar elevada. De repente, ansiosa, correu até ele e tocou-o na testa.

Ardia em febre e, sem dúvida, não deveria estar usando todas aquelas roupas.

– Alex… – chamou-o em um tom baixo, mas não houve resposta. Ela mordeu o lábio. Precisava desvesti-lo e deitá-lo na cama em uma posição mais confortável. Decidida a começar de baixo para cima, tirou-lhe os sapatos e, a seguir, subiu em direção à calça. Seus dedos tremeram ligeiramente ao desabotoar o botão e deslizar o zíper para baixo.

Agora tudo que precisava fazer era remover-lhe as calças.

Desejando desesperadamente que ele não acordasse enquanto ela fazia isso, puxou-lhe a calça com cuidado sobre os quadris, empregando mais força quando o tecido prendeu.

Alex soltou um gemido, e suas pálpebras se abriram, o olhar febril queimando o dela.

– O que está fazendo? – resmungou e gemeu em protesto, quando ela por fim livrou-o da calça e tentou deitá-lo na cama.

Jenny esperava que Alex não percebesse o que ela estava fazendo. Podia imaginar seus comentários se ele despertasse e notasse que ela o estava despindo.

– Você adormeceu vestido. Precisa se deitar para dormir.

Tentou movê-lo outra vez, mas eram quase 1,90m de pura virilidade, e ela não tinha a menor chance de fazê-lo sem ajuda.

– Alex – chamou mais uma vez. – Pode se mover um pouco?

Ele resmungou e fechou os olhos de novo, mas moveu-se um pouco para cima na cama, dando-lhe a chance de puxar o edredom sob o corpo dele e acomodá-lo melhor sobre os travesseiros.

Deixando-o apenas com as cuecas samba-canção de seda preta, Jenny decidiu que era o suficiente e voltou ao corredor para pegar um lençol limpo. A última coisa que ele precisava era de um edredom.

Ao retornar, cobriu-o com o lençol, verificou sua temperatura novamente e voltou para o próprio quarto, tendo o cuidado de deixar a porta aberta para que pudesse ouvi-lo, caso ele precisasse de ajuda.

ALEX FICOU mal durante três dias, a febre era tão alta que Jenny precisou chamar um médico duas vezes em casa, porque estava preocupada.

Já impaciente, o doutor lhe dissera que se tratava apenas de uma gripe e que tudo que podia ser feito era mantê-lo o mais confortável possível. Foi o que ela fez, embora Alex não parecesse ter ciência de que ela se encontrava a seu lado.

A febre era tão alta, que por duas vezes ela precisou trocar os lençóis, lutando para lhe mover o corpo poderoso o suficiente para lhe permitir fazer a cama.

Por sorte havia tirado quatro dias de folga, e Daisy parecia contente em brincar nos quartos do andar de cima. Por fim, desistiu de ficar em seus próprios aposentos e se mudou para o de Alex, cuidando dele dia e noite, desejando, desesperadamente, que ele melhorasse.

O médico lhe assegurara que a febre cederia, mas não havia qualquer indício de isso acontecer, e ela o limpava, de forma regular, tentando deixá-lo mais confortável, embora ele continuasse a não se dar conta do que acontecia ao seu redor.

À noite tudo era pior. Permanecia lá, sentada, tentando acalmá-lo enquanto ele estremecia e murmurava palavras ininteligíveis, totalmente alheio à sua presença.

Na noite do terceiro dia, Jenny estava tão preocupada que se aninhou no fundo da cama, para poder cochilar, mas ao mesmo tempo se manter atenta a qualquer movimento que ele fizesse. Já havia decidido chamar o médico novamente pela manhã, caso não houvesse nenhum sinal de melhora. Não se importava com a irritação do doutor. Queria que ele examinasse Alex mais uma vez. Ela precisava voltar ao trabalho, mas não havia nenhuma maneira de poder sair dali. Alex precisava dela.

– Jenny… Jen… – A voz rouca a acordou e ela se apoiou nos cotovelos, tonta de sono.

Era a primeira vez que ele pronunciava o seu nome desde que ficara doente. Ela soltou um suspiro de alívio.

Alex estava melhor. Tinha de estar melhor.

Havia deixado uma pequena luz acesa, de modo que pudesse vê-lo no meio da noite, e sem pensar se arrastou sobre o colchão e tocou-lhe o rosto, notando que ele estava mais frio.

– Oh, graças a Deus! – Sentou-se sobre os calcanhares, os ombros magros desabando com alívio. – Você me deixou um bocado preocupada.

Muito preocupada.

– Sinto-me péssimo. – Alex tinha a mandíbula sombreada pela barba de três dias e os cabelos despenteados, mas de alguma forma, ainda conseguia parecer perigosamente belo.

Jenny se deu conta de que, nos últimos três dias, não pensara nele como homem, mas como alguém que precisava de seus cuidados.

Agora que o pior havia passado, percebia com uma enorme clareza que ele era um homem bastante viril e ela se encontrava sentada na cama, na frente dele, usando nada além de uma fina camiseta que mal lhe cobria as nádegas.

Por sorte, Alex não seria capaz de ver muito naquele quarto mal iluminado.

– É claro que se sente péssimo. Você esteve muito mal. – Tentou se afastar, rubra de vergonha, mas em um gesto inesperado ele lhe envolveu o pulso com a mão, impedindo sua fuga.

– Não vá. – A voz soou rouca e ela o fitou, sentindo-se terrivelmente consciente da situação.

Estava seminua, santo Deus!

– Só vou pegar algumas roupas e já volto. – Jenny tentou soltar o pulso mais uma vez, mas ele a segurou com mais força.

– Não pareceu se preocupar com o que estava usando quando pensou que eu estava dormindo – ressaltou Alex.

Ela corou.

– Bem, é claro que não. Estava preocupada. Você ficou muito mal.

– E você cuidou de mim. – As sobrancelhas escuras enrugaram como se ele vasculhasse a mente à procura de alguma lembrança dos últimos dias. – Que diabos aconteceu?

Voltou a soar como o velho Alex, e Jenny sorriu aliviada, esquecendo por um momento que ainda estava sentada na cama, com os dedos firmes dele envolvendo-lhe o pulso.

– Você pegou a gripe, foi isso que aconteceu. E pegou muito forte. Precisei chamar o médico duas vezes. Aliás, ele ficou com raiva de mim.

Alex a fitou sem entender.

– O médico?

– É, isso mesmo. Uma dessas criaturas que se julgam donos da verdade.

Os olhos dele se estreitaram enquanto a observava atentamente.

– Sua aparência também não é das melhores.

– Obrigada.

– Quero dizer que você parece exausta. Tem olheiras sob os olhos. Ficou acordada por minha causa?

*Por três dias e três noites inteiras.*

– Só um pouco. – Minimizou, desejando que Alex parasse de olhar para ela. Ser o foco de sua atenção era decididamente inquietante. – Mas agora que está melhor, vou voltar para o meu quarto.

– Ainda não. – Ele não dava sinais de soltá-la e Jenny mordeu o lábio, horrivelmente consciente da camiseta que não lhe cobria as coxas. – Fui um paciente muito trabalhoso?

Ela fez que não com a cabeça.

– Para minha surpresa, não. – Um sorriso irônico surgiu em seus lábios. – É mais fácil lidar com você adormecido do que acordado.

Apesar do fato de ainda não estar se sentindo bem, os olhos dele brilharam.

– É mesmo?

De repente, ela se viu dolorosamente atenta à largura dos ombros dele, aos pelos escuros que lhe recobriam o peito e ao fato de que estava quase despido. Afinal, fora ela quem o despira.

Estava desesperada para escapar do quarto e vestir algo mais apropriado.

– Gostaria de uma bebida ou algo para comer?

Ele negou com a cabeça.

– Preciso é fazer uma visita ao banheiro. – Com uma expressão desgostosa, ele se remexeu na cama. – Como consegui fazer isso durante esses dias?

Jenny enrubesceu e livrou o pulso do aperto dele.

– Eu o ajudei.

– Você? – Alex deu uma risada sem graça. – Que bom que não está romanticamente envolvida comigo, não é? Tenho certeza de que me ajudar a ir ao banheiro teria acabado com qualquer relacionamento.

– Isso é porque você associa relacionamentos com sexo e não com amor – disse Jenny em voz baixa, e ele lançou-lhe um olhar estranho.

– Eu?

– Sim. Você só pensa no lado físico, não no emocional. Mas não vamos falar sobre suas deficiências nessa área agora. Quer ir ao banheiro ou não?

Por um momento, Alex pareceu ficar sem palavras. Em seguida, tossiu e estremeceu ligeiramente.

– Vou tentar ir sozinho.

Jenny não pôde resistir à chance de provocá-lo.

– Não precisa ficar tímido. Tornei-me bem familiarizada com o seu corpo, lavando-o com esponja e água morna nos últimos três dias.

– Então, por que está morrendo de vontade de escapar? – perguntou ele em um tom lento e o sorriso dela desapareceu. Mesmo em seu estado debilitado, Alex era devastadoramente atraente.

– Porque o lobo mau precisa acordar – murmurou ela, recuando em direção à porta e desejando não tê-lo provocado. Provocá-lo era o mesmo que brincar com fogo. Embora doente, ele continuava letalmente belo e mentalmente alerta.

Alex se ergueu e cambaleou. No segundo seguinte, Jenny estava ao seu lado, a preocupação com ele superava qualquer timidez que pudesse sentir. Segurou-o pelo braço para que ele se apoiasse nela.

– Você não está bem o suficiente para sair da cama sem ajuda – ela o repreendeu, ajudando-o a caminhar em direção ao banheiro e tentando não notar o modo como ele passou o braço em torno dos seus ombros.

Alex estava apenas usando-a como apoio, lembrou a si mesma, com firmeza, conduzindo-o até o banheiro.

– Bem, chegamos, agora pode se virar por conta própria. Vou pegar uma bebida. Estarei de volta em um minuto.

Aproveitou o tempo para vestir algo mais apropriado e se lembrar de que Alex Westerling não fazia o seu tipo.

ALEX ESTAVA deitado na cama, assistindo a Jenny ajeitar os lençóis e lhe servir um pouco mais de bebida. Era uma cuidadora nata, refletiu. Uma mulher que só ficava feliz cuidando das pessoas. Bastava olhar para a maneira como cuidava de Daisy para perceber isso. E a criança nem era filha dela.

E agora ele era o foco de seus cuidados e se sentia muito bem nessa posição. Melhor do que poderia imaginar. Não se lembrava de ter sido cuidado daquela maneira, nem mesmo quando criança.

Jenny possuía mãos incrivelmente suaves, uma voz cálida e reconfortante, e apenas tê-la ali, a seu lado, o fazia sentir-se cem vezes melhor.

Jenny era tranquila e tornava a atmosfera mais serena com mais eficácia do que as velas perfumadas que insistia em espalhar pelo quarto.

Agora, usava um roupão que a cobria do pescoço ao tornozelo, mas isso não tinha importância. Alex podia se lembrar com clareza de um par de pernas longas sensacionais, que foi a primeira coisa que viu ao abrir os olhos.

Fingiu não perceber, porque ela, com certeza, se sentia constrangida pela falta de roupa, mas ficara incrivelmente emocionado pelo fato de Jenny estar dormindo ao pé de sua cama. Devia ter ficado bastante preocupada com ele.

E, é claro, devia ter dormido pouco. Aparentava estar esgotada.

– Como diabos conseguiu cuidar de Daisy e de mim ao mesmo tempo?

Ela sorriu.

– Você deu muito mais trabalho do que Daisy. Ela é um bebê muito tranquilo. Eu a colocava sobre o tapete no chão e ela brincava alegremente. À noite dormia.

Contudo Jenny ficara acordada a noite toda cuidando dele. E então o dia todo cuidando de Daisy. Não era de admirar que aparentasse estar tão exausta.

O fato de se sacrificar por alguém que ela desaprovava tão completamente quanto ele o fez sentir certo desconforto.

Alex se remexeu um pouco na cama, mas o sentimento permaneceu, e ele percebeu que não era físico.

Jenny colocou a mão na testa dele e franziu o cenho ansiosa.

– Como está se sentindo agora?

– Muito fraco.

Era verdade, mas ele também sabia que, em circunstâncias normais, morreria antes de confessar sua fraqueza a uma mulher. Mas descobriu que não havia sensação mais agradável do que ser cuidado por Jenny. E gostava do fato de ela já não parecer tão desconfiada em relação a ele.

Não que ele pudesse fazer nada remotamente libidinoso, mesmo que quisesse, refletiu irônico. Estava fraco demais para seduzir qualquer pessoa, mesmo alguém tão franzino quanto Jenny.

Seguiu-a com o olhar enquanto ela arrumava o quarto, notando os cílios longos e a grossura de seu lábio inferior. Mesmo comprido, o roupão não disfarçava as curvas esbeltas e femininas. Ela era incrivelmente bela, decidiu. Em especial agora, que não parecia perceber que ele a estava olhando. Lutou contra o impulso de lhe puxar o roupão e descobrir se o restante dela era tão bom quanto as pernas.

Jenny terminou de arrumar tudo e olhou para ele.

– Deveria tentar dormir um pouco – disse ela em voz baixa. – Vou deixar a porta aberta para que possa chamar, caso precise de mim.

Alex sentiu uma pontada de decepção por ela não dormir mais no fundo da sua cama. E então percebeu que o que desejava, na verdade, era que ela dormisse *na* cama.

*A seu lado.*

Fechou os olhos e contraiu a mandíbula. Que diabos estava havendo com ele?

Jenny não era o seu tipo.

Não por ela não não ser loira, mas porque não era o tipo de mulher que se encaixava em suas regras.

Nem sabia como flertar. Para ser sincero, não ficaria surpreso se ela ainda fosse virgem. Algo tinha de explicar o fato de parecer tão chocada e desconfortável sempre que falavam sobre sexo.

Jenny desaprovava o seu modo de vida e, quanto mais cedo fosse embora da casa dele, mais seguro seria para ela.

E para ele.

ALEX VOLTOU a trabalhar três dias depois, apesar das tentativas árduas de Jenny de persuadi-lo a permanecer em casa se recuperando.

– Você esteve muito mal – protestou enquanto tomavam o café da manhã e ele lhe lançou aquele olhar impaciente que ela estava começando a conhecer tão bem.

– Está bancando a esposa novamente.

Ela mordeu o lábio.

– Apenas acho que não está bem para voltar ao trabalho.

– Se eu entrar em colapso, você pode me ressuscitar – prometeu ele com uma piscadela e um sorriso perverso que a fez prender a respiração.

Não conseguia desviar o olhar dos lábios dele.

Como seria ser beijada por Alex?

*Excitante…*

– Pare de me olhar dessa maneira, Chapeuzinho Vermelho – disse ele com a voz rouca, a expressão em seus olhos azuis penetrantes, dizendo-lhe que sabia exatamente o que ela estava pensando. Alex esvaziou o café e colocou a caneca sobre a mesa com um baque. – Vamos sair daqui antes que façamos algo do qual nos arrependeremos.

Dessa vez, ela não discutiu. Jamais se sentira tão confusa em toda sua vida. Aquele era o homem que tratava as mulheres com um descuido que a aterrorizava. Passava a vida evitando qualquer tipo de compromisso. Era totalmente errado para ela.

Então, por que, de repente, passara a reparar em cada pequeno detalhe sobre ele? Como, por exemplo, a maneira como brincava com os idosos e demonstrava uma enorme paciência com as pessoas assustadas e doentes? A maneira confiante como se atirara de cabeça, determinado a fazer o possível para salvar uma mãe e seu filho? A maneira como seu rosto vincava quando sorria e o modo como sempre parecia ter a barba crescida em seu queixo rígido? Por que de repente sentia vontade de correr os dedos por entre seus cabelos escuros e brilhantes, só para senti-los nas mãos?

Todavia ele não era seu para tocá-lo, lembrou-se, sentindo-se subitamente indefesa, sob a intensidade das emoções que jamais experimentara antes.

Na verdade, ele não era de ninguém.

Alex era um solitário. Um homem que se mantinha a uma distância emocional a salvo de todos ao seu redor.

E não faria uma exceção a uma jovem *mignon*, de cabelos escuros, quase sem seios, que se preocupava com o hábito dele de beber e jamais tivera um namorado sério na vida.

Recompondo-se, Jenny colocou Daisy no assento infantil do carro e dirigiu até o trabalho, tentando pensar em outra coisa que não fosse Alexander Westerling.

Por sorte, havia tanto trabalho a ser feito no hospital que não teve nenhuma chance de pensar sobre a sua confusa reação àquele homem.

No minuto em que chegou ao setor, começou a trabalhar a todo vapor e, ao longo do dia, desejou saber como Alex estava passando. Sabia que ele não estava totalmente recuperado.

– Preciso de você na sala de reanimação, Jenny – disse Tina esbaforida, seu rosto cansado. Vinha batalhando com a falta de pessoal há mais de uma semana e começava a dar sinais de exaustão. – Estão trazendo um homem de 64 anos que entrou em colapso em um shopping center.

A ambulância chegou antes que ela terminasse a frase, e o homem foi levado às pressas à sala de reanimação.

Jenny olhou para cima com alívio ao ver Alex entrar na sala. Sua expressão era sombria e pálida, mas ele se dedicou com a mesma eficiência de sempre.

– O que aconteceu?

– Este é Geoffrey Palmer… – Os socorristas fizeram um rápido resumo e Jenny colocou uma máscara de oxigênio no rosto do homem que se ergueu um pouco e gesticulou, querendo falar. Ele olhou para ela com olhos assustados.

– O que está acontecendo?

– Vamos descobrir agora – respondeu Jenny, a voz firme e a expressão solidária enquanto lhe verificava o pulso e a pressão arterial.

Alex já estava examinando o paciente, seu olhar piscando rapidamente para Tom, que o havia acompanhado até a sala de reanimação.

– Dois cateteres arteriais, por favor. Cânulas de grande calibre.

Tom assentiu com a cabeça e pegou o equipamento enquanto Alex continuou o exame.

– Quero o paciente monitorado, Jenny. Sr. Palmer, pode-me descrever sua dor?

O homem gemeu.

– Ao redor do estômago e nas minhas costas…

– Vamos lhe dar algo para a dor agora mesmo. – Alex rapidamente abriu os botões da camisa do homem para ter acesso ao abdômen. Tom afastou-se do carrinho.

– Dois cateteres.

– Dê-lhe um pouco de morfina para a dor e ciclizina, depois colete sangue para um hemograma completo, ureia e eletrólitos, glucose, hepatograma e tipagem de emergência. – Alex listou a pesquisa que desejava e, em seguida, fez uma breve pausa, olhando para o residente. – Quero dez unidades de concentrado de hemácias e duas unidades de plaquetas.

Tom olhou para ele e fez um breve aceno enquanto pegava os frascos de sangue necessários.

Jenny mordeu o lábio e concentrou-se no paciente. Era evidente a partir do volume de sangue que Alex havia ordenado que ele acreditava que o homem estivesse correndo risco de uma séria hemorragia.

– Jenny, você pode bipar rapidamente o cirurgião vascular, o anestesista e avisar ao centro cirúrgico? – Ele terminou de examinar o abdômen do paciente e ela percebeu que a pele do senhor estava manchada na parte inferior do corpo.

Alex estava olhando para o monitor.

– Ele está com taquicardia e hipotensão. Tom, dê-lhe uma unidade de Haemaccel. – Ele voltou sua atenção ao paciente e colocou a mão de modo reconfortante no ombro do homem. – Sr. Palmer, precisamos passar um tubo em sua bexiga e precisará ser submetido a uma cirurgia, receio.

O homem gemeu.

– O que está acontecendo comigo?

– Você tem o que chamamos de aneurisma da aorta – explicou Alex, olhando quando um homem entrou na sala vestido com o uniforme de centro cirúrgico.

– Paul, obrigado por ter vindo. – Esboçou brevemente a condição do paciente, o cirurgião vascular o examinou e declarou que queria operá-lo imediatamente.

– Vou evacuar os corredores e pedir que segurem os elevadores – disse Jenny, sabendo que era crucial a transferência para o centro cirúrgico e que qualquer demora poderia ser fatal.

Fez as ligações necessárias, verificou o oxigênio e garantiu que todo o equipamento necessário estivesse pronto para a breve viagem até o centro cirúrgico.

Se alguma coisa acontecesse no caminho, precisavam estar preparados.

– Sr. Palmer, há alguém que gostaria que avisássemos? – perguntou ela, e o homem acenou com a cabeça, o rosto pálido e suado.

– Minha filha. Você pode ligar para a minha filha? Ela trabalha em Anderson Ward.

Jenny fez uma anotaçao do nome e entregou-o a uma das outras enfermeiras que prometeu ligar imediatamente.

Por sorte, a transferência transcorreu sem incidentes, e o paciente foi levado ao centro cirúrgico em poucos minutos.

Jenny voltou à emergência apressada e se dirigiu à sala de reanimação para limpá-la e reabastecê-la.

Tom e Alex ainda estavam lá conversando.

Tom passou os dedos pelos cabelos visivelmente estressado.

– Mas como você sabe que foi um aneurisma de aorta?

– Ele apresentava os sintomas clássicos.

Tom fez uma careta.

– Bem, você me deu um susto quando ordenou todas aquelas unidades de sangue.

– Meu palpite é que ele vai precisar de cada uma delas. Se o aneurisma estourar, ele vai ter uma hemorragia maciça – disse Alex sério, seu belo rosto pálido e cansado. – Tivemos sorte de conseguir levá-lo para o centro cirúrgico.

Jenny olhou para ele escondendo sua preocupação.

Sabia que ele não lhe agradeceria por isso, mas estava preocupada.

Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que ele deveria estar em casa, repousando, não trabalhando exaustivas e extenuantes horas no setor de emergência.

Estava desesperada para convencê-lo a ir embora, mas sabia que seria em vão. Alex faria exatamente o que queria.

Tudo que lhe restava era terminar seu turno, ir para casa e esperar que ele não tivesse piorado quando finalmente chegasse.

# *Capítulo 7*

ELE ESTAVA mal.

Eram quase 9h da noite quando Alex chegou, e a primeira coisa que sentiu ao entrar em casa foi um delicioso aroma vindo da cozinha.

Fechou os olhos por alguns instantes e sorriu. Estava se acostumando muito rápido a ter uma mulher na casa. Havia algo surpreendentemente sereno em voltar para casa e comer a comida de Jenny.

Naquele instante, ela saiu da cozinha com um olhar ansioso, e ele percebeu, chocado, que a serenidade não estava em voltar para casa, para comer a comida dela, e sim em voltar para casa, para Jenny.

Só podia ser a síndrome do paciente, disse a si mesmo com firmeza. Ficara obcecado pela sua enfermeira.

Só Deus sabia o que um psiquiatra faria com isso.

– Você parece horrível. – Ela franziu a testa preocupada. – Não devia ter ficado tanto tempo trabalhando. – Dando um passo à frente, tocou-o de leve no braço e ele sentiu o corpo enrijecer em resposta ao seu toque.

De repente, tudo o que queria era carregá-la para a cama e redescobrir aquelas pernas incrivelmente esguias.

Droga!

A situação estava se complicando.

Quanto mais cedo seu advogado ligasse, melhor para os dois.

– Onde está Daisy?

– Dormindo.

Portanto, nem mesmo o bebê seria uma fonte de distração. Cerrando os dentes, Alex se livrou da mão de Jenny e cruzou a sala para se servir de uma bebida.

Ao pegar a garrafa, pausou e olhou por sobre o ombro na direção dela, com um suspiro.

– Vá em frente. Diga. Eu não deveria estar bebendo.

– Você teve um dia ruim, Alex – disse ela baixinho, os olhos escuros calorosos e compreensivos. – Tem direito a uma bebida se quiser.

De repente, ele descobriu que não queria.

Podia pensar em uma forma muito melhor para relaxar.

Mas o que de fato queria estava totalmente fora de cogitação.

Jenny o fitava consternada e ocorreu-lhe que, se ela pudesse ler sua mente, teria corrido um quilômetro.

Na verdade, ela deveria correr um quilômetro. Não estava mais tão certo se seria capaz de se controlar perto dela.

Alex respirou fundo e passou a mão pela nuca para aliviar a tensão. Estava lançando mão de toda a sua força de vontade para não tomá-la nos braços. Normalmente, quando conhecia uma mulher interessante e que jogasse conforme suas regras, ficava feliz em levar a relação à sua conclusão natural. Que quase sempre era a cama. Mas com Jenny era diferente.

Jenny não ia para a cama.

Não no sentido casual, de qualquer maneira.

Ela o estava fitando com a expressão preocupada.

– Posso fazer alguma coisa? Gostaria que eu lhe preparasse um banho ou algo assim?

Apesar da tensão, os olhos dele brilharam.

– Ah, vamos voltar ao banho. – Talvez ajudasse se ele a provocasse. – A resposta de Jenny a todos os problemas da vida.

Esperou que ela corasse, como sempre acontecia quando a provocava, mas dessa vez ela sorriu.

– Você deveria tentar – sugeriu com suavidade. – Quase sempre dá certo.

– Só se você me mostrar como.

Estava tentando chocá-la. Tentando alertá-la a fugir para se esconder enquanto ainda havia chance.

Entretanto ela não fugiu. Em vez disso, Jenny curvou os lábios com seu lindo sorriso que quase o fez gemer de desejo.

– Não seja ridículo. Sei que você está brincando.

Alex desejou saber o que ela diria se soubesse que ele estava falando sério. Naquele momento, não havia nada que o agradasse mais do que compartilhar um banho com ela.

Jenny era totalmente diferente de qualquer mulher que ele conhecera. Talvez por esse motivo o atraísse tanto, meditou em silêncio.

Uma coisa era certa, ela sofreria um terrível choque se pudesse ler seus pensamentos.

Inferno! Ele próprio estava chocado.

– Vou dar um mergulho. – Com sorte, a água gelada arrefeceria alguns de seus hormônios furiosos e fora de controle. – Estou me sentindo rígido após ficar em uma posição por muito tempo.

Jenny o fitou horrorizada.

– Alex, você não pode nadar agora! Já é noite.

Ele deu de ombros.

– Não tem problema. Estou acostumado.

– Por favor, não faça isso. – Ela mordeu o lábio. – Já tive toda sorte de preocupações que poderia suportar por uma semana. Você acabou de se curar de uma forte gripe. Trabalhou durante o dia todo. Se tiver problemas na água…

A tensão de Alex aumentou, ele flexionou os ombros e fez uma expressão desgostosa.

– Meus ombros estão doendo de ficar na mesma posição por muito tempo.

– Então deite-se no sofá e eu lhe faço uma massagem – sugeriu ela, e depois revirou os olhos. – Acho que vai interpretar mal também.

Alex esboçou um sorriso cínico.

– Está ficando cada vez mais difícil chocá-la, Jenny Phillips. É o que dá viver com um sujeito inescrupuloso como eu.

Jenny desviou o olhar.

– Você não é tão ruim, mas já que tocou no assunto… – Ela hesitou e clareou a garganta. – Pedi a alguns corretores para procurarem um apartamento para mim.

Alex sentiu como se tivesse levado um chute no estômago e, em seguida, fez uma careta. Inferno, não era exatamente o que ele queria? Que Jenny fosse embora?

Não.

Aquela era última coisa que ele queria.

– Por que fez isso?

Ela evitou encará-lo.

– Porque a questão da paternidade de Daisy está levando mais tempo para resolver do que imaginei. E… eu realmente não tinha a intenção de ficar aqui pelo resto da vida.

Mais cedo ou mais tarde, Daisy e eu vamos precisar de um lugar para viver – disse ela em voz baixa. – E, é claro, quero ficar por perto para que você possa acompanhar o crescimento dela.

Será que a estaria perturbando tanto quanto ela o perturbava?

Alex estreitou os olhos e estudou-a, à procura de pistas, mas não podia ver muito, com ela se recusando a fitá-lo.

A não ser que isso por si só fosse um sinal.

– Por que quer ir embora? Está com dificuldades financeiras e se começar a pagar aluguel… – Ele meneou a cabeça. – Não. Esqueça. Você e Daisy continuam aqui até meus advogados obterem uma resposta sobre a paternidade do bebê. Então, resolveremos a questão da melhor maneira possível.

Não queria que ela fosse embora.

Queria-a onde pudesse ficar de olho nela.

Contudo, antes que tivesse chance de levar o assunto adiante, as pressões do dia, por fim, o abateram e ele sentiu a sala rodando.

Jenny percebeu de imediato.

– Suba. Deite-se na cama e vou lhe levar o jantar.

Alex não argumentou. Em vez disso, subiu, se esparramou na cama e fechou os olhos. Momentos depois, ouviu seus passos suaves entrando no quarto.

Ainda estava se perguntando se devia se incomodar em tirar a roupa quando sentiu a cama afundar e Jenny sentar-se a seu lado.

– Tire a camisa e deite-se.

Alex abriu um olho e fitou-a com um olhar irônico.

– Essa é a sua melhor cantada?

– Esse é meu modo de fazer massagem. – Jenny estendeu a mão e desabotoou-lhe a camisa. Por um momento, ele pensou ter visto os dedos dela tremerem um pouco, mas quando olhou para o seu rosto, aparentava perfeitamente calmo, e Alex decidiu que devia ter imaginado. – Tire a camisa enquanto acendo as velas.

– Velas? – Ele tirou a camisa, notando pela primeira vez que ela havia colocado várias velas ao lado da cama, junto com alguns pequenos frascos. – Para que precisamos de velas?

– Estou tentando criar a atmosfera certa para ajudá-lo a relaxar.

Jenny acendeu as velas, apagou as luzes, e o quarto mergulhou em uma semiescuridão, iluminado apenas por um brilho tênue e aconchegante.

*Relaxar*?

Alex lançou-lhe um olhar incrédulo e então percebeu que ela realmente não sabia o que estava fazendo. Xingou baixinho. Jenny era incrivelmente ingênua no que se referia a sexo. Estava ali, com um homem seminu na cama e acendendo velas.

Com certeza acreditava estar criando uma atmosfera de relaxamento quando, na verdade, o que havia criado era uma atmosfera de sedução.

Um quarto mal iluminado, óleos perfumados e um homem seminu na cama…

E ele não se sentia nem um pouco relaxado.

Na verdade, todo o seu corpo pulsava com a tensão sexual reprimida. Alex se apoiou nos cotovelos e viu quando ela caminhou em direção ao banheiro e pegou algumas toalhas.

Jenny estendeu uma sobre a cama a seu lado e, em seguida, deu-lhe um sorriso tímido.

– Pode tirar a calça. Caso adormeça não se sentirá desconfortável.

Adormecer? Sem chance. Não do modo como se sentia no momento. E quanto à calça… Bem, pelo menos estava escondendo a reação do seu corpo a ela.

No entanto, Alex se viu abrindo o botão da calça e puxando-a pelas coxas abaixo.

Jenny estava aquecendo um pouco de óleo nas palmas das mãos.

– Agora, deite-se de bruços. Vou cobri-lo da cintura para baixo, assim não ficará com frio.

Alex cerrou os dentes e fez o que lhe foi pedido, embora deitar-se de bruços não fosse fácil, dada a sua condição física atual. Mas, pelo menos, ajudaria a disfarçar o efeito que ela lhe causava.

Tinha um pressentimento de que ela não fazia a menor ideia e não queria embaraçá-la. Gostava do fato de Jenny parecer ter perdido um pouco da desconfiança quando estava com ele.

Fechou os olhos e tentou pensar em algo neutro e chato, algo que não envolvesse estar seminu enquanto ela lhe esfregava óleo no corpo.

Mesmo assim, o primeiro toque daquelas mãos suaves em sua pele o fez gemer. Alex sabia que, se a intenção dela era fazê-lo relaxar, havia escolhido o modo errado. Era simplesmente impossível relaxar com Jenny deslizando as mãos sobre os seus ombros de forma tão sedutora.

Jamais imaginou que ela tivesse mãos tão maravilhosas.

Não parecia uma pessoa particularmente tátil, pelo menos, não com ele.

Contudo suas mãos o massageavam em um movimento suave e contínuo, incitando as mais loucas fantasias em sua mente desperta.

Jenny possuía o toque mais incrível.

*O toque de uma amante*.

Permaneceu imóvel, com os olhos fechados, enquanto ela lhe comprimia os músculos dos ombros e, em seguida, descia as mãos, bem devagar, percorrendo-lhe a pele sensível das costas. Não dizia uma palavra, e aquele silêncio apenas intensificava os pensamentos eróticos que latejavam no cérebro dele.

As mãos macias continuavam a passear sobre seu corpo, e ele gemeu mais uma vez.

Jenny fez uma pausa.

– Eu o estou machucando?

*Ela realmente não fazia ideia.*

Decidindo que já era suficiente, Alex rolou de costas, com a mandíbula contraída e os olhos fechados.

– Acho melhor pararmos.

Jenny franziu a testa, intrigada.

– Mas…

Alex abriu os olhos e o que ela leu neles devia tê-la chocado, porque ofegou.

– Fuja, Chapeuzinho Vermelho – preferiu ele em voz baixa, fitando-a com intensidade. – Fuja enquanto ainda pode.

Jenny congelou, em seguida, o encarou. Mas não parecia capaz de se mover. Lembrava um animal delicado, gentil, que acabara de descobrir que estava brincando com seu predador.

Dividida entre o fascínio e o terror.

Alex trincou os dentes e lutou contra o impulso viril de puxá-la para si e deitá-la sob seu corpo.

– Vá, Jenny. Pelo amor de Deus, basta ir.

– Desculpe se fiz algo errado… – A voz era ofegante e feminina.

Droga! Ela deveria estar correndo para seu quarto e se trancando do lado de dentro.

– Você não fez nada de errado.

– Mas…

Era evidente que Jenny não percebia o perigo iminente. Abafando um palavrão, Alex deitou-a na cama e cobriu-a com o corpo, como estava morrendo de vontade de fazer desde o momento em que ela acendera as velas.

Ou talvez até mesmo antes disso. Não sabia. Tudo que sabia é que a desejava e que ela não correra rápido o suficiente.

– Você devia ter fugido, Chapeuzinho Vermelho, enquanto podia.

Jenny o fitou nos olhos, a respiração ofegante, as pupilas dilatadas.

– Não posso fugir…

– Bem, você deveria – rosnou ele, erguendo a mão e soltando a presilha que ela sempre usava para prender os cabelos longos e escuros. Enterrou os dedos por entre os fios sedosos, decidindo que jamais tocara algo tão macio e suave.

– Afaste-me, Jenny. – Alex desceu os lábios sobre os dela e sentiu o calor de sua respiração morna misturando-se com a dele. – Faça-me parar.

Impotente, ela o fitou emocionada e hipnotizada por seu olhar ardente.

– Não posso.

Alex roçou-lhe a boca de uma maneira terna e delicada e gemeu quando uma deliciosa sensação lhe invadiu o corpo tenso.

– Vou machucá-la.

– Você não faria isso.

A língua de Jenny vibrou de leve de encontro aos seus lábios, e ele desistiu de todas as tentativas de se conter.

Cobriu-lhe a boca com uma leve carícia, introduzindo a língua, estimulando-a a se abrir para ele. E ela o fez. Com a mão ainda em seus cabelos, aprofundou o beijo, saboreando-lhe a doçura, sentindo sua resposta trêmula.

Com a língua enroscada à dele, Jenny correspondeu, sem restrição, beijando-o até ele sentir o sangue latejando nas veias e temer que seu corpo explodisse.

Sabia que devia erguer a cabeça para permitir que ambos respirassem, mas beijá-la era tão inebriante que não conseguia se afastar, nem por um breve momento.

Com a mão livre escorregando para baixo e as entranhas em brasa, começou a acariciar-lhe um mamilo túrgido. Jenny arquejou de encontro aos seus lábios, e ele repetiu o movimento. Em seguida, enfiou a mão sob a camiseta, todo o seu corpo latejando com o desejo de tê-la nua sob ele. Abriu o fecho do sutiã sem a menor dificuldade e, por fim, afastou os lábios dos dela.

Jenny estava deitada, corada e febril pelo beijo, fitando-o totalmente confiante.

Alex sabia que deveria parar.

Teria de parar.

E então ela suspirou. Ele ouviu o tremor em sua respiração e sentiu o roçar do mamilo excitado de encontro aos dedos.

Incapaz de se conter, livrou-a da camiseta, expondo-lhe os seios ao seu olhar faminto.

Jenny era delicada, totalmente feminina, e o homem nele lutou para controlar a poderosa onda de desejo que o atingiu.

Consciente de que estava se torturando, abaixou a cabeça e provocou um mamilo rosa com a língua, gemendo ao vê-lo enrijecer sob seu toque hábil.

Jenny sussurrava o nome dele e agarrava-se aos músculos de seus ombros como se estivesse caindo de um precipício e ele fosse o único que pudesse salvá-la.

Mas ele não a salvaria.

Pelo contrário, iria machucá-la. Sempre machucava as mulheres.

Alex ergueu a cabeça e soltou um palavrão, com a intenção de pôr um fim àquilo enquanto ambos ainda tinham forças para evitar, mas seus olhos se prenderam ao mamilo úmido e brilhante pelo toque da sua língua.

O peito de Jenny arfava. Os quadris se contorciam sutilmente sobre os lençóis como se ela procurasse aliviar a incrível tensão que crescia dentro de ambos.

Era toda suavidade, calor e tentação feminina, seus olhos e corpo implorando por mais, e Alex, que jamais havia perdido o controle sobre suas reações, de repente perdeu o domínio sobre si mesmo.

Inclinou a cabeça e beijou-a novamente. Com a mão livre, escorregou até encontrar a barra da saia dela. Puxou-a para cima, sentindo o calor de sua pele acetinada contra as pontas dos dedos e a pressão daquele doce corpo arqueado de encontro ao seu. Moveu-se de leve para se permitir um melhor acesso, acariciando-lhe as coxas e a sedosidade úmida sob a calcinha.

Seu desejo se intensificou diante da evidência explícita do desejo de Jenny por ele. Deslizando os dedos sob o elástico, tocou-lhe o centro do prazer.

Sensível como estava a cada tremor do corpo dela, percebeu sua repentina tensão e cessou os movimentos.

– Alex… – murmurou ela de encontro aos seus lábios. Ele ergueu a cabeça, a respiração instável, os dedos ainda descansando sobre a parte mais íntima de Jenny.

– Quer que eu pare?

– Não, sim… – Ela fechou os olhos e gemeu. – Não sei. É só que eu nunca, eu não…

*Ela era virgem.*

De repente, Alex encontrou a força de vontade que estava procurando. Afastou a mão e rolou para o lado, fechando os olhos enquanto lutava para acalmar o corpo latejante.

Seguiu-se um momento de silêncio enquanto ele se esforçava para recuperar o controle, lutando com a própria consciência.

– Alex? – Jenny o chamou, a voz era quase um sussurro. Ele exalou um suspiro e abriu os olhos.

– Eu lhe disse para fugir.

– Mas eu não quero fugir.

– Bem, você deveria ter fugido – disse seco, erguendo-se e saindo da cama, com um movimento ágil. Precisava ficar longe de si mesmo. E rápido. – Não sou o homem certo para você, Jenny. Você sabe disso. Jamais deveríamos ter cedido à tentação.

– Mas…

– Jenny, eu sou tudo o que você me acusou de ser no dia que apareceu aqui, com o seu olhar acusador e expressão inocente. – As palavras soaram duras. – Nada mudou.

– Isso não é verdade. Eu não o conhecia direito quando cheguei aqui. Eu disse coisas… – Ela parou e mordeu o lábio. – Disse coisas horríveis sobre você, eu sei, mas isso foi antes de conhecê-lo melhor.

Alex cerrou os dentes.

– Jenny, sou tudo o que você pensou que eu era, querida.

Ela meneou a cabeça.

– Você é um médico brilhante. Dedica-se demais aos outros, mas gosta de esconder esse fato. E você é maravilhoso com Daisy. Será um ótimo pai.

Alex passou os longos dedos pelos cabelos escuros e despenteados.

– Jenny, serei um péssimo pai. Sou avesso a compromissos. Nunca escondi isso de ninguém. Não gosto de muita proximidade com as pessoas.

Ela olhou para ele.

– Por quê?

Alex reconheceu a expressão nos olhos dela e praguejou em voz baixa. Jenny pensava que poderia mudá-lo. Que seria diferente das outras, mas o que ela não sabia era que o problema não estava nas outras mulheres que haviam passado pela sua vida, o problema estava *nele*.

Simplesmente não podia se comprometer com ninguém.

Não queria. E Jenny não seria exceção.

Tudo o que ele desejava era um breve e descomplicado relacionamento.

– Porque é assim que tem de ser. – Ao ver a dor nos olhos dela, se amaldiçoou. Por que diabos deixara as coisas chegarem àquele ponto?

Odiando-se pelo que ia fazer, esfregou o rosto com as mãos e olhou para ela.

– Não durmo com mulheres como você.

– Porque não sou loura?

A fraca tentativa de humor de Jenny não conseguiu lhe aliviar a tensão. Mas afinal não fora ele mesmo que se colocara naquela posição?

– Porque você não faz sexo, não é? E isso é tudo o que tenho para lhe oferecer.

As palavras contundentes a fizeram estremecer. Jenny o fitou como um gatinho que sabia que estava sendo levado para longe da mãe.

– Não sou uma ameaça a você, Alex – disse ela em um tom suave, e ele esboçou um sorriso cínico.

Com sua suavidade cálida e natureza tranquila, Jenny era a maior ameaça com a qual ele já se deparara.

E no dia seguinte, exerceria uma forte pressão sobre o seu advogado, para apressá-lo a obter uma resposta sobre a paternidade de Daisy.

Queria aquela questão resolvida para que pudesse tirar Jenny de sua vida.

Antes que fizesse algo que ferisse os dois.

Terminando a conversa de repente, Alex caminhou até o banheiro, trancou a porta, entrou no boxe e abriu a torneira de água fria.

JENNY OLHOU para a porta do banheiro fechada, completamente estarrecida.

*Ele a rejeitara.*

Mas isso não era surpresa, era? Como poderia competir com as mulheres com quem ele costumava se envolver?

E havia estragado tudo, agindo como uma colegial desajeitada. Mas o toque de Alex fora tão íntimo que ficara aterrorizada pela intensidade da própria reação.

Deslizou para fora da cama, cheia de vergonha, imaginando como encontraria forças para enfrentá-lo na manhã do dia seguinte.

Fora tudo culpa sua. Que diabos lhe dera na cabeça para fazer uma massagem em Alex? No minuto em que ele tirou a camisa, expondo o peito musculoso, ela percebera a profundidade de seu erro, mas já era tarde demais para corrigi-lo sem chamar a atenção para a súbita percepção que havia se apoderado dela.

E, para ser justa, ele lhe dera todas as oportunidades de escapar.

Mas ela não foi capaz de fazê-lo.

Estava presa pela química que pulsava entre eles, sob a influência de algo muito mais forte do que o bom senso.

Todas as advertências do mundo não a impediriam de experimentar o beijo de Alex.

Gemendo com a lembrança, voltou ao seu quarto e fechou os olhos por alguns instantes.

O que estava pensando? O sentimento de culpa a dominou. Aquele era o homem que Chloe amara. Haviam feito um filho juntos.

Como podia ter esquecido que aquele era o homem que partira o coração da sua irmã?

*Porque ele não era o homem que ela pensava que fosse*.

Se Alex não tivesse detectado a sua falta de experiência, onde estariam agora?

Fazendo amor… Só que não era amor, lembrou-se. Era sexo e, como Alex havia dito, ela não fazia sexo.

Ou fazia?

Com certeza nunca fizera antes, mas estava dolorosamente consciente de que, se Alex não tivesse exercido sua incrível força de vontade para interromper o contato físico, teria ido para onde ele quisesse levá-la.

JENNY SE sentou à mesa da cozinha, alimentando Daisy, temendo a chegada de Alex.

Havia se atirado nos braços do amante da irmã, e ele a rejeitara com muito tato.

Devia ser grata a ele por tê-los salvo de cometer um grande erro, mas no momento não podia enxergar além da humilhação de ter se oferecido a um homem que não a queria.

O que aconteceria de agora em diante?

Entretanto, quando Alex entrou na cozinha, cinco minutos depois, não mostrou sequer um lampejo de constrangimento.

Afinal, devia estar acostumado com as mulheres se atirando em seus braços, refletiu infeliz, concentrando sua atenção em Daisy enquanto ele se servia de café e puxava uma cadeira.

Alex sentou-se, estendeu as longas pernas para frente e pegou um bolinho recém-assado.

Jenny estava fazendo um esforço determinado para não olhar na sua direção, mas sabia que ele a estava olhando.

– Bom dia. – A voz dele soou suave, máscula, conectando-se com todas as partes do seu corpo feminino.

Como ele conseguia tal feito?, perguntou-se impotente, tentando fazer a mão parar de tremer, enquanto erguia a colher e a levava à boca de Daisy. Alex se encontrava sentado do outro lado da mesa, mas o coração e o pulso dela já estavam acelerados. No momento em que ele entrava em um recinto, o local parecia pulsar com tensão sexual.

– Bom dia – respondeu sem ousar fitá-lo.

Seguiram-se alguns instantes de silêncio.

– Você terá de olhar para mim em algum momento, Chapeuzinho Vermelho – murmurou ele, por fim, com uma nota de diversão permeando seu tom aveludado. – Foi

apenas um beijo, querida. Não há necessidade de ficar tímida.

Apenas?

Alex, sem dúvida, não fazia ideia do quanto beijava bem. Mas o fato de ter minimizado o que houve entre os dois com tanta facilidade apenas confirmava sua crença de que não significara nada para ele. Já sabia disso, é claro. Fora ele quem quis parar. E ela praticamente lhe implorara que não o fizesse…

Uma onda de constrangimento a inundou mais uma vez. Jenny desejou que Alex fosse trabalhar e a deixasse sozinha.

Mas ele, pelo visto, não ia a lugar algum.

Em vez disso, serviu-se de mais um pouco de café, e o olhar dela recaiu sobre as mãos morenas, fixando-se nos pelos escuros visíveis sob os punhos da camisa. Tudo em Alex era sexy. Até mesmo as mãos. *As mesmas mãos que a haviam tocado tão habilmente na noite anterior.*

Forçou sua atenção de volta a Daisy. Aquilo era ridículo. Desde quando reparava nas mãos de um homem?

Ele exalou um suspiro impaciente.

– Escute, Jenny, eu não…

– Por favor, não diga mais nada. – Ela se ergueu tão depressa que quase derrubou a cadeira, mas simplesmente não podia suportar ouvi-lo listar as razões pelas quais não queria ficar com ela. – Prefiro não falar sobre isso.

Preferia não pensar nisso também, mas para seu azar não era tão fácil assim.

Jenny retirou Daisy da cadeira infantil e ergueu-a nos braços. O contato com o corpo macio e gordinho do bebê deu-lhe coragem.

– Foi tudo culpa minha, e eu sinto muito. – Criou coragem também para fitá-lo nos olhos, tentando aparentar tranquilidade. – Fui eu quem lhe fez aquela estúpida massagem e acho, quero dizer, não me ocorreu que você… – Pausou e mordeu o lábio, amaldiçoando sua timidez. Todo mundo parecia ser capaz de falar sobre sexo. Por que ela não? – O que eu quero dizer é que o beijo foi tudo culpa minha e, por favor, não pense que me ofendeu por ter feito o que fez. Você era amante de Chloe, e eu jamais deveria ter…

– Nunca fui amante de Chloe – disse Alex, impaciente, as sobrancelhas escuras franzidas. – E Chloe não tem absolutamente nada a ver com o que aconteceu entre mim e você ontem à noite.

– Continuo acreditando que Daisy é sua filha – afirmou ela com a voz rouca. – A única coisa que mudou é que você não é o homem que eu pensei que fosse, e sinto

muito se o julguei mal.

Alex tamborilou os dedos longos sobre a mesa.

– Você não me julgou mal. – Seu belo rosto aparentava inescrutável. – Bebo demais, divirto-me demais e não dou a mínima para os sentimentos das mulheres. Nunca tive um relacionamento que durasse mais de três meses. Sou tudo o que você acreditava que eu fosse. Você não me julgou mal.

Jenny deu-lhe o que esperava ser um sorriso espirituoso.

– Bem, pelo menos eu o ensinei a fazer a refeição matinal.

Alex não retribuiu o sorriso.

– Você me ensinou mais do que isso – disse ele em um tom suave, sem desviar os olhos do rosto dela. – Como, por exemplo, o fato de que tenho uma consciência. E essa consciência, minha querida Jenny, é a razão de você continuar virgem esta manhã.

Jenny estava mortificada por ele ter descoberto, mas depois de sua reação na noite anterior não era de admirar.

– Nós não teríamos…

– Oh, sim, teríamos. – Ele esvaziou a xícara de café. – E estou lhe avisando para manter distância, Chapeuzinho Vermelho. O lobo mau a deixou escapar na noite passada. Não posso garantir que isso aconteça uma segunda vez.

O coração de Jenny bateu feito louco de encontro às costelas. De repente, ela sentiu a boca ficar seca.

Então, ele a achava atraente.

Não fora só ela que percebera a ligação especial entre os dois.

– Concordo que você deve ir embora – disse Alex sem rodeios. – Não serei capaz de manter minhas mãos longe de você se continuarmos vivendo debaixo do mesmo teto.

Jenny olhou para ele.

– Mas eu não tento…

– Você sabe muito pouco sobre os homens, não é verdade? – observou seco. – É justamente o fato de não tentar que a torna tão irresistível. Isso aliado a não fazer a menor ideia do quanto é atraente. Mesmo vestida, tenho de me conter para não tocá-la.

Jenny sentiu o peito afundar e, de repente, o ar não lhe chegava aos pulmões.

– Mas não estou fazendo nada.

– Você não precisa fazer nada – Alex retrucou em um tom lento. – Pode dar banho em Daisy com uma camiseta velha e ainda assim eu a desejo. Pode usar aquela roupa ridícula com botões do pescoço aos pés e tudo o que quero é despi-la. A verdade é que não tenho nenhum interesse no que você está vestindo, porque tudo que quero fazer é

arrancar-lhe as roupas, deitá-la em minha cama e apresentá-la aos prazeres do sexo. E agora que já lhe disse a verdade, é melhor você fugir.

Jenny o fitou, a respiração acelerada, duas manchas vermelhas sobre as maçãs do rosto.

*Ele queria apresentá-la aos prazeres do sexo?*

Ninguém jamais lhe falara daquele modo tão explícito antes, e isso a fez experimentar uma estranha sensação.

– Alex…

– Estou deixando você chocada, Chapeuzinho Vermelho? – A voz soava suave como seda. – Porque eu deveria.

Finalmente, Jenny recuperou a voz.

– Você não está me chocando. Mas não vai me convencer de que é tão mau também. Agora eu o conheço, Alex. Sei que você tem um lado carinhoso.

– Não em meus relacionamentos – disse ele depressa, e, de repente, ela percebeu qual era o problema dela.

Viera procurá-lo por Daisy, mas agora que o conhecia o queria para si.

*Estava apaixonada por Alex Westerling.*

Consternada com a súbita revelação, Jenny congelou.

– Você está certo, é claro – concordou por fim, seus lábios rígidos enquanto formavam as palavras. – Você não é o tipo de homem certo para mim.

E, de certa forma, estava dizendo a verdade. Para Alex, um relacionamento era algo puramente carnal. Não valorizava o lado emocional. Quantas vezes ele lhe dissera isso?

Seguiu-se uma breve pausa, e os olhos azuis se prenderam aos dela com um brilho ardente.

– Jenny…

O ruído suave da campainha interrompeu fosse o que fosse que ele pretendia dizer. Sua mandíbula enrijeceu outra vez.

– Quem diabos será a esta hora da manhã?

– Quer que eu vá ver? – Ela o fitou ansiosa. – Se for um repórter, posso dizer que você não está.

Ele riu alto e virou-lhe o rosto suavemente com um dedo.

– Você é tão inocente. O que acha que um repórter pensaria ao se deparar com uma jovem bonita abrindo a minha porta, com um bebê no colo?

Jenny arregalou os olhos.

– Eu não havia pensado nisso.

– Mas, felizmente eu pensei. É melhor você ficar aqui. – Ele deixou a cozinha e fechou a porta ao sair, deixando-a sozinha.

Jenny olhou para o bebê, impotente.

– Oh, Daisy. O que eu fiz? O que deu em mim para me apaixonar por um homem como ele? Pensei que tivesse mais juízo.

Entretanto a verdade é que suas emoções estavam fora de controle pela primeira vez na vida.

Não escolheu se apaixonar por Alex Westerling, mas isso acontecera.

E quem poderia culpá-la?

Alex era o melhor dos partidos. Possuía uma mente afiada, era pecaminosamente belo e podia beijar uma mulher até fazê-la se esquecer do próprio nome. Também era uma boa companhia e um bom ouvinte. Era gentil com os pacientes e um médico dedicado. E seria um excelente pai, assim que acordasse para o fato de que Daisy era sua filha.

Não se dando conta de que não pensara na riqueza dele, Jenny começou a arrumar a cozinha com o braço livre e congelou ao ouvir um riso feminino.

Sentiu como se tivesse tomado um banho de água fria. Ali estava ela, feliz, brincando de casinha e faz de conta, e sequer pensara na atual namorada de Alex. E devia haver uma, é claro. Ele simplesmente não era o tipo de homem que ficava sozinho.

Deixou cair o pano e segurou Daisy com mais força, preparando-se, no momento em que a porta se abriu e Alex entrou, com o braço em torno dos ombros de uma mulher loira deslumbrante, usando a saia mais curta que ela já vira.

Jenny tentou sorrir esperando parecer convincente.

– Olá, eu sou Jenny.

– E eu sou Libby.

A jovem mulher fitou-a curiosa, olhando para Daisy e, em seguida, para Alex.

– Com certeza você anda me escondendo muita coisa, menino travesso. – A voz soou como um ronronar sedutor e seus incríveis olhos azuis brilharam maliciosos. – Eu devia vir visitá-lo sem avisar mais vezes.

– Não, se quiser sobreviver até a velhice – retrucou Alex, reprimindo um bocejo. – Jenny, esta é minha irmã Libby. Não responda a qualquer das suas perguntas. Ela é pior do que qualquer repórter.

*Irmã?*

Jenny não sabia o que era pior. A dor de pensar que ele estava envolvido com aquela bela criatura ou o intenso sentimento de alegria que a inundou ao perceber que não

estava. Se ainda precisava de confirmação sobre seus sentimentos por ele, a obtivera naquele instante.

Alex despejou um pouco de café em uma xícara e ofereceu-a à irmã.

– Então, a que devo a honra? Os sapatos estão em falta em Londres?

Libby riu e tomou um gole de café.

– Não. Acontece que eu estava de passagem.

Alex arqueou uma sobrancelha.

– De passagem por onde? Isto aqui é um beco sem saída, Lib.

A irmã deu de ombros.

– Tudo bem. Na verdade, Andreas viajou para a Grécia com Adrienne por alguns dias e pensei em aproveitar a oportunidade para vir visitá-lo. – Ela se virou para Jenny e sorriu. – Adrienne é sobrinha de Andreas. Tem 17 anos.

Alex olhou para a irmã, desconfiado.

– E é só isso?

Libby o fitou com um brilho malicioso no olhar.

– Bem, Katy e eu não tivemos notícias suas ultimamente, e isso é sempre um sinal de que está ocupado.

Alex ergueu os olhos para o céu.

– E sabendo disso, não pensaram que eu gostaria de ser deixado em paz?

– Claro. – Libby sorriu para Daisy. – Vamos ficar apenas por uma noite. Prometo que não vamos atrapalhar. Apenas vamos descansar na praia.

Jenny os fitou intrigada.

– Nós?

– Libby com certeza trouxe minhas duas sobrinhas para me visitar – disse Alex cansado, passando a mão pelos cabelos escuros e olhando para a irmã com frustração. – Você realmente devia aprender a ligar primeiro.

– Por quê? – O olhar de Libby parecia perturbadoramente cheio de significados, e Jenny suspeitou que havia algo acontecendo. – Estou interrompendo alguma coisa?

Alex hesitou apenas por um breve segundo.

– Não – disse por fim. – Mas o quarto das crianças está ocupado.

Libby o encarou momentaneamente muda.

– Mas nunca hospeda ninguém aqui.

– Bem, Jenny está hospedada aqui, com Daisy – respondeu irritado. – E é melhor você tirar as meninas do carro.

– Elas estão dormindo – replicou Libby, os olhos ainda sobre o irmão. – Então você está dizendo que não há espaço?

Jenny pigarreou.

– É claro que há espaço. As crianças podem ficar todas no mesmo quarto. Esta é Daisy. Tenho certeza de que ela vai adorar a companhia.

– Prazer em conhecê-la, Daisy. – Libby apertou a bochecha do bebê e fez ruídos que arrancaram uma risadinha da criança. – Vou buscar as meninas.

Alex saiu da cozinha, deixando as duas mulheres juntas.

– Eu *realmente* não queria atrapalhar – disse Libby, soando pesarosa. – Não fazia ideia. Alex nunca convida mulheres para ficarem aqui. Se a convidou, então você deve ser muito especial.

Jenny fechou os olhos por alguns instantes. O que deveria dizer?

Não podia confessar que Alex não a havia convidado. Que ela aterrissara ali, juntamente com um processo de paternidade e que a vida nunca parecera mais complicada do que estava no momento.

Por sorte, Alex retornou à cozinha em poucos minutos, carregando duas meninas nos braços. Estavam aconchegadas ao seu peito, sonolentas, e ele deu um beijo em cada um de seus cachos escuros antes de entregá-las a Libby.

– Precisamos ir trabalhar. Você sabe onde está tudo. – Ele deu um sorriso irônico. – Não preciso lhe dizer para ficar à vontade na casa, porque você sempre fica. Nós a veremos mais tarde.

Nós?

Libby aparentava claramente consumida pela curiosidade, e Alex soltou um suspiro.

– Jenny trabalha no mesmo setor que eu. Agora esqueça isso.

– Então, vocês se conheceram no trabalho?

Jenny lançou um olhar impotente a Alex, que revirou os olhos.

– Como nos conhecemos não é da sua maldita conta.

Libby ofegou e tapou as orelhas da filha mais velha.

– Alexander Westerling, não deve falar assim na frente da minha filha de 4 anos!

– Então não devia trazê-la para visitar o tio malcriado sem aviso prévio – respondeu Alex, mas abaixou-se para beijar as sobrinhas. – Até logo. Mais tarde vamos brincar na praia.

A menina mais nova olhou para ele.

– Vamos fazer um castelo?

– Com certeza vamos fazer um castelo – Alex repetiu, estendendo a mão para pegar as chaves do carro sobre a mesa. – Tenha um bom dia e não fique pensando bobagens.

NO MOMENTO em que deixou Daisy na creche, Jenny saiu à procura de Alex. Encontrou-o na enfermaria, examinando um paciente que retornara ao hospital para troca de curativo.

– Isto está infectado – dizia ele com aquele tom incisivo que sempre empregava. – Vou lhe prescrever antibióticos, e você precisa retornar para uma nova avaliação. – Fez uma breve pausa ao ver Jenny na porta e voltou a se focar no paciente para terminar de dar suas instruções.

Então, caminhou até Jenny, seu belo rosto com uma expressão vazia.

– Para o meu consultório. Agora.

Jenny piscou e se perguntou se algum dia se acostumaria com o tom autoritário de Alex. Mas não tinha muita escolha a não ser segui-lo. E era obrigada a admitir que precisavam de privacidade para a conversa que estavam prestes a ter.

Fechou a porta de modo silencioso ao entrar e ficou de pé em frente a ele.

– É melhor você se sentar. – Alex desabou na cadeira atrás da escrivaninha e fechou os olhos. Parecia desgastado e Jenny recordou que ele ainda não estava totalmente recuperado da gripe. – Suponho que você queira falar sobre a minha maldita irmã.

Jenny mordeu o lábio.

– Apenas não sei o que vamos dizer a ela.

Alex bocejou.

– Por que precisamos dizer alguma coisa a ela?

Como ele podia ficar tão tranquilo?

– Ela vai querer uma explicação.

– Nunca dei explicações a ninguém – disse ele em um tom frio, e então suspirou. – Não fique tão preocupada, Chapeuzinho Vermelho. Ainda está segura na toca do lobo mau, lembra? Vou dar um jeito nessa situação.

– Mas o que vai dizer a ela?

Alex deu de ombros, totalmente indiferente ao que ela considerava um enorme problema.

– Não sei. Não tenho o hábito de discutir meus relacionamentos com a minha irmã.

Jenny corou.

– Mas nós não temos um relacionamento.

Ele lançou-lhe um olhar estranho.

– Não, não temos, não é? Ainda.

O tom suave aqueceu o sangue dela, fazendo-a sentir uma onda de calor que se espalhou por todo seu corpo.

– Eu… eu vou tentar conseguir um apartamento hoje mesmo – retrucou e Alex deu uma risada breve.

– Terá muita sorte se conseguir. Esta é uma estância turística em meio à alta temporada. Terá sorte até mesmo se conseguir um metro de areia que alguém já não tenha ocupado.

– Mas você disse…

– Sim, eu sei o que eu disse. – Um sorriso irônico brotou em seus lábios. – Seria mais seguro se você fosse embora, mas vendo que não será possível, temos de ficar com a opção mais perigosa.

– O que você quer dizer?

– Que terá de continuar a viver com o lobo mau – respondeu ele com a voz lenta, inclinando-se para a frente e olhando para ela com uma intensidade que fez sua pulsação acelerar de forma alarmante. – Até descobrirmos quem é o pai de Daisy.

Jenny olhou para ele, o coração batendo acelerado.

– Ela é sua filha, Alex.

– Você continua afirmando isso. – Um músculo enrijeceu em sua mandíbula magra. – Para o nosso próprio bem, acho que está na hora de descobrirmos a verdade. Assim poderemos prosseguir com nossas vidas.

# *Capítulo 8*

JENNY CHEGOU em casa do trabalho e encontrou Libby alimentando as crianças na cozinha.

O ambiente de solteiro geralmente impecável de Alex havia se transformado em um paraíso feminino.

Sapatos espalhados por toda parte, itens de vestuário caídos a esmo pelo chão, e a cozinha parecia como se alguém tivesse usado um liquidificador sem tampa.

– Receio que a culpa seja de Athena – explicou Libby em um tom jovial, seguindo a direção do olhar de Jenny. – Ela faz uma terrível bagunça para comer. Não se preocupe. Alex já está acostumado. Não adianta limpar a cozinha antes. Sempre espero ela terminar. Depois, é só abrir a mangueira.

Jenny deu uma risadinha.

– Aposto que Alex tem um choque quando você vem para ficar.

– Ele recorre à garrafa de uísque – disse Libby, sorrindo tolerante, enquanto Athena pegava um punhado de macarrão e o esfregava sobre a mesa. – Meu marido, Andreas, faz o mesmo. Adora as meninas, mas é o típico homem grego. Não consegue distinguir os dois lados de uma fralda. O que é totalmente ridículo, já que é um pediatra e, por sinal, um dos bons. Mas não tem muita experiência com o lado prático da coisa. Um pouco como Alex.

*Não como Alex.*

Jenny colocou Daisy na cadeira infantil, pensando em como Libby ficaria surpresa se soubesse o quanto Alex se envolvera com Daisy.

Após aquela primeira noite que o forçara a tomar uma atitude, ele passara a ajudá-la com a criança e parecia gostar de ficar com o bebê.

– Ela é linda – disse Libby, olhando Daisy, pensativa. – Que idade ela tem?

– Seis meses. Quantos anos tem Athena?

– Apenas dois. – Libby fez uma careta. – E Zoe quatro. Dão um bocado de trabalho, posso lhe garantir. Eu trabalhava em uma enfermaria pediátrica. Não sei como podia cuidar de 24 pequenos pacientes se não consigo cuidar das minhas duas. Felizmente, meu marido é louco pelas filhas e me ajuda um pouco quando está em casa. É por isso que venho visitar Alex quando Andreas está fora. Não consigo me virar sozinha. Patético.

– Elas são lindas – disse Jenny em um tom melancólico, pensando na sorte daquelas duas crianças de terem pais que se adoravam. Daisy jamais teria isso.

– As duas são terrivelmente mimadas – admitiu Libby, sorrindo com indulgência. – Andreas é grego e adora suas meninas. Das quais eu faço parte, graças a Deus.

Jenny sorriu. Podia imaginar. Libby era a mulher mais feminina que já conhecera e tão borbulhante que seria capaz de molhar o tapete com sua efervescência.

– Mas conte-me tudo sobre você e Alex – Os olhos de Libby brilharam maliciosos.

Jenny ficou tensa.

– Não há nada para contar.

– Ah, vamos… – Libby retirou os sapatos e cruzou as pernas sobre a cadeira, completamente à vontade. – Meu irmão nunca convidou uma mulher para ficar em sua casa antes. Quero saber por que você é exceção.

Jenny mordeu o lábio.

– Não sou exatamente uma exceção. Você sabe… é…

– Isso não é da sua conta – soou uma voz profunda vinda da porta. – Pode parar, Elizabeth. – Seu tom continha uma forte nota de advertência, e Libby fez beicinho.

– Você é um grosso e não sei por que continuo vindo visitá-lo.

– Vem me visitar porque seu marido viajou e não quer que Athena faça essa bagunça na sua própria cozinha. – Alex entrou e parou em frente à sobrinha, franzindo a testa. – Eu gostaria que você parasse de usar minhas paredes para a prática de tiro ao alvo, madame.

Athena riu alegre e tentou alcançá-lo com as mãozinhas pegajosas.

– Lexth, lexth-cuggle.

Alex se inclinou e beijou a cabeça da menina, mantendo uma distância segura de suas mãos gordinhas.

– Nunca abraço minhas mulheres quando estão sujas de molho de tomate. Depois que sua mãe lhe der um banho nós nos abraçamos. – Ele se sentou ao lado de Zoe. – Olá, Zoe. Como tem passado?

– Bem, tio Alex. – A menina sorriu. – Podemos ir à praia?

– Claro. – Alex olhou para Libby e arqueou uma sobrancelha. – Você não se importa?

Ela sorriu.

– Claro que não. Vamos todos juntos. Ou isso é um problema para Daisy?

– Daisy ama praia – disse Jenny depressa. – Ela come areia.

– Todas as crianças fazem isso nessa idade – comentou Libby com ares de experiente, e Alex revirou os olhos.

– Athena ainda come. Na verdade, essa menina come tudo o que vê pela frente.

Jenny se ergueu.

– Vou preparar uma mamadeira para Daisy e aquecer a comida dela em um instante. – Ela se movimentava em torno da cozinha, preparando o que precisava, limpando tudo que sujava.

Libby se ergueu da cadeira e pegou Athena no colo.

– Oh, eca. Gostaria de saber se você realmente comeu alguma coisa. A maior parte parece estar grudada nas suas perninhas.

– A pontaria dela é desanimadora – disse Alex em um tom suave, observando a comida espalhada pelo chão e pelas paredes. – Ela não faz a mínima ideia de onde fica a própria boca.

Libby riu e pegou um pano para limpar o rosto e as mãos da pequena Athena.

– Mas quando é chocolate ela nunca erra o alvo.

– Por que será que isso não me surpreende? – Alex revirou os olhos e caminhou até a geladeira para pegar uma cerveja. Então olhou para Jenny, com um olhar levemente cínico.

Ela corou e deu um sorriso tímido. Sabia que ele a estava desafiando a repreendê-lo por beber, mas não tinha intenção de fazer tal coisa. Em vez disso, estendeu a mão para pegar as garrafas de cerveja.

– Pode colocar estas na sacola de Daisy – disse em um tom calmo, e ele esboçou um sorriso relutante.

– Coloque uma para mim também – pediu Libby, virando Athena para verificar que não havia mais respingos de molho de tomate. – Pronto, você está limpa.

– Limpa? – Alex deu uma olhada na sobrinha e arqueou uma sobrancelha. – Está falando sério? Chama isso de limpo?

– É limpo para Athena, tio Alex – Zoe proferiu em um tom de voz solene.

Ele riu e ergueu-a nos braços.

– Suponho que sim, querida. E então, o que vamos fazer na praia?

– Podemos andar nos penhascos e visitar as cavernas?

Ele assentiu.

– Para mim está ótimo.

Abraçou a menina, e Jenny os observou com um nó se formando na garganta.

Como Alex podia pensar que não seria um bom pai? Era tão adorável com as sobrinhas. Seria um pai maravilhoso para Daisy. Porém, estava determinado a negar que ela era sua filha. Jenny lembrou-se do comentário que ele fizera sobre contatar seu advogado naquele dia para saber se havia alguma novidade.

Pelo visto não havia ou ele teria mencionado.

Por outro lado, dificilmente poderia ter tocado nesse assunto no hospital e não estava em condições de falar agora porque Libby estava hospedada lá.

Jenny trocou Daisy depressa, imaginando como ele reagiria quando o advogado confirmasse que havia uma grande possibilidade de ele ser pai do bebê.

Ela teria de ir embora, é claro. Não havia maneira de continuarem vivendo juntos.

Teriam de chegar a algum acordo pelo qual ele pudesse ver Daisy regularmente.

E, quanto a ela, bem, só o veria de modo ocasional.

Jenny sentiu como se um pesado pedaço de chumbo tivesse assentado em seu estômago. O pensamento de deixar Alex a angustiava mais do que ela podia imaginar.

Ao chegar ali, repudiava-o como um playboy superficial, mas a verdade era que não havia nada de superficial em Alex.

Absolutamente nada. Ele era bastante complexo. Na superfície, sofisticado e independente, o protótipo do Senhor Frieza, um homem que possuía um lado indômito que lhe rendera a fama de perverso. Mas em seu interior havia muito mais. Possuía um cérebro brilhante, um aguçado senso de humor e uma grande capacidade de se dedicar às pessoas com problemas. Não tinha muita paciência com aproveitadores e com a imprensa, mas quem poderia culpá-lo por isso?

Até o fato de ser mulherengo era compreensível. Alex era um homem incrivelmente belo, nascido em uma das famílias mais ricas da Grã-Bretanha. Não era de admirar que tivesse inúmeras namoradas.

Entretanto nunca firmara compromisso com nenhuma delas, lembrou-se melancólica.

Esse era um aspecto de sua personalidade que ela não conseguia entender.

Apesar de seus comentários cáusticos sobre ter filhos, demonstrava ter muito jeito com as crianças.

Então, por que nunca se casara?

A DESPEITO do fato de a tarde estar chegando ao fim, a praia continuava lotada e eles se sentaram em um local próximo às cavernas, que Zoe estava ansiosa para explorar.

Libby acomodou-se na areia com Athena e deixou a criança brincar com uma pá e um baldinho enquanto Jenny aconchegava Daisy no colo e lhe dava uma mamadeira.

Alex deu a mão a Zoe e ambos entraram em uma das cavernas.

– Sabe, eu e Katy sempre dissemos que Alex acabaria com uma mulher *mignon* e morena. Não, não coma areia, querida. – Libby se inclinou para limpar a areia da boca de Athena. – Eca. Incrível, não é? O jantar vai parar em qualquer lugar menos perto da sua boca, mas a areia vai para o lugar certinho. Cavar, Athena. Cavar. Não comer. Ele sempre namora loiras.

Jenny tentou não se preocupar com o comentário.

– Libby, não estamos namorando… nós…

– Bem, há algo acontecendo. Conheço Alex há 34 anos e nunca soube que ele protegesse uma mulher do jeito que ele a protege. Ao menor sinal de uma situação desconfortável, ele mergulha e a salva.

Jenny franziu a testa. É mesmo? Ela nunca havia reparado nisso.

– Na verdade, nós não…

– Jenny – O tom de Libby pareceu paciente. – Posso ver que você está apaixonada por ele. Seus olhos brilham toda vez que o vê.

Jenny a fitou chocada. Seu primeiro instinto foi negar, mas, em seguida, percebeu impotente que não havia nenhum propósito nisso, e, além do mais, sua principal preocupação não era Libby.

– Você acha que seu irmão sabe? – proferiu, olhando para a caverna, certificando-se de que Alex não estava ao alcance de sua voz.

Libby parecia surpresa.

– Não sei. Talvez. As mulheres sempre se apaixonam por ele, logo acho que Alex já espera por isso. Mas qual é o problema? Ele é claramente louco por você também.

Louco por *ela*?

Jenny negou com a cabeça.

– Não. Não é. Não é bem assim.

Era verdade que Alex parecia atraído por ela, por algum motivo, mas não se iludiria pensando que havia algo mais além do valor da novidade.

Libby limpou mais um pouco de areia do rosto de Athena, mas seus olhos estavam em Jenny.

– Por que não me conta o que está acontecendo?

Era bastante tentador confiar em alguém que o conhecia bem, mas Jenny sacudiu a cabeça em uma negativa.

O assunto sobre Daisy era entre ela e Alex e não se sentia confortável em compartilhá-lo com mais ninguém, até ele resolver reconhecer a sua responsabilidade sobre a criança. E quanto à outra questão, o relacionamento dela com Alex… Bem não havia nada acontecendo.

*Infelizmente*.

Libby a fitava com um olhar compreensivo.

– Bem, se serve de consolo, ele parece tratá-la de forma diferente de todas as outras mulheres que já teve.

Jenny se concentrou em Daisy, não querendo pensar sobre as outras mulheres que passaram pela vida de Alex. Era muito dolorido.

Daisy terminou a mamadeira e Jenny e Libby conversaram sobre assuntos triviais, até Alex voltar com uma excitada Zoe.

– Mamãe, entramos na caverna e estava muito escuro lá dentro – disse a menina. – Tio Alex ficou com medo, e eu precisei segurar a mão dele.

Libby riu. Então exalou um suspiro assustado e levou a mão ao pescoço, para espantar uma enorme abelha que havia pousado em sua pele. Seu rosto empalideceu e ela se ergueu, com uma expressão de puro pânico ao olhar para o irmão.

– Alex, fui picada.

Alex estava ao lado dela no segundo seguinte, sua expressão sombria.

– Jenny, chame o resgate aéreo *agora*! Diga-lhes que temos um caso de choque anafilático. – Ele segurou a irmã pelos ombros e olhou para ela, com um tom de urgência. – Onde? Onde a abelha a picou?

Por um momento, Jenny permaneceu imóvel, sem compreender, a seguir procurou o celular na bolsa e discou o número da emergência. Não fazia ideia do que estava acontecendo, mas sabia que não devia duvidar do que Alex dissesse. Se ele achava que havia necessidade do resgate aéreo, é por que havia necessidade.

Quando colocou o telefone de volta na bolsa, Zoe segurou a mão dela, com os olhos aterrorizados.

– Mamãe é alérgica a abelhas – murmurou, sua vozinha trêmula.

Alérgica a abelhas? Jenny olhou para Alex, horrorizada, mas toda a atenção dele estava voltada para a irmã.

– Onde foi a picada, Lib?

– No pescoço. – Libby estava pálida e Alex inclinou a cabeça para lhe examinar a pele.

– Estou vendo. O ferrão ainda está lá.

– Tire-o! Alex, Tire-o! – Libby estava ofegante agora e Alex tateou o ferrão com o dedo até que por fim conseguiu removê-lo.

– Tirei. Diga-me que trouxe uma ampola de adrenalina na bolsa – disse ele com os dentes cerrados.

Libby assentiu, levando a mão à garganta, os olhos arregalados, tomados pelo pânico.

– Está começando. Eu posso sentir. Não consigo respirar, Alex. Oh, não, não *consigo respirar*.

Libby começou a ofegar e a soluçar, agarrando-o com a mão livre. Ele segurou-lhe os braços e deitou-a suavemente sobre a esteira.

– Está tudo bem, criança, eu estou aqui. – A voz soava sólida e reconfortante, mas Jenny notou que sua mão tremia ao estender o braço para pegar a bolsa de Libby. Com a mandíbula rígida, ele esvaziou o conteúdo da bolsa sem a menor cerimônia sobre a esteira. – Você vai ficar bem, querida. Tente não entrar em pânico.

– Minha garganta… – A voz de Libby soou estridente enquanto agarrava os ombros do irmão.

– Está tudo bem, estou aqui, querida. Jenny, encontre a adrenalina – rosnou ele. – Depressa!

A gravidade do cenário causou-lhe um verdadeiro pânico, Jenny caiu de joelhos e vasculhou o conteúdo da bolsa de Libby, suas mãos tremiam tanto que não conseguia segurar nada. Parecia haver milhares de diferentes tipos de batons, blocos de anotações, inúmeras embalagens de chocolate, mas, por fim, seus dedos se fecharam em torno de uma seringa pré-carregada de adrenalina.

Libby estava ofegante, e seu rosto inchara rapidamente. Ela agarrou o irmão, os olhos aterrorizados ao olhar para ele desesperada.

– Não me deixe morrer! Não me deixe morrer, Alex.

– Você não vai morrer, criança – Alex acalmou-a, estalando os dedos na direção de Jenny em uma tentativa de apressá-la.

Apavorada, Jenny entregou-lhe a seringa, e ele prendeu a respiração, injetando o conteúdo da seringa na coxa da irmã, sem um segundo de hesitação.

– Você não vai morrer, Libby. Prometo que você não vai morrer.

Jenny observava tudo em silêncio, imóvel, em estado de choque. Apenas alguns minutos atrás, as duas estavam conversando alegremente e agora Libby lutava por sua respiração.

Em todos os seus anos como enfermeira no setor de emergência, nunca vira alguém ficar tão mal em tão pouco tempo. Era um pesadelo de grandes proporções e ela não precisa ver o rosto pálido de Alex para saber o quanto era grave o estado da irmã dele.

– Tio Alex...? – A voz de Zoe soou trêmula. – O que está acontecendo com a mamãe?

Jenny soltou um suspiro e tomou a menina nos braços. Na urgência da situação, haviam esquecido das crianças.

– Mamãe vai ficar bem, meu anjo – disse Alex em um tom firme, dando um breve sorriso à sobrinha, antes de transferir o olhar para Jenny. – Leve as crianças embora daqui. – Sua voz soou extraordinariamente calma. – Peça àquela família lá na frente para cuidar delas por um minuto e volte para cá. Vou precisar da sua ajuda.

Jenny fez o que ele ordenou. Tinha as palmas das mãos úmidas enquanto conduzia as crianças para a família sentada a alguns metros deles na praia.

Zoe estava tentando fazer mais perguntas, mas, por sorte, a outra família percebeu o problema e assumiu, reconfortando e distraindo a menina.

No momento em que Jenny voltou apressada para junto de Alex, Libby estava quase inconsciente. Os lábios haviam adquirido um tom azulado, e ela mal conseguia respirar.

Alex estava tentando tranquilizá-la, mas Jenny podia ver a tensão em seus ombros largos.

– A adrenalina não fez efeito e não tenho outra ampola aqui comigo, só em casa. Ela está inchando rápido demais – murmurou, passando os dedos longos pelos cabelos da irmã, em um gesto de frustração. – Olhe o conteúdo da bolsa outra vez e veja se consegue encontrar hidrocortisona. Eu disse a Lib para nunca deixar de carregar esses dois medicamentos com ela.

Desesperada, esperando que Libby tivesse seguido o conselho do irmão, Jenny colocou os batons, os espelhos e esmaltes de unhas de lado e encontrou uma ampola de hidrocortisona e uma seringa.

– Achei!

– Encha a seringa – Alex ordenou, lutando para manter as vias aéreas de Libby desobstruídas.

Jenny fez o que ele pediu e lhe entregou a seringa.

– Não posso parar o que estou fazendo. Você terá de aplicar. Ela sempre carrega um torniquete na bolsa. Coloque-o no braço e encontre uma veia. Quero que aplique por

via intravenosa. Onde diabos está esse helicóptero que não aparece?

Jenny não discutiu, mas de repente sentiu medo de não ser capaz de fazer o que ele pediu. Trabalhar em um setor de emergência bem equipado era muito diferente de prestar primeiros socorros em uma praia.

Em especial quando a vítima era uma pessoa conhecida.

Suas mãos tremiam, e ela se sentiu nauseada.

Apertou o torniquete, consciente do som de um helicóptero soando a distância. Àquela altura, já havia uma pequena multidão ao redor e Alex estava dando instruções.

– Façam um "X" na areia para que eles possam pousar e afastem-se todos! Depressa!

Jenny se concentrou no braço de Libby.

– Esta aqui parece ser uma boa veia.

*Deus, faça com que seja uma boa veia.*

– Vá em frente. Não a perca. – Alex ergueu o rosto e fitou-a nos olhos, dando-lhe coragem. – Boa menina. Você consegue fazê-lo.

Jenny engoliu seco, desinfetou a pele de Libby e pegou a seringa. No segundo seguinte, inseriu a agulha, sentiu a pele ceder e estava na veia.

– Maravilha! – Alex ainda a estava observando. – Agora injete o líquido um pouco mais rápido.

Quando Jenny removeu a seringa, os socorristas estavam se aproximando com o oxigênio.

Alex cobriu a boca e o nariz de Libby com a máscara.

– Tragam um pouco mais de adrenalina – ordenou depressa. – Apliquei uma dose, mas não surtiu efeito algum. Quero tentar um pouco mais. – Ele voltou sua atenção para a irmã, acariciando-lhe os cabelos, falando suavemente com ela, enquanto mantinha suas comprometidas vias aéreas desobstruídas. – Se isso não funcionar, terei de entubá-la.

Alex praguejou baixinho, a tensão era visível em seu rosto bonito, e Jenny o fitou, totalmente impotente para ajudar enquanto os socorristas lhe entregavam uma seringa.

Ele deu outra injeção de adrenalina em Libby.

– Vamos lá, querida – disse em um tom calmo, descartando a seringa vazia e afastando os cabelos loiros da irmã para longe da testa com a mão não muito firme.

Como que em resposta à sua voz, os olhos de Libby se abriram, e ela começou a vomitar. Alex soltou um suspiro e de imediato a virou de lado.

– Boa menina. Você vai ficar bem. Estou aqui, querida. Estou aqui.

Ouvindo o tremor na voz dele, normalmente tão segura, Jenny sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Se alguma vez duvidara de que Alex era capaz de amar, essas

dúvidas desapareceram naquele momento. Seu amor pela irmã era evidente aos olhos de todos.

Ele olhou para os socorristas, o rosto pálido.

– Vou com vocês, e precisamos estar preparados para entubá-la. Podem ligar com antecedência e avisar à unidade que estamos transportando um grave caso de choque anafilático causado por uma picada de abelha?

Alex voltou sua atenção para Libby, que parecia estar melhorando a cada minuto. O inchaço em torno da boca e língua reduzira um pouco e, por fim, parecia estar ciente do que estava acontecendo.

– Alex…

– Você vai ficar bem, querida – disse ele com a voz rouca, esfregando o queixo áspero. – Você vai ficar bem. O que é mais do que pode ser dito ao restante de nós. Você nos pregou o maior susto de nossas vidas. Faça isso de novo, e eu mesmo vou matá-la.

Contudo, Alex segurou a mão da irmã com força, e a profundidade do seu amor estampou-se em seus olhos ao fitá-la com atenção, verificando se suas condições físicas continuavam a melhorar.

Aparentava estar totalmente esgotado, o que não era surpresa. Tratar uma emergência médica em uma praia pública era uma tarefa estressante o suficiente sem que a paciente fosse uma irmã que ele adorava.

Libby ficou calada por um momento e, em seguida, tentou voltar a falar.

– As meninas…

– Vou tomar conta delas – disse Jenny depressa, colocando a mão no ombro de Alex, num gesto de solidariedade. – Ficarei com as crianças o tempo que vocês precisarem.

Pelo menos ela poderia fazer isso. Gostaria de poder fazer mais. Qualquer coisa para aliviar a tensão nos ombros de Alex.

Os socorristas estavam de volta com uma maca, e Jenny se afastou para o lado enquanto eles se preparavam para erguer Libby.

– Preciso ir com ela – disse Alex, os olhos ainda sobre a irmã.

Jenny assentiu.

– Claro. Fique o tempo que precisar.

– Vou ligar para o Andreas do hospital. – Ele se virou para ela com um sorriso sem graça. – Vou largá-la aqui com três crianças, Chapeuzinho Vermelho.

Jenny esboçou um sorriso tranquilo.

– Posso lidar com três crianças.

– Athena não é fácil.

– Eu dou conta. Preocupe-se apenas com Libby.

– Está bem. – Ele soltou um suspiro e depois meneou a cabeça lentamente. – Obrigado, Jenny.

– Não é necessário agradecer – murmurou ela, mas Alex já havia voltado sua atenção para Libby, verificando suas vias aéreas, conversando com ela, tranquilizando-a enquanto a levavam da areia até o helicóptero que os aguardava.

Assim que decolaram, a multidão se dispersou, e Jenny agradeceu à família que tomara conta das três crianças.

– Mamãe vai morrer? – Zoe fitou-a com seus enormes olhos, o lábio inferior tremendo.

– Não, querida. – Jenny inclinou-se para abraçá-la, sentindo os olhos ardendo com as próprias lágrimas. Fora uma experiência horrível, assustadora para todos, principalmente para as crianças. – Tio Alex já conseguiu que ela melhorasse. Eles a estão levando ao hospital apenas para lhe dar mais remédio.

E para estarem preparados se ela tivesse uma recaída. Oh, Deus…

Zoe assentiu solene.

– Tio Alex é muito inteligente. Mamãe e papai me disseram. Ele nunca deixaria a mamãe morrer.

Jenny enxugou as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Não queria nem pensar na possibilidade de Libby morrer, mas sabia o quão perto ela chegara disso.

Ciente de sua responsabilidade para com as filhas de Libby, fez um enorme esforço e conseguiu o que esperava ser um sorriso relativamente normal.

– Ele é inteligente. Muito inteligente. Então, que tal irmos para casa e brincar na banheira?

# *Capítulo 9*

ERAM DUAS da manhã, quando Alex finalmente chegou em casa.

As crianças dormiam juntas no mesmo quarto, e Jenny estava deitada em sua cama, lendo.

Ao ouvir passos na escada, largou o livro e prendeu a respiração. Estava aflita por notícias, mas não queria ligar para o hospital e perturbar Alex, então se forçou a ter paciência.

Alex parou na entrada do quarto dela, seus ombros largos preenchendo todo o vão da porta.

– Pensei que você estivesse dormindo.

– Estava muito preocupada com Libby – confessou trêmula – e queria ficar acordada para ouvir as crianças. Particularmente Zoe. Ela já tem idade suficiente para entender que a mãe está mal. Conversamos sobre isso e acho que consegui tranquilizá-la, mas fiquei preocupada que a menina pudesse acordar e sair à procura de Libby.

Os olhos azuis de Alex exibiam um estranho brilho na penumbra.

– Você é uma boa pessoa, Chapeuzinho Vermelho.

Jenny meneou a cabeça.

– Eu me senti uma inútil lá fora na praia.

– Você não foi inútil – discordou ele com a voz rouca. – Fez um ótimo trabalho.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Foi tão horrível.

Alex estendeu os braços, e ela se atirou neles, sentindo o calor reconfortante e a rigidez de seu peito musculoso de encontro ao rosto.

– Como ela está?

– Fora de perigo, espero.

Jenny ergueu a cabeça e mesmo sob a luz tênue pôde ver a evidência de estresse nas belas feições de Alex. Levando em conta o quanto ficara debilitado com a gripe, apenas alguns dias antes, era surpreendente que ainda estivesse de pé.

– Vamos mantê-la no hospital por 24 horas pelo menos, porque algumas pessoas apresentam sintomas tardios, e não quero correr o risco. Andreas já está voltando. Deve chegar aqui amanhã de manhã.

Jenny mordeu o lábio.

– Você salvou a vida dela.

Alex deu uma risada sem humor.

– Infelizmente, não é a primeira vez. Isso já aconteceu antes, em uma das detestáveis festas no jardim da casa dos meus pais. Nenhum de nós sabia que ela era alérgica a picadas de abelha antes disso. Ela entrou em colapso e, é claro, não tínhamos nada para socorrê-la. Nenhuma adrenalina. Nada. Sua sobrevivência foi quase um milagre.

– Desde então ela passou a ter sempre uma ampola de adrenalina por perto?

Alex assentiu.

– Graças a Deus. Embora, terei de aconselhá-la a carregar mais de uma ampola.

Jenny ergueu a mão e tocou-lhe o rosto com delicadeza.

– Deve estar se sentindo exausto depois disso. Não posso imaginar o que passou vendo sua irmã naquele estado.

– Foi traumático – murmurou, cansado, e ela deu de ombros impotente.

– Posso pegar alguma coisa? Um uísque?

Apesar da tensão óbvia, ele deu uma risada suave.

– Está realmente se oferecendo para me servir um uísque?

Jenny curvou os lábios em um sorriso hesitante.

– Acho que você precisa relaxar. Se o gosto não fosse tão horrível, eu o acompanharia.

Os olhos azuis de Alex fitaram-na com intensidade.

– E se eu preferir um dos seus outros métodos de relaxamento?

Jenny prendeu a respiração diante do brilho no olhar dele e sentiu as pernas oscilarem.

– Qual o método que tem em mente?

Alex hesitou por um longo momento. Então emitiu um gemido rouco e correu os dedos pelos cabelos dela, trazendo-a para bem junto do seu corpo musculoso.

Mais uma vez ela prendeu a respiração, sofrendo com antecipação, enquanto esperava que ele a beijasse, mas Alex apenas a fitou, com uma expressão inescrutável.

– Você é um amor de pessoa – murmurou ele com a voz rouca – e eu sou totalmente errado para você.

Jenny sentiu o sangue latejando nos ouvidos e o fogo do desejo se espalhando em suas entranhas.

– Você não é errado para mim.

Alex afastou-lhe os cabelos do rosto, devorando-a com o olhar.

– Não posso lhe prometer um relacionamento.

– Eu sei disso.

A respiração dele soava instável.

– Então, por que não foge?

– Porque eu o amo – respondeu sucinta.

Ele fechou os olhos e soltou um gemido.

– *Jenny…*

– Tudo bem – murmurou ela. – Não estou lhe pedindo nada. Só queria ser honesta com você. Sei que você não me ama. E não espero isso também.

De repente, Jenny não se importava mais sobre o relacionamento dele com Chloe. Estar com Alex lhe parecia totalmente certo.

Naquela noite, pelo menos, estavam destinados a ficar juntos.

Alex abriu os olhos e envolveu-lhe o rosto com as mãos.

– Você não sabe o que está dizendo.

– Ah, sei sim. – Ela deu um sorriso tímido. – Sei exatamente o que estou dizendo.

Com a respiração acelerada, Alex encostou a testa à dela. Jenny podia sentir a carícia provocante de seus dedos firmes através do tecido fino da camiseta e o calor do corpo poderoso pressionado de encontro ao seu. A emoção era tão intensa que ameaçava afogá-la.

– As crianças…

– Athena e Zoe têm um sono pesado – murmurou ele, inspirando o seu perfume, enquanto lhe beijava o pescoço.

– Alex… – Ela sussurrou seu nome e ergueu as mãos, temendo que as pernas não a suportassem por mais tempo. Mas, felizmente, não foi necessário. Ele a ergueu nos braços e a levou para o quarto, deitando-a com suavidade sobre a cama, antes de cobri-la com o corpo.

Era todo poder e músculos, e Jenny sentiu o coração bater de modo incontrolável enquanto apoiava as mãos sobre os braços dele em um gesto de pura rendição feminina.

Sem conseguir desviar o olhar daquele rosto bonito, cravou os dedos nos contornos de seu bíceps, esperando, querendo, e, por fim, Alex inclinou a cabeça e beijou-a.

A princípio, apenas lhe tocou a boca com delicadeza, a língua traçando o contorno dos lábios, até ela entreabri-los com um suspiro de prazer. Então, investiu mais fundo, explorando-a com uma impetuosidade que a deixou trêmula. Por fim, Alex afastou-se tempo suficiente para se livrar das próprias roupas e, em seguida, ela sentiu a palma macia da mão dele erguendo-lhe a camiseta. Com um movimento rápido, despiu-a da cintura para cima e acariciou seus seios, provocando-lhe os mamilos, até ela sentir um calor úmido entre as coxas.

Alex afastou a boca e Jenny captou o brilho em seus olhos, antes de ele se mover ligeiramente, de modo a lhe contemplar os seios.

– Meus seios são pequenos demais. – A voz era quase um sussurro.

Ele ergueu a cabeça, fitando-a com um olhar ardente.

– Você é simplesmente linda – murmurou com a voz rouca. – Jamais acredite no contrário. Tem seios lindos.

Jenny ficou imóvel, paralisada pela expressão que viu no olhar dele. Alex estava falando sério. E a constatação a fez se sentir mais feminina do que nunca.

Então, ele baixou a cabeça e uma onda de calor incendiou o ventre dela. Com um movimento de sua língua hábil, excitou-lhe o mamilo, enquanto seus dedos brincavam com o outro. A reação de Jenny foi instantânea, movendo os quadris contra os lençóis, em um esforço desesperado para aliviar a pressão que crescia em sua pélvis. O desejo era tão intenso que ela pensou que fosse explodir, e talvez ele tivesse percebido, porque cessou o movimento com a língua e envolveu-lhe o mamilo com o calor úmido de sua boca.

Jenny ardia de desejo. Contorcia-se e gemia embaixo do corpo dele, agarrando-lhe os cabelos escuros em um desespero febril.

– Alex…

Ele ergueu a cabeça, os olhos azuis com um brilho feroz.

– Nunca mais diga que não é atraente – murmurou, seu polegar lentamente traçando o contorno do mamilo úmido e túrgido. – Você é incrível. E muito sensual.

Jenny mal conseguia respirar.

– Alex, por favor…

– Por favor, o quê?

– Preciso que você… – Ela fez uma pausa, incapaz de acreditar que estava sendo tão descarada. – Por favor, toque-me, por favor…

Alex se moveu de modo a fitá-la nos olhos. Devagar, escorregou a mão ao longo da carne aquecida, removendo a barreira de sua calcinha. Então, pousou os dedos sobre os cachos escuros que protegiam o coração de sua feminilidade.

– É isto que você quer?

Desta vez, em vez de tentar impedi-lo, Jenny arqueou em sua direção, estimulando-o, o corpo inteiro implorando por seu toque.

Com o olhar preso ao dela, aumentando a intimidade, Alex apartou-lhe as pernas e a acariciou no ponto certo, com seus longos dedos.

Jenny ofegou, apertando-lhe os músculos poderosos dos ombros, incapaz de desviar o olhar do desejo sexual primitivo que brilhava naqueles olhos azuis.

O olhar de Alex despiu-a, tanto física quanto emocionalmente, e a percepção de que não havia barreiras entre eles a deixou inebriada.

Era incrível, mas ela não sentia nenhuma timidez, apenas um desejo pecaminoso de conhecer aquele homem em todos os sentidos possíveis.

Com as pontas dos dedos, afagou o emaranhado de pelos escuros que lhe cobriam o peito, traçando o seu curso, pela carne em brasa, até alcançar o latejante calor do seu membro excitado.

Alex soltou um gemido rouco. Ela o tocou como nunca havia tocado um homem antes, intrigada com a sedosidade morna que latejava em sua mão. Explorou-o com delicadeza, os olhos ainda fixos nos dele, o sangue latejando nas veias, enquanto se familiarizava com seu poder e masculinidade.

– Jenny, não posso… – Ele se afastou com a respiração acelerada. – Você tem de me dar um minuto.

– Não! – Ela protestou, enroscando as pernas ao redor do quadril dele, em um convite explícito.

Alex conseguiu se afastar.

– Ainda não. Você não está pronta.

Não estava pronta?

Como poderia ficar ainda mais pronta?

Emitiu um soluço de frustração, desesperada arqueando os quadris em direção aos dele, mas Alex ignorou o movimento sedutor e deslizou para baixo, com a intenção de torturá-la um pouco mais.

Jenny pensou que o desejo havia sido capaz de acabar com sua timidez, mas ao sentir o toque frio da língua dele no núcleo úmido do seu sexo, enrijeceu e tentou se afastar, mas ele a segurou firme no lugar, ignorando seus protestos chocados. Suas mãos mantinham-na imóvel, ele fazia o que queria, explorando-a da forma mais íntima possível, até que ela esqueceu a timidez, consumida por uma emoção mais potente e deliciosa do que qualquer coisa que pudesse ter imaginado.

Por fim, quando ela percebeu os espasmos irromperem em seu ventre, Alex ergueu-se e, tomando-lhe a boca com um beijo ardente, apoiou-se nos cotovelos.

– Enrosque as pernas em torno de mim – ordenou ele.

Jenny obedeceu, capturada por sensações totalmente fora de seu controle.

*Ia acontecer…*

*Finalmente, agora, ia acontecer…*

Alex hesitou por um breve instante, fitando-a nos olhos, e de repente Jenny temeu que ele mudasse de ideia outra vez, aterrorizado com o fato de ela não conseguir satisfazê-lo.

Pressionando os dedos nas costas dele, o impeliu para frente, trazendo-o para mais perto do seu calor feminino. Com a respiração ofegante, Alex deslizou um braço sob seus quadris e ergueu-a, posicionando-a para recebê-lo.

Jenny ficou tensa ao sentir a pressão do membro rígido de encontro à sua carne em chamas. Então, Alex penetrou-a com uma investida gentil, contendo-se por um instante para permitir que ela o acomodasse, antes de aprofundar sua posse. Ela sentiu o corpo se abrindo para ele, saboreando cada movimento, sentindo sua força pulsante enquanto o puxava para si.

Alex fez uma pausa, com a respiração instável, a testa brilhando de suor e fitou-a com seus olhos ferozes pela paixão contida.

– Eu a estou machucando?

Jenny fez que não com a cabeça e o atraiu mais para perto, recusando-se a reconhecer a pontada de dor que tentava invadir o crescente calor de sua excitação.

No entanto Alex parecia ter sentido a leve resistência do corpo feminino à invasão do seu sexo, porque xingou baixinho e afastou-lhe os cabelos úmidos do rosto com uma das mãos que estava longe de parecer estável.

– Relaxe, querida – pediu com a voz rouca, e ela fez o que ele pediu, hipnotizada pela expressão em seus olhos azuis. – Melhorou?

Jenny assentiu com a cabeça. Tudo o que sentia se refletia em seu olhar quando o fitava. Alex fechou os olhos e a penetrou mais fundo.

– Você é minha agora – gemeu com a voz rouca, cada movimento de seus quadris fazendo-o afundar mais, aumentando a deliciosa pressão. – Toda minha.

Ela também fechou os olhos.

Toda dele.

Jenny queria muito que fosse verdade e durante aquele extraordinário momento suspenso no tempo, rendeu-se à fantasia e se agarrou a ele, sentindo os pequenos espasmos se intensificarem dentro dela, enquanto Alex os levava ao ápice do prazer absoluto que pareceu durar uma eternidade.

Saciada e lânguida, segurou-se nos músculos lisos dos ombros dele, saboreando cada segundo daquela intimidade, sabendo que aquilo não poderia durar.

Como poderia?

Alex não ia querer que as crianças os encontrassem enroscados daquela maneira quando o fossem procurar pela manhã. Ela tampouco.

E, apesar das palavras de amor que ele proferira no auge da paixão, Jenny sabia que, para Alex, a noite fora apenas um oásis exuberante de prazer em um longo dia de estresse e ansiedade.

Ele rolou de costas, trazendo-a consigo, bem segura de encontro ao peito.

– Você é incrível. – Deslizou os dedos sob o queixo dela e forçou-a a encará-lo, sua expressão atordoada. – Jenny…

– Shh… – Ela o calou, pousando os dedos sobre os lábios dele, querendo detê-lo antes que ele dissesse algo que pudesse penetrar a bolha de felicidade que ainda florescia em seu peito. – Não vamos falar sobre isso agora.

Alex deu um sorriso totalmente másculo.

– Pensei que você fosse diferente – disse ele com a voz rouca, aconchegando-a de volta à curva do braço. – Uma mulher que não quer falar depois do sexo!

Jenny sentiu uma pequena pontada de decepção.

*Sexo.*

Claro, era tudo que aquilo significava para Alex. O que mais podia esperar, afinal? Que depois de desfrutar uma noite de paixão a seu lado, de repente ele descobrisse que todos aqueles anos evitando as mulheres tinham o propósito único de manter-se livre para *ela*?

Abraçou-o, desesperada para ficar com ele o máximo de tempo possível. Naquela noite, pelo menos, Alex seria seu. E se isso fosse tudo que pudesse ter, aproveitaria para saborear cada minuto.

JENNY ACORDOU sentindo-se confortável e protegida. Então, percebeu que ainda estava aconchegada ao peito de Alex, com as pernas e braços enroscados aos dele.

Virou a cabeça e olhou para o relógio. Cinco horas da manhã. Ainda era cedo para os adultos, mas não para as crianças, e havia três delas para cuidar.

Ciente de que não queria que elas a encontrassem na cama de Alex, afastou-se tentando não acordá-lo.

Pegou a camiseta descartada do chão e correu de volta para o próprio quarto.

Foi o tempo exato.

Em poucos minutos, ouviu Athena chorar e caminhou na ponta dos pés até o quarto para ver se conseguia acalmá-la outra vez.

Contudo a menina estava bem desperta e pronta para brincar. Seus gritos acordaram Daisy, que, de repente, parecia igualmente desperta.

Resignando-se a um início de manhã precoce, Jenny ergueu Daisy do berço e levou as duas crianças mais novas à sala de estar para brincarem.

Não queria que elas acordassem Alex.

Lembrando de quão pouco ele dormira na noite anterior, seu rosto corou. Ela exalou um suspiro melancólico.

Pensara que uma noite com Alex seria a coisa mais maravilhosa que poderia lhe acontecer, mas agora não tinha mais tanta certeza. Ele lhe ensinara mais sobre seu corpo em uma noite do que ela havia aprendido sozinha em 23 anos. Libertara uma parte dela que ela desconhecia e agora que estava livre não sabia como lidar com isso.

Sentia-se uma pessoa diferente, todo seu ser focado na parte feminina de si mesma que ele despertara com seu toque hábil.

Pela primeira vez na vida, se sentia uma mulher de verdade. Uma atraente mulher de carne e osso.

Agitada e tensa depois de tudo o que havia acontecido, levou as crianças para a cozinha, colocou Daisy na cadeira infantil e permitiu que Athena a ajudasse a fazer os bolinhos.

Subiu apressada ao andar de cima uma vez para verificar Zoe e encontrou-a aconchegada ao peito de Alex, ambos dormindo.

Jenny os fitou e sentiu o coração apertar.

Se Alex de fato pensava que seria um péssimo pai, estava redondamente enganado.

Seria um pai fantástico.

Jenny desceu a escada devagar, deixando os dois dormindo, e eles, por fim, acordaram às 8h, bocejando e despenteados. Zoe ainda estava de pijama, e Alex havia colocado um jeans.

Com a barba por fazer e o peito nu, parecia incrivelmente atraente, e Jenny corou quando o viu olhar para ela.

Não tinha nenhuma experiência sobre as conversas do dia seguinte. Felizmente, a presença das crianças tornou tudo mais fácil.

– Athena e eu fizemos bolinhos – disse ela, em um tom jovial, e Alex olhou em volta da cozinha com um sorriso sarcástico.

– Estou vendo. Sobrou alguma massa para ir ao forno?

– Um pouquinho. – Jenny sorriu. – Ela acordou muito cedo, e eu queria mantê-la ocupada, de modo que ela não… Bem…

Alex assentiu para indicar que havia entendido que ela não queria que a menina sentisse falta da presença da mãe.

Então, abaixou-se para colocar Zoe em uma das cadeiras da cozinha e, em seguida, espreguiçou-se.

Os olhos de Jenny foram atraídos pela ondulação dos músculos em seus ombros. Alex tinha um corpo fantástico e só de lembrar o que ele a fizera sentir na cama, estremeceu de desejo.

De repente, se deu conta de cada dorzinha estranha que seu corpo apresentava.

Ele a fitou com intensidade.

– Você está bem?

Jenny sabia exatamente a que ele estava se referindo e o encarou com ousadia.

– Muito bem.

Nem por um momento, queria que ele pensasse que ela se arrependera pelo que havia acontecido entre eles.

Como poderia se arrepender de algo tão perfeito?

Havia uma expressão nos olhos de Alex que ela não conseguia interpretar.

– Ótimo. – Ele a estudou por mais alguns segundos e, então, estendeu a mão sobre a mesa para pegar um bolinho e colocar outro em um prato para Zoe. – Falei com Andreas. Ele chegou durante a madrugada e foi direto para o hospital.

Jenny verteu um pouco de leite para Zoe.

– Ele teve sorte de conseguir um voo tão depressa.

– A família dele tem um jato particular – disse Alex, em um tom tão casual, que a fez esvaziar como um balão cheio demais.

Ele mencionara o jato particular como se fosse algo muito natural. Se ela precisava de um lembrete sobre as diferenças de suas classes sociais, acabara de receber um.

O que estava fazendo com aquele homem?

Alex circulava em meios muito distantes do seu. Aquilo era ridículo. Seus caminhos jamais teriam se cruzado se não fosse por Chloe.

Entretanto, mesmo sabendo disso, não se arrependia do que acontecera na noite anterior.

Alheio à sua aflição, Alex bebeu uma caneca de café e ergueu-se.

– Vou voltar para o hospital. Você fica bem aqui com as crianças?

Jenny assentiu.

– Claro.

– Eu a vejo mais tarde, então. – Seus olhos encontraram os dela com uma clara promessa. Apesar de todos os esforços do seu cérebro para manter o bom senso, o coração de Jenny se agitou com entusiasmo. Alex com certeza estava lhe dizendo que a noite anterior não fora única para ele.

A felicidade borbulhou em seu peito. Seguiu-o com os olhos até ele sair da cozinha e tentou se concentrar no café da manhã das crianças.

– Por que você está sorrindo, Jenny? – A pergunta inocente de Zoe a fez morder o lábio com uma pontada de culpa.

A mãe dela se encontrava em um leito de hospital e ela ali sorrindo como uma idiota por causa de Alex.

– É sempre bom tentar sorrir, Zoe – disse baixinho, lembrando de todas as vezes que ela quase se esquecera como sorrir depois do nascimento de Daisy. – Quer um pouco mais de leite?

Zoe estendeu a caneca.

– Será que vou poder ver a mamãe hoje?

– Espero que sim. – Jenny verteu leite na caneca. – Seu pai chegou esta madrugada, logo virá vê-la, também.

– Papai? – O rosto da menina se iluminou com emoção, e ela bebeu o leite enquanto Athena atirava um bolinho meio comido no chão da cozinha.

PASSARAM UMA manhã tranquila em casa, brincando com brinquedos, desenhando, e, no meio da manhã, o telefone tocou no escritório de Alex.

Jenny hesitou. Deveria atender?

E se fosse Andreas, ligando do hospital?

Decidindo que não devia ignorar um telefonema com Libby naquele estado, certificou-se de que as crianças estavam entretidas e correu para o escritório de Alex.

O telefone parou de tocar no momento em que ela entrou e Jenny percebeu que estava chegando um fax.

Aliviada pela chamada não ter nada a ver com Libby, virou-se para sair do escritório, mas de repente reconheceu seu nome na margem superior do papel.

Sentindo-se vagamente desconfortável, pegou a primeira folha e viu o logo de um importante escritório de advocacia de Londres no papel timbrado, seguido por um título que continha o seu nome.

Com as mãos trêmulas, segurou a folha e leu o relatório que se seguia. Seu rosto empalideceu. Sentou-se em uma das cadeiras de Alex enquanto lia os detalhes das investigações do advogado.

Ainda estava olhando para o papel, horrorizada, quando Zoe abriu a porta e entrou no escritório.

– Daisy terminou o leite, e Athena derramou tinta no piso do tio Alex – disse a menina, inclinando a cabeça para um lado para fitá-la. – Você parece doente? Está doente?

Jenny lutou para recuperar a voz.

– Não, não estou doente – respondeu, erguendo-se com esforço e colocando os papéis sobre a mesa de Alex. – Estou bem.

Levando-se em consideração o fato de que acabara de descobrir que Alex não era o pai de Daisy. De acordo com o relatório, ele não havia feito nada além de dançar com a irmã dela naquela noite e Chloe deixara a festa com alguém completamente diferente. Alguém com quem ela havia passado a noite. Uma figura pública bastante conceituada, casado com uma bela mulher e tinha três filhos. Um homem cujo casamento era considerado um exemplo perfeito de vida familiar.

Não era de admirar que a irmã tivesse relutado em lhe dizer quem era o pai.

Jenny cobriu os olhos com as mãos, totalmente consumida pela enormidade da mentira de Chloe.

Agora sabia por que ela se recusara a dizer o nome do pai do bebê durante a gravidez. Porque expor aquele homem teria causado um enorme escândalo público, que prejudicaria a todos, inclusive Chloe e seu bebê ainda no ventre.

Jenny respirou fundo.

Aquele homem saberia sobre a criança? A irmã teria tentado entrar em contato com ele? Ou ele simplesmente lamentara o caso e lhe virara as costas?

Talvez jamais soubesse a resposta, mas de uma coisa tinha certeza, Alex Westerling não era o pai de Daisy.

Pensou em todas as acusações que lhe fizera e soltou um gemido de horror. Como podia ter dito todas aquelas coisas horríveis? E não satisfeita, ter se mudado para ali, forçado sua presença e a de Daisy naquela casa, atrapalhando a vida dele…

Jenny levou a mão à boca totalmente chocada com o próprio comportamento.

Como podia ter agido daquele modo?

Entretanto sabia a resposta, é claro. Acreditara em Chloe. E Chloe, sabendo da gravidade do seu estado, quis garantir uma proteção para Daisy. Instinto de mãe para proteger um filho.

No entanto, fossem quais fossem os motivos de Chloe, a verdade era que Alex não tinha nenhuma responsabilidade para com Daisy e não se iludiria pensando que ele sentia algo mais do que luxúria por *ela*.

Não havia dúvida de que ele ficaria feliz ao receber a carta do advogado.

– Jenny?

Percebendo que Zoe ainda a estava olhando com uma expressão preocupada em seu pequeno rosto, forçou-se e caminhar até a cozinha e cuidar das crianças no automático.

Já havia decidido o que fazer.

Iria embora dali.

Simplesmente não poderia encarar Alex. Mudara-se para aquela casa com um bebê que não era dele, lhe dissera coisas terríveis, acreditara que ele fosse capaz…

Jenny fechou os olhos e respirou fundo. Assim que Andreas chegasse do hospital, ela partiria. E Alex poderia voltar para sua vida de solteiro que valorizava tanto.

# *Capítulo 10*

ANDREAS CHEGOU por volta da hora do almoço, e as meninas se atiraram nos braços do pai com um indisfarçável prazer.

Jenny já havia embalado seus pertences no pequeno carro e deixado um bilhete para Alex. Rasgara seis versões. Seu cérebro recusava-se totalmente a produzir as palavras certas enquanto ela tentava se desculpar pelas coisas horríveis que lhe dissera. Como alguém podia se desculpar por errar tanto?

Por fim, desistira de tentar dizer o que se passava em seu coração e acabou deixando uma carta sucinta, de desculpas, que expunha os fatos, mas sem qualquer emoção.

E agora que Andreas havia chegado, ela podia partir.

A perspectiva a deixou completamente deprimida.

– Como está Libby?

– Bem melhor. – Andreas sorriu, e Jenny percebeu de imediato por que Libby se apaixonara por ele. Era um homem bastante carismático. – Esperamos levá-la para casa ainda esta manhã. Nesse meio tempo levarei as meninas ao hospital para vê-la. Ela está morrendo de saudades.

– Elas também estão sentindo muito a falta da mãe. – Jenny lhe deu um sorriso amarelo e Andreas a fitou com intensidade.

– Está tudo bem? – Seu sotaque grego de repente se tornou bastante acentuado. – Parece chateada com alguma coisa. As meninas deram muito trabalho?

Jenny fez uma rápida negativa com a cabeça.

– Elas foram maravilhosas. Eu as adoro.

Era a pura verdade. As meninas eram adoráveis e haviam caído de amores por Daisy, cuidando da criança como se ela fosse uma pequena boneca.

Andreas fitou-a com mais atenção.

– Mas algo a está incomodando, dá para notar. – Seu tom de voz soou incrivelmente suave. – Posso ajudar?

Jenny meneou a cabeça, não confiando em si mesma para falar. A bondade daquele homem foi a gota d'água. Ela realmente precisava ir embora dali.

– Fiz alguns *muffins* com gotas de chocolate para Libby – murmurou, correndo para a cozinha para que ele não visse as lágrimas que começavam a brotar em seus olhos. – Provavelmente, ela ainda não está bem para comê-los, mas eu queria lhe mandar alguma coisa.

– Se é chocolate, Libby vai adorar – disse Andreas. – Foi muito gentil da sua parte. Mas, Jenny…

– Tenho de dar uma olhada em Daisy – replicou depressa, e sem lhe dar a chance de dizer mais nada, entregou-lhe a lata com os bolinhos e deixou a sala.

ALEX VERIFICOU os monitores e olhou para a irmã.

– Parece tudo normal.

– Eu sei. Estiveram aqui uma centena de vezes para me examinar. – Libby o fitou com carinho e gratidão. – Não sei o que dizer, Alex…

– Diga que de agora em diante vai carregar duas ampolas de adrenalina na bolsa – murmurou ele, de volta à postura fria, agora que a irmã estava fora de perigo. – Uma não foi suficiente.

Libby fechou os olhos com a lembrança.

– Fiquei *tão* assustada. Lembro que…

– Não continue. Foi o pior momento da minha vida. – A voz de Alex de repente soou rouca. Ele se curvou para abraçar a irmã no momento em que Andreas entrou no quarto com as crianças.

Foi um encontro emocionante, e as meninas ignoraram totalmente o protocolo do hospital, subindo na cama para chegar à mãe.

Andreas puxou o cunhado para o lado.

– Eu conheci Jenny.

Alex sorriu.

– Maravilhosa, não é? Sem dúvida, devia estar cozinhando.

Andreas não retribuiu o sorriso.

– Já falou com ela hoje?

Alex franziu a testa, com os olhos na irmã.

– Sim. Brevemente esta manhã. Por quê?

– Ela parecia abalada com alguma coisa quando cheguei – respondeu Andreas em um tom de voz calmo. – Mas não quis falar a respeito.

Alex se virou, conferindo-lhe toda a sua atenção.

– Abalada?

– Com certeza não deve ser nada. – Andreas deu de ombros. – As crianças fizeram uma terrível bagunça, talvez seja por isso.

– Jenny não se preocupa com bagunça – respondeu lacônico. – E as crianças pequenas não a aborrecem. Na verdade, nunca vi nada aborrecê-la. – De repente, sentiu um poderoso sentimento de mau presságio. – Tem certeza de que parecia haver algo errado?

– Bem, não a conheço muito bem, é claro. Mas sim… – Andreas levantou um ombro largo – … eu diria que algo parecia muito errado. Ela parecia… deprimida.

*Deprimida*?

Depois da noite que haviam compartilhado, esperava que Jenny ficasse no mínimo feliz.

Contudo o que você realmente lhe deu ontem à noite?, incomodou uma vozinha interior enquanto ele lutava para dar sentido aos seus sentimentos. Não era o tipo de homem de dizer "eu te amo", mesmo em meio ao sexo mais ardente, e sabia que não havia dito aquelas palavras a Jenny. Mas ela não se importaria com isso. Se importaria?

Na verdade, ela até lhe dissera que não esperava um compromisso.

O que fazia dela a mulher perfeita.

Então, por que estava em pânico com medo de perdê-la?

Jamais se preocupara em perder uma mulher antes. Jamais.

Abalado por emoções que não conseguia compreender, Alex olhou para a irmã.

– Preciso ir para casa falar com Jenny. Eu a vejo mais tarde.

Libby afastou Athena, de modo a poder se concentrar no irmão.

– Ela o ama de verdade.

Alex ficou tenso, a consciência o atormentando pela primeira vez na vida.

Droga. Jamais deveria ter feito amor com Jenny. Mas fora tão perfeito…

De repente, sentiu como se e estivesse sendo sufocado e deixou o hospital às pressas.

Tinha um mau pressentimento.

Dirigiu a uma velocidade que teria horrorizado Jenny e, no minuto que parou em frente a sua casa, soube que Andreas estava certo. Havia algo muito errado.

O carro dela não estava lá.

Alex sequer se preocupou em bater a porta do motorista, correu para dentro, na esperança de encontrar alguma evidência de que a sua ausência fosse apenas temporária. Mas percebeu que não era e um rápido olhar nos quartos do andar de cima confirmou que ela havia levado todos os seus pertences.

Não era apenas o carro que não estava mais lá. Jenny também não. Verificou na cozinha e viu a carta deixada sobre a mesa.

Com as mãos trêmulas, rasgou o envelope e leu o conteúdo. Em seguida, caminhou até seu escritório para pegar o fax que ela mencionara.

Leu rapidamente, atentando para o fato de que não era o pai de Daisy. Então, deixou a folha cair sobre a mesa e proferiu uma série de palavrões que teriam horrorizado a sua irmã.

Devia se sentir aliviado por ter confirmado sua inocência, mas em vez disso sentiu uma estranha onda de pânico o atingir.

Jenny havia partido.

Partira porque seu advogado confirmara que ele não era o pai de Daisy.

E de repente ele percebeu o quanto desejava que aquilo fosse verdade.

Olhou ao redor, reconhecendo pela primeira vez o quanto Jenny mudara a sua vida no curto espaço de tempo desde que chegara ali. Preenchera todos os espaços vazios com seu calor e gentileza e transformara aquela casa em um lar. Não por seus dotes culinários ou a forma como cuidava dele e de Daisy, mas apenas por sua presença.

E ele não dava a mínima se Daisy era ou não sua filha. Queria as duas de volta em sua vida. Pela primeira vez conhecera uma mulher que não queria perder.

Alex deixou escapar um longo suspiro e percebeu que se perdesse Jenny e Daisy perderia tudo o que era importante para ele.

Sem se deter nem mais um minuto em seus sentimentos, voltou ao carro e acelerou a uma velocidade vertiginosa pela estrada que levava para fora da costa. Não sabia para onde Jenny fora, mas tinha a impressão de que ela devia ter pego aquela estrada e seu carro era muito mais rápido que o dela.

Com os ombros rígidos de tensão, trocava de marcha como um piloto de corridas, olhando impaciente ao longo de cada novo trecho de estrada, na esperança de ver o pequeno carro vermelho.

Entretanto não havia nada e começou a se perguntar se poderia estar errado sobre a direção que Jenny havia tomado.

Talvez ela tivesse ficado na aldeia ou optado por estradas secundárias.

Resmungando frustrado, estava prestes a pisar fundo no acelerador, mais uma vez, quando viu um flash vermelho à frente. Reduziu a velocidade dominado pelo horror.

O flash vermelho não estava na estrada. Havia um veículo tombado em uma vala e era o de Jenny.

Pisou no freio, e o carro parou cantando pneu.

– Jenny! – Sua voz estava rouca ao se aproximar do banco do motorista. – Jenny, querida!

Ela estava caída sobre o volante. Tinha os olhos fechados e o sangue escorrendo de um corte na cabeça.

Olhando para o banco de trás, Alex viu que Daisy ainda estava segura no assento infantil e chorava ruidosamente.

Parecia estar bem. Mas o mesmo não podia ser dito em relação a Jenny.

Com o pânico latejando nas veias pela segunda vez em 24 horas, pegou o telefone celular depressa e chamou uma ambulância, com a voz trêmula enquanto lhes passava sua localização, o tempo todo tentando abrir a porta que, com certeza, ficara presa com o acidente.

Ordenou-lhes para trazer uma equipe de bombeiros também. Então, tentou o outro lado do carro e conseguiu abrir a porta. Sentindo uma onda de alívio, sentou-se no banco do passageiro.

– Jenny. Jenny, é Alex. Fale comigo.

Tocando-lhe o pescoço, conferiu a pulsação, e, nesse instante, ouviu o som de uma sirene.

Verificou suas vias aéreas, certificando-se de que estavam desobstruídas e que ela estava respirando. Na sequência, fez uma rápida avaliação do restante dos ferimentos. Não parecia estar sangrando em qualquer outro ponto do corpo além do corte na cabeça, e ele podia ver seus pés e pernas.

Inclinando-se para o banco de trás, Alex fez um rápido exame na criança.

– Bem, pelo menos você está chorando, meu anjo. O que significa que está consciente – disse em voz baixa.

– Alex? – O rosto de um dos socorristas apareceu na janela e ele se virou aliviado.

– Mike, tire a menina daqui com cuidado. Acho que ela está bem, mas não posso ter certeza. Depois volte aqui com uma maca. Jenny pode ter ferido o pescoço.

De maneira alguma correria o risco de remover Jenny sem algum tipo de apoio para a coluna cervical.

No momento que a viatura dos bombeiros chegou, Jenny abriu os olhos.

– Jenny! – disse Alex emocionado e afagou-lhe a cabeça com suavidade. – Querida, você pode me ouvir?

Os olhos dela se fecharam de novo, e ele lutou contra o pânico que crescia em seu interior.

– Jenny!

Ela abriu os olhos de novo e olhou para ele.

– Daisy?

Alex soltou um gemido de alívio com a pergunta. Pelo menos ela podia se lembrar de algo sobre o que havia acontecido.

Era típico de Jenny que seu primeiro pensamento fosse para a criança.

– Daisy está bem e vamos tirar você deste carro em breve. Estamos apenas esperando a chegada da maca.

– Minha cabeça dói.

– Mais alguma coisa? Dói em outro lugar?

Seu tom era aflito e seguiu-se uma breve pausa enquanto ela refletia sobre a pergunta.

– Não. Acho que não.

A meia hora seguinte passou em um borrão de atividades frenéticas enquanto todos trabalhavam para retirar Jenny do carro. Por fim, ela estava na ambulância com Alex a seu lado.

– Ok, *vamos embora* – ordenou ele.

Jenny o fitou com o rosto machucado e desgastado.

– Não pode deixar o seu precioso carro no acostamento. Alguém pode roubá-lo.

– Não me importo com o meu carro. – Ele envolveu-lhe a mão com a dele. – Você se lembra do que aconteceu?

Jenny não parecia estar sofrendo de perda de memória, mas apresentava um ferimento na cabeça e ele queria se certificar.

– Lembro. – Ela fechou os olhos e depois voltou a abri-los. – Como sabia onde me encontrar?

Alex deu um sorriso sem graça.

– Sorte, eu acho. O que aconteceu? Por que bateu com o carro?

Jenny desviou o olhar.

– Não sei. Acho que não estava concentrada.

Ele apertou-lhe a mão com mais força.

– Certo. Não se preocupe com isso agora. A única coisa que importa é que vocês duas estão bem.

E, graças a Deus, pareciam estar mesmo.

Alex só queria levá-la para o hospital para verificar se não havia sofrido nenhum dano na coluna cervical.

– Alex, você recebeu a minha carta?

A mandíbula dele enrijeceu.

– Sim.

– Daisy não é sua filha. – Seus olhos se encheram de lágrimas. – Eu realmente acreditava que fosse. Sinto muito por todas as coisas que lhe disse.

Com o corpo tenso, Alex lutou contra o impulso de tomá-la nos braços e beijá-la feito louco. Mas não queria correr o risco de fazer seus ferimentos piorarem e mesmo assim havia um socorrista sentado na parte de trás com eles.

– Não podemos falar sobre isso agora – disse ele com a voz rouca, apertando-lhe a mão para tranquilizá-la. – Espere até lhe darmos alta e então teremos todo o tempo do mundo para conversar.

– Mas…

– Mais tarde – insistiu ele, olhando com impaciência através da janela. – Onde diabos estamos?

– Quase chegando – disse o socorrista em um tom de voz calmo. Pouco tempo depois, Alex reconheceu a entrada do hospital.

Queria chegar o mais rápido possível para que pudesse fazer um exame completo nas duas.

E então ele e Jenny teriam uma conversa séria.

JENNY ESTAVA na cama com Daisy em um berço ao seu lado.

– Eu realmente preciso ficar aqui mais um dia? – perguntou à enfermeira que estava verificando sua pressão arterial mais uma vez.

– Você sofreu um trauma significante na cabeça – a enfermeira a lembrou, anotando os resultados com um aceno de cabeça satisfeito. – Felizmente parece estar tudo bem, mas Alex nos matará se permitirmos que você mova um músculo sem que ele autorize.

Jenny deu um sorriso fraco.

– Ele é um autoritário.

– Esse sou eu. – Uma voz conhecida e máscula veio da porta. Alex entrou, tomou a prancheta das mãos da enfermeira e olhou para os monitores. – Como está se sentindo?

Jenny fez uma careta.

– Dor de cabeça, mas fora isso o restante está bem.

– Tem sentido náuseas?

Ela fez que não com a cabeça.

– Estou bem. Verdade.

– Bem, nós a estamos mantendo aqui por uma questão de segurança. – Ele revirou os olhos. – Com você e Libby, podemos praticamente encher uma enfermaria com a nossa família.

*Nossa família.*

As palavras lhe causaram uma dor tão intensa que Jenny fechou os olhos. Lembravam-na do quanto ela gostaria que aquilo fosse verdade.

Uma família.

Com Alex.

De alguma forma, se acostumara a viver com ele. Mesmo sabendo que jamais poderia haver nada permanente entre os dois, desempenhara o papel de forma tão convincente, pelo amor a Daisy, que agora achava difícil acordar daquele sonho.

Alex olhou para seu rosto ferido e virou-se para a enfermeira.

– Pode nos deixar a sós, por favor?

A mulher se afastou de imediato, fechando a porta ao sair.

– Muito bem. – Alex se sentou na cama, seu belo rosto inescrutável como sempre. – Está na hora de eu e você termos uma conversa.

– Sim. – Ela esboçou um sorriso, sabendo o que estava por vir. Ele queria um pedido de desculpas. – Não sei como me desculpar por tudo que lhe disse, por todas as coisas de que o acusei. Não há nada que eu possa dizer, exceto que estava tão errada sobre você.

– Apenas com respeito à paternidade de Daisy – disse Alex categórico, todos os traços de humor ausentes. – Mas estava certa quanto ao resto. Sou um bastardo egoísta e inconsequente.

Jenny olhou para ele assustada. Esperava que ele fosse recriminá-la e não a si mesmo.

– Não é verdade e você sabe disso – retrucou em voz baixa. – Você é muito generoso.

Um sorriso irônico curvou os lábios dele.

– Acho que você pintou uma imagem de Alex Westerling muito brilhante, querida.

Olhando para seus cabelos escuros, ligeiramente desalinhados, a mandíbula rígida e os olhos azuis sagazes, Jenny não conseguiu ver como qualquer imagem de Alex Westerling pudesse chegar perto de lhe fazer justiça, quanto mais ser muito brilhante.

– Você leu o fax?

Ela ainda estava se recuperando do choque com a descoberta da verdadeira paternidade de Daisy e Alex contraiu os lábios.

– Sim. – Ele deu um breve sorriso. – O que você vai fazer?

Jenny meneou a cabeça e virou-se para olhar Daisy que estava dormindo.

– Decidi não fazer nada.

– O pai é obrigado a lhe dar algum tipo de suporte.

Virando-se outra vez na direção dele, ela o fitou com um sorriso triste.

– Ele é casado e tem três filhos. O único suporte que poderia nos dar é o financeiro e eu não preciso. O que realmente quero para Daisy é um pai amoroso. Um homem bom na vida dela. Toda menina precisa disso.

Alex respirou fundo.

– Então não vai procurá-lo?

– Não é uma decisão fácil, mas estou pensando na família desse homem, e não nele – respondeu Jenny em um tom suave. – Como posso procurá-lo, sabendo que isso poderia arruinar o casamento dele e ter consequências terríveis para os seus filhos? Tenho certeza de que ele e Chloe passaram apenas uma noite juntos, um erro cometido pelos dois.

Alex envolveu-lhe uma das mãos nas suas.

– Você é muito compreensiva – disse ele, acariciando-a com o polegar e aparentando estranhamente hesitante pela primeira vez na vida.

– Bem, depois de ontem à noite não sou mais tão ingênua com respeito a sexo – confessou Jenny, um sorriso triste surgindo em sua boca macia. – Sou capaz de compreender que as pessoas podem ser subjugadas pela emoção. O bom senso pode saltar pela janela, mesmo que seja por uma aventura que dure apenas uma noite.

Como poderia condenar Chloe quando ela mesma cedera à intensidade de suas emoções na noite anterior?

– Apenas uma noite? – O tom de Alex soou rouco. – É isso que você acha que a noite passada foi para nós?

Jenny corou ligeiramente e tentou livrar a mão, mas ele a segurou com firmeza.

– Alex, eu sei que tipo de homem você é. Sei sobre a sua regra de três meses.

– Sempre acreditei que as regras existem para serem quebradas. – Ele apertou-lhe a mão. – Preciso lhe dizer algumas coisas sobre mim mesmo. Coisas que nunca compartilhei com ninguém, além de minhas irmãs.

Jenny permaneceu imóvel, mal ousando respirar, desejando saber o que estava por vir. Alex não tinha o hábito de falar de si mesmo. E, é claro, estava sentindo certa dificuldade.

– Meus pais tiveram o pior casamento que você pode imaginar – disse ele, sem rodeios. – Brigavam o tempo todo, e meu pai tinha uma série de casos públicos que minha mãe preferia ignorar.

– E você vivenciou tudo isso?

– Felizmente eu e minhas irmãs fomos enviados a um colégio interno ainda bem crianças.

Felizmente?

Jenny sentiu o coração apertado ao imaginar como um pequeno menino devia ter se sentido ao ser levado para longe de casa. Longe de todo o contato com a família.

– Deve ter sido horrível para você.

– Horrível? – Ele deu uma risada amarga. – Na verdade, foi uma fuga do inferno. As férias eram horríveis, mas eu sempre costumava conseguir um convite para ficar na casa de um amigo.

Jenny o fitou pesarosa. Não era de admirar que Alex fosse tão independente. Começara a viver por conta própria em uma idade em que a maioria das crianças ainda era totalmente dependente dos pais.

– E essa é a razão pela qual você nunca quis se comprometer com uma mulher? – perguntou ela em voz baixa. – Porque acha que todos os casamentos são iguais ao dos seus pais?

Ele fez uma negativa com a cabeça.

– Não. Sei que nem todos os casamentos são assim. Libby e Katy são exemplos disso. Ambas são loucamente apaixonadas por seus respectivos maridos. Nunca pensei que o casamento fosse para mim. Para ser honesto, até hoje jamais vi algum propósito em me casar. Sempre acreditei que o casamento apenas obriga pessoas a ficarem juntas, pessoas que não deveriam estar juntas, e às vezes os filhos são pegos no meio do fogo cruzado.

Até hoje?

O que ele quisera dizer com "até hoje"?

Banindo o pequeno broto de esperança que começava a florescer dentro dela, Jenny mal ousava respirar.

– O que mudou hoje?

Alex soltou-lhe a mão e lhe envolveu o rosto, olhando profundamente em seus olhos.

– Hoje foi o dia em que você tentou sair da minha vida. Hoje foi o dia em que eu finalmente entendi por que as pessoas se casam. Hoje finalmente descobri o que as pessoas querem dizer com a palavra "amor". É o que eu sinto por você, Chapeuzinho Vermelho.

Jenny o fitou, muda. Ele não podia estar dizendo o que ela achava que acabara de ouvir. Devia ter entendido mal.

– Alex? – Sua voz soou como um murmúrio melancólico. Ele baixou a cabeça e beijou-lhe os lábios entreabertos suavemente.

– Jenny, quero ser o homem na vida de Daisy. E quero ser o homem da sua vida. Uma noite não é suficiente e três meses também não.

Ela olhou para ele.

Alex queria Daisy?

E a queria também?

– Você não vai dizer nada? – Seu olhar azul de repente parecia intenso. – Ontem à noite disse que me amava, Jenny. Estava falando sério? Você me ama o suficiente para se casar comigo?

Jenny passou a língua sobre os lábios ressecados.

– Você quer se casar comigo?

Ele deu um sorriso irônico.

– Nunca pensei que tivesse de repetir essas palavras. Isso é muito esnobismo da sua parte. Sim, quero me casar com você. E quero me casar porque de modo algum permitirei que outro homem coloque um dedo em você. Ontem à noite eu a fiz minha e tenho toda a intenção de mantê-la minha. Você deixou o lobo mau entrar na sua vida e agora não há como escapar.

Envolta por uma nuvem de euforia, Jenny sorriu. Aquilo parecia uma fantasia, e ela mal podia acreditar.

Será que a vida real de fato tinha finais como aquele?

– Você quer mesmo se casar comigo? – Mordeu o lábio e olhou para ele. – Eu arruinei a sua vida de solteiro.

– Totalmente.

– Eu o convenci a tomar café da manhã.

O olhar de Alex pousou sobre os lábios dela.

– Eu amo o seu café da manhã.

– Escondi o seu uísque.

Os olhos azuis brilharam.

– Nunca pensei que pudesse dizer tal coisa, mas descobri que há algo que prefiro mais do que uísque.

Ela corou.

– Alex…

– Gostaria de saber se algum dia você vai parar de corar – disse ele, acariciando-lhe o rosto com um dedo. – Talvez após 50 anos convivendo comigo se acostume com a minha voracidade.

– Eu ainda não disse sim.

Ele sorriu.

– Mas vai dizer.

– É muito seguro de si, dr. Westerling – murmurou ela, sentindo o aumento da frequência cardíaca de forma dramática. – E se eu disser não?

– Não entendo a palavra não – gemeu ele, inclinando-se para se apossar de sua boca com mais um beijo suave. – Tive uma educação muito limitada.

– Não posso acreditar que você queira nós duas.

– Bem, eu quero. E farei o possível para ser o melhor pai para Daisy. Sei que fui muito arrogante no passado, mas você me mudou, Jen. Posso aprender a ser pai.

Erguendo a mão, Jenny tocou-lhe o rosto.

– Nunca tive dúvidas de que você seria um pai maravilhoso. Só você não enxergava isso.

– Porque não acreditava que poderia me comprometer com alguém e não estava disposto a me arriscar a ter filhos de um relacionamento condenado.

– E agora? Acredita que vai ser um bom pai?

– Com você como mãe, com certeza – gemeu ele, beijando-a até o quarto começar a girar. – E se eu alguma vez sair da linha, tenho certeza de que você me dirá. E agora, será que pode acabar com a minha tortura e me dar uma resposta? Quer se casar comigo ou vai encher sua cesta de bolinhos e voltar para a floresta à procura da vovozinha?

– Ela vive na casa – Jenny o lembrou, e Alex deu de ombros.

– Está vendo? Eu realmente vou precisar da sua ajuda para ser um bom pai. Então, o que me diz?

– Sim. – Que outra resposta poderia haver se não sim? – Sim mesmo.

Ele sorriu.

– Sim mesmo?

– Sim, sim mesmo.

– Nesse caso, você pode querer usar isto, apenas no caso de algum desses médicos, que ficam entrando no quarto para examiná-la, colocar ideias na cabeça. – Ele enfiou a mão no bolso da calça e retirou uma pequena caixa de veludo e a abriu.

Jenny ofegou ao ver o lindo anel de diamantes.

– Isso é para mim?

– A menos que queira que eu o coloque no dedo de Daisy.

– M-mas quando você teve oportunidade de comprá-lo? – De repente, ela não podia suportar o fato de que ele poderia ter escolhido aquele anel para outra mulher.

– Pressionei o joalheiro a abrir a loja mais cedo para mim – respondeu Alex, colocando o anel no dedo dela. – Sei o que você está pensando, mas nunca comprei um anel para nenhuma outra pessoa em toda minha vida. Confie em mim. Este é só seu.

Só dela?

Jenny olhou para o dedo com os olhos cheios de lágrimas.

– Isto parece um conto de fadas.

– Não exatamente – Alex zombou suavemente. – No conto de fadas, o lobo mau não termina com a Chapeuzinho Vermelho.

Jenny sorriu.

– Sempre achei o lobo mau terrivelmente incompreendido.

Alex ergueu os cantos da boca com um sorriso indolente.

– Eu não teria tanta certeza sobre isso.

Então, baixou a cabeça e beijou-a.

# *Epílogo*

A FESTA no jardim estava em pleno andamento. Um exército de garçons circulava com champanhe, e os convidados se misturavam em grupos no gramado.

– Não posso acreditar que papai concordou com um escorregador inflável – disse Alex, observando com diversão enquanto as crianças escorregavam, pulavam e gritavam de alegria.

– Ele não concordou. – Libby sorriu de modo presunçoso para o irmão. – Eu mandei vir e ponto. Minhas meninas adoram escorregadores infláveis e não vejo por que não deviam curtir a festa. É mais do que tivemos quando crianças. Arranjei tudo para que eles trouxessem o brinquedo apenas algumas horas atrás, de modo que o papai não tivesse tempo para protestar.

Alex riu e olhou para baixo, para ver Daisy puxando a perna de sua calça.

– Olá, meu anjo. – Erguendo-a nos braços, deu-lhe um beijo na bochecha. – Está se divertindo?

– Ela é linda, Alex. – Libby sorriu ao olhar para a menina. – Mal posso acreditar que já faz dois anos e meio que a conheci. Lembra da minha picada de abelha? Foi tão horrível!

Alex ergueu uma sobrancelha.

– Picada de abelha? Que picada de abelha? – Mas apesar do tom de zombaria, olhava para a irmã com ternura. – Suponho que esteja carregando adrenalina com você?

Libby assentiu e alisou a bolsa.

– Claro. Andreas está totalmente paranoico com isso. Tem estoques do medicamento em todos os lugares.

– Ótimo. – Alex olhou através do gramado e fez uma careta. – Você já viu Athena? O que ela andou comendo desta vez?

Libby sorriu feliz.

– Ketchup. Andreas proibiu, mas ela sorriu para um dos garçons e ele lhe trouxe uma garrafa gigante. Há pouco a impedi de enxugar os dedos no casaco do primeiro-ministro.

– Um primeiro-ministro com listras "vermelhas" na roupa – disse Alex, os olhos azuis repletos de divertimento. – Uma declaração política bem interessante.

Libby olhou do irmão para Daisy.

– Já se passaram dois anos. Você nunca vai nos contar quem é o verdadeiro pai dela?

Ele ficou tenso.

– Eu sou o pai – afirmou em voz baixa, abraçando a criança com mais força. – Ela é a minha menina, não é mesmo, querida?

Alex acariciou o pescoço de Daisy, que riu alegremente. Naquele momento, Jenny veio ao encontro deles, usando um elegante vestido de linho azul.

– Essa cor lhe cai muito bem – comentou Libby em um tom caloroso. – E os sapatos combinam demais com o vestido.

Jenny olhou para si mesma e sorriu tímida.

– Foi muita gentileza da sua parte emprestá-los para mim. Estou andando com todo cuidado. Não estou acostumada a estes saltos altos. Tenho medo de fraturar algum osso. Por outro lado, é bom não me sentir tão pequena em comparação a Alex. – Ela se virou para o marido com uma expressão maravilhada no rosto. – Você sabia que Libby tem *sessenta e três* pares de sapatos?

Alex bocejou.

– Só? Então deve ter vendido alguns.

Libby riu e deu-lhe um tapinha no ombro.

– Homem abominável. Bem feito que Jenny o esteja corrigindo.

Os olhos de Alex brilharam e pousaram sobre a esposa.

– Corrigindo-me? – Ele deu um passo na direção de Jenny, apreciando seu rosto corado com ternura. – Eu não penso assim.

– Alex. – Jenny recuou e olhou em volta consciente. – Não quero chocar o seu pai.

– Ah, mas eu quero – disse Libby feliz. – É o meu passatempo predileto. Vá em frente. Choque o papai.

– Não o encoraje, Lib.

Naquele instante, Katy se aproximou, segurando as mãos dos seus dois meninos de sete anos de idade.

– Papai melhorou bastante. Está fazendo um esforço gigantesco para relaxar. – Ela se virou para Jenny. – Onde estão seus gêmeos?

– Com Andreas e Jago – respondeu ela apontando para o extremo oposto do gramado. – Fazendo-os de gaiola labirinto.

Katy riu.

– Não é incrível? Dois pares de meninos gêmeos na família.

Alex estendeu a mão e puxou Jenny para si, em um gesto totalmente masculino de posse.

– Na verdade, eu preferia que eles tivessem nascido em épocas diferentes. – Ele deu um beijo suave na cabeça da esposa. – Fiquei preocupado com você durante a gravidez inteira. Parecia delicada demais para carregar um bebê com segurança no ventre, que dirá dois.

Jenny o fitou com amor e Libby e Katy se derreteram ao fundo, trocando sorrisos de cumplicidade.

Os dois se afastaram com Daisy.

– Então… – A voz máscula de Alex soou tão sexy que fez as terminações nervosas de Jenny formigarem. – Gostaria de escapulir para algum lugar com mais privacidade?

Os olhos dela se arregalaram.

– Alex, não podemos.

Um sorriso lento brotou-lhe nos lábios.

– Estamos casados há quase dois anos, Jen. Eu lhe dei dois bebês. Como ainda pode corar?

– A culpa é sua! – Ela mordeu o lábio e desviou o olhar. – Você sempre me faz sentir, sentir…

– Sim? – Ele deu mais um passo à frente, desta vez não lhe dando chance de recuar. – Como eu a faço se sentir?

Olhando fixamente em seus olhos azuis, Jenny sentiu seu estômago cheio de borboletas.

– Oh, Alex, eu o amo tanto.

Ele respirou fundo e baixou-se para colocar Daisy no chão.

– Querida, vá brincar com sua prima Zoe por cinco minutos. – A criança correu feliz, e ele seguiu-a com os olhos por alguns segundos, verificando se estava em segurança. Em seguida, voltou sua atenção para a esposa. – Venha comigo.

Segurando-a pela mão, seguiu ao longo de um caminho que levava para longe dos convidados, em direção a um lago artificial.

– Para onde estamos indo?

– Para um lugar com mais privacidade. – Alex sorriu. – Sei que você não gosta de demonstrações de afeto em público.

Ao chegarem ao lago, puxou-a para a sombra protetora de um salgueiro-chorão.

– Agora explique-me, Jenny Westerling. – Com a voz impregnada de promessas, encostou-a ao tronco da árvore, bloqueando-lhe a passagem. – O que estava dizendo sobre me amar?

Jenny deixou escapar um gemido e ergueu-se para beijá-lo na boca.

O calor os envolveu. Ela passou os braços em torno do pescoço dele, tremendo enquanto Alex aprofundava o beijo. Quando ele, por fim, ergueu a cabeça, nenhum dos dois estava sorrindo.

– Droga! – Seu tom soou rouco. – Vamos para casa.

Ainda sob o domínio da escaldante atração sexual, Jenny o fitou aturdida.

– Alex não podemos.

– Jenny, eu a quero. Agora. – Ele afastou-lhe os cabelos do rosto com uma das mãos que estava muito longe de ser estável. – Ou vamos embora ou fazemos amor aqui mesmo, nos arriscando a sermos vistos. A escolha é sua.

Os joelhos dela tremiam.

– Alex, as crianças…

– Ficarão mais do que felizes em permanecerem na festa – respondeu ele em um tom suave. – Creia-me, papai não vai perceber se ficarmos ou formos embora. Está muito ocupado fazendo contatos. Para ser franco, prefiro ir para casa, onde posso lhe arrancar esse vestido e fazer o que estou com vontade de fazer desde que saímos da Cornualha, esta manhã.

Jenny corou.

– Alex, passaram-se apenas oito horas desde que nós… – Ela pausou, completamente envergonhada.

Os olhos azuis brilharam com diversão.

– Sim, meu anjo? Desde que…?

Jenny o fitou, impotente. Não importava quantas vezes haviam feito amor, ela ainda o desejava com um desespero que a chocava.

– Eu o amo, Alex. – Ela respirou fundo e ele soltou um gemido, curvando a cabeça na sua direção.

– E a amo, querida. Mais do que qualquer coisa no mundo. Vamos para casa.

E ambos partiram…

HARLEQUIN Desejo Dueto

TODOS OS MESES NAS BANCAS

*Edições mensais com duas histórias da mesma saga.*

A DINASTIA DOS LASSITERS

HERDEIROS EM DISPUTA PELA LIDERANÇA DE UM IMPÉRIO SÃO ARREBATADOS POR PAIXÕES INUSITADAS!

# LEIA O PRÓLOGO GRÁTIS!




Disponível gratuitamente em formato eBook até 01/06/2015 no endereço www.leiaharlequin.com.br

HARLEQUIN

Paixão

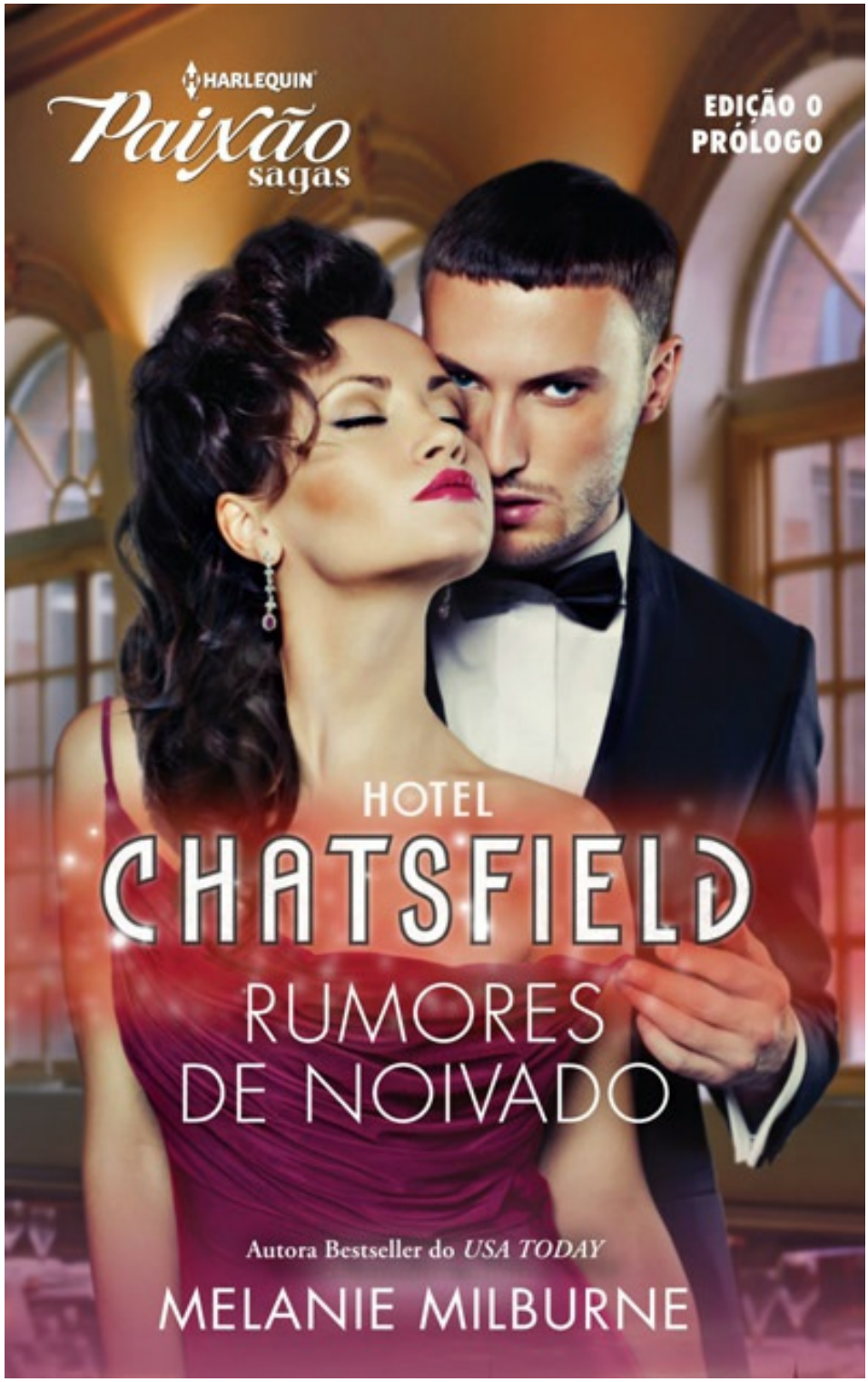
sagas

HOTEL

# CHATSFIELD

SOFISTICAÇÃO, DESEJO...
E ESCÂNDALOS!

# LEIA O PRÓLOGO GRÁTIS!




Disponível gratuitamente em formato eBook até 01/06/2015 no endereço www.leiaharlequin.com.br

Leitura Facil

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M846e

Morgan, Sarah
Encontro de corações [recurso eletrônico] / Sarah Morgan; tradução Gracinda Vasconcelos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2015.
recurso digital: il.

Tradução de: The english doctor's baby
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-398-0871-7 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Vasconcelos, Gracinda. II. Título.

15-22099

CDD: 823
CDU: 821.111-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE ENGLISH DOCTOR'S BABY
Copyright © 2004 by Sarah Morgan
Originalmente publicado em 2004 por Mills & Boon Medical Romance

Projeto gráfico e arte-final de capa:
Ô de casa

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Texto de capa
Rosto
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Epílogo
Próximos lançamentos
Créditos